

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
MUSEU NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
MESTRADO INTERINSTITUCIONAL (MINTER) DCS-UFV/MN-UFRJ**

André Luis Santos de Souza

“VESTIR A LIBRAS NO CORPO”

A construção de uma “diferença” demarcada pela “cultura surda” na Zona da Mata

Mineira

Rio de Janeiro/Viçosa

2019

“VESTIR A LIBRAS NO CORPO”

A construção de uma “diferença” demarcada pela “cultura surda” na Zona da Mata
Mineira

André Luis Santos de Souza

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: María Elvira Díaz-Benítez
Co-orientadora: Ana Luisa Borba Gediel

Rio de Janeiro/Viçosa

2019

SOUZA SANTOS, André Luis
“Vestir a Libras no corpo”: A construção de uma “diferença” demarcada pela “cultura surda”
na Zona da Mata Mineira / André Luis Santos de Souza – Rio de Janeiro/Viçosa: Minter UFV-
DCS/UFRJ-MN-PPGAS, 2019.

108f.:il.

Orientadora: Maria Elvira Díaz Benítez

Co-orientação: Ana Luisa Borba Gediel

Dissertação – Minter UFV-DCS/UFRJ/Museu Nacional /Programa de Pós Graduação em
Antropologia Social, 2019.

Referências bibliográficas f. 106-108.

Folha de aprovação

“VESTIR A LIBRAS NO CORPO”: A construção de uma “diferença”
demarcada pela “cultura surda” na Zona da Mata Mineira

Banca examinadora:

María Elvira Díaz-Benítez (Orientadora)

Ana Luisa Borba Gediel (Co-orientadora)

Marília Facó Soares (membro)


Douglas Mansur (membro)

Victor Luiz Alves Mourão (membro)

DEDICATÓRIA

As experiências e memórias narradas ao longo do trabalho aconteceram antes da escrita etnográfica propriamente dita. Ao longo de quase uma década, passei a conviver com algumas pessoas com as quais estabeleci contato aproximado devido a minha inserção na universidade e em pesquisas de campo. Este trabalho contou com a ajuda de muitos interlocutores, diretos e indiretos, em todas as etapas desta investigação.

Dedico este trabalho a todos àqueles e àquelas que contribuíram para a elaboração deste estudo etnográfico, especialmente, a todos os meus amigos/as surdos/as moradores da Zona da Mata Mineira.

E a  *in memoriam*.

AGRADECIMENTO

Antes de tecer alguns agradecimentos especiais, preciso dizer que muitas foram as pessoas que colaboraram com minha jornada acadêmica. Lembro nitidamente minha chegada na Universidade Federal de Viçosa, lugar onde viveria uma das melhores aventuras: entrar em contato com o “mundo dos surdos” através de algumas pessoas. E foram elas que me ajudaram a construir e perceber uma realidade cultural, social, linguística e multissensorial diferente do que eu já havia experimentado.

Agradeço a todos os agentes surdos, intérpretes e professores que compartilharam comigo a Libras, afetando minha modelagem corporal e, ao mesmo tempo, permitindo acesso a um tipo de corporalidade surda. Agradeço enormemente à toda a minha família, em especial à meu pai João Ciro e à minha mãe Maria Madalena, pelo apoio moral e financeiro ao longo desta história.

Agradeço aos meus amigos mais próximos por terem suportado minhas ausências nas confraternizações e por terem aguentado minhas reclamações sobre a escrita da dissertação e sobre o término do mestrado, em especial Gisele Rastoldo, Rodrigo Muller, Lívia Rabelo, Ramon Teixeira, Amanda Almeida, Emanuel Vieira, Wagner da Silva, Mário Félix e Wilemar Moura. Agradeço imensamente à professora Maria Envira Benitez e à Ana Gediel pelo carinho e orientação paciente ao longo dos anos de Iniciação Científica e mestrado. Lembro-me dos cafés com estudos csordianos que tomávamos em sua casa, ...pela janela o cheiro de café exalado devido a torra na beneficiadora vizinha, enquanto isso o gato Flitz roçava no colo de Isabelle Araújo.

Agradeço especialmente à professora Maria Elvira pela paciência, atenção e carinho em aceitar meu convite para ser orientadora neste trabalho, contando no campo teórico-metodológico apenas com nossa afinidade relativa leitura a respeito da *corporalidade*. Fico muito grato do seu aceite ao meu convite planejado, mas direcionado à ela motivado por um certo impulso de fã, quando vi seu nome na lista dos professores possíveis de serem orientadores do programa de mestrado que poderia me orientar.

Agradeço aos professores do Departamento de Ciências Sociais pelo apoio e atenção que sempre tiveram comigo durante minha formação acadêmica, especialmente, as professoras Vera Muniz e Nádia Dutra, e aos professores Marcelo Oliveira, Douglas Mansur e Victor Mourão. Agradeço, de forma carinhosa, aos amigos ouvintes e surdos Marcinha, Wilson, Arlindo, Charley, Leuciane, Samuel, Erivaldo, Toninho, Daniel,

Regiane, Carlos, Carla, Michelle, Vinícius, Willian, Luana, Sirlara e Giovanna, agentes que que diretamente me ajudaram com o aprendizado da Libras e com as investigações durante a realização do trabalho.

Agradeço aos professores envolvidos na parceria interinstitucional, que possibilitou a abertura de uma turma de mestrado acadêmico na Zona da Mata Mineira, pelo empenho e esforço, tanto dos professores do Museu Nacional quanto dos seus ex-alunos, agora coordenadores locais no Departamento de Ciências Sociais: Guilherme Vega Sanabria, Douglas Mansur, Ana Luisa Gediél, Raquel dos Santos S. Lima; do Museu Nacional os professores Renata de Castro Menezes, Marília Facó Soares, Luiz Fernando Duarte, John Cunha Comerford, Moacir Palmeiras e entre outros que, direta ou indiretamente, articularam para que o mestrado interinstitucional (Minter) fosse uma realidade concreta e também abstrata na ZMM.

Agradeço à Fundação Arthur Bernardes por financiar dois anos de pesquisa de iniciação científica e à Universidade Federal de Viçosa por ter me apoiado com suportes técnicos e conhecimentos.

[...] quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceitei a pessoa [...]. Quando eu rejeito a língua, eu rejeitei a pessoa, porque a língua é parte de nós mesmos [...] Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o direito de ser surdo.

Terje Basilier

RESUMO

“VESTIR A LIBRAS NO CORPO”: A construção de uma “diferença” demarcada pela “cultura surda” na Zona da Mata Mineira

André Luis Santos de Souza

Orientadora: María Elvira Díaz-Benítez

Co-orientadora: Ana Luisa Borba Gediel

O *fenômeno da surdez* manifestado no corpo em suas variadas formas gera reações sociais que alteram o modo como as pessoas passam a se relacionar e/ou interagir (comunicar) entre si e com o mundo. Por atingir uma minoria social, a *surdez* é interpretada por muitos “ouvintes” (a maioria) como uma “doença” ou “anomalia” em comparação ao corpo dito saudável, possuidor dos cinco sentidos em bom estado de funcionamento. Neste contexto, a perspectiva biomédica ou clínica terapêutica foca na “lesão” do corpo, interpretando-a como doença, recebendo status de “deficiência auditiva”. Na contramão, a perspectiva socioantropológica da *surdez* é vista como uma “diferença”, uma condição própria de “ser”, “estar” e “perceber” o mundo por meio da língua de sinais (Libras), da construção de uma “identidade” e “cultura surda” sintetizadas na categoria “surdo”. Esta realidade contrastante gera conflitos de ordem simbólica e pragmática para o cotidiano de muitas pessoas surdas. Com base no pano de fundo apresentado, esta dissertação busca analisar o processo de construção de uma “diferença” a partir de um determinado tipo de *corporalidade surda* acionada pela Libras, pela categoria “surdo” e pela noção de “cultura surda”. Para responder a este objetivo, foi realizado um trabalho de campo que permitiu a construção de uma etnografia que englobasse o cotidiano, conflitos, arranjos e modos de se expressar através do corpo e da língua em contextos de *eventos e/ou situações sociais*. A pesquisa foi realizada ao longo dos anos de 2011 a 2018 em uma microrregião da Zona da Mata Mineira (ZMM).

Palavras-chave: Corpo, Libras, Cultura, Diferença, Corporalidades surdas.

ABSTRACT

“WEARING LIBRAS IN BODY”: The construction of a “difference” marked by the “deaf culture” in Zona da Mata Mineira

André Luis Santos de Souza

Orientadora: María Elvira Díaz-Benítez
Co-orientadora: Ana Luisa Borba Gediel

The phenomenon of deafness manifested in the body in its various forms generates social reactions that change the way people come to relate and / or interact (communicate) with each other and with the world. By affecting a social minority, deafness is interpreted by many “listeners” (most) as a “disease” or “anomaly” in comparison to the so-called healthy body, possessing the five senses in good working order. In this context, the biomedical or clinical therapeutic perspective focuses on the “injury” of the body, interpreting it as a disease, receiving “hearing impairment” status. On the other hand, the socio-anthropological perspective of deafness is seen as a “difference”, a proper condition of “being”, “being” and “perceiving” the world through the sign language (Libras), the construction of an “identity”. and “deaf culture” synthesized in the “deaf” category. This contrasting reality generates symbolic and pragmatic conflicts for the daily lives of many deaf people. Based on the background presented, this dissertation seeks to analyze the process of building a "difference" from a certain type of deaf corporality triggered by Libras, the category "deaf" and the notion of "deaf culture". To answer this objective, a fieldwork was carried out that allowed the construction of an ethnography that encompassed daily life, conflicts, arrangements and ways of expressing oneself through the body and language in contexts of events and / or social situations. The research was conducted from 2011 to 2018 in a microregion of Zona da Mata Mineira (ZMM).

Key-word: Body, LIBRAS, Culture, Difference, Embodiment deaf.

Lista de Ilustrações

Imagem 01: Gravou-se minha sinalização da pergunta “você é surdo ou ouvinte? Depois, através dos <i>frames</i> do <i>Adobe After Effects</i> , produziu-se imagens no <i>CorelDRAW</i>	p. 45
Imagem 02: Fluxograma esquemático teórico-metodológico representando a relação entre corpo organismo, sua consonância com o meio social e ambiente (<i>bio-psico-social</i>).....	p. 56
Imagem 03: Representação cartográfica da microrregião onde residem e circulam as agentes da rede social da Libras. Microrregião da Zona da Mata Mineira (ZMM).....	p. 61
Imagem 04: Alfabeto manual ou datilológico da Língua Brasileira de Sinais.....	p. 63
Imagem 05: Representação do meu <i>signal-próprio</i>	p. 66
Imagem 06: Legenda e representação gráfica da rede social da Libras mapeada pelo estudo.....	p. 71-2
Imagem 07: Fluxograma representação infográfica do núcleo da rede que agrega os principais agentes da Libras.....	p. 75
Imagem 08: Desenho da representação do sinal referente a categoria “surdo”	p. 87
Imagem 09: <i>Frames</i> do momento em que o interlocutor sinaliza “eu quero ser professor surdo de química para aluno surdos. Quero ser um modelo para eles [...]”	p. 95
Imagem 10: <i>Frames</i> dos sinais utilizando na sentença “mostra um pouco sobre a cultura surda [...]”	p. 96
Imagem 11: <i>Frames</i> da sentença [...] “Então! eu por exemplo, eu sou surdo, minha característica própria [...]”	p. 97
Imagem 12: <i>Frames</i> da sentença “[...] por exemplo, eu sou surdo, minha própria característica [...]”	p. 98
Imagem 13: <i>Frames</i> da sentença “[...] participar da Associação de Surdos para ter contato [...]”	p. 99
Imagem 14: <i>Frames</i> da sentença “[...] dia 26 de setembro tem a passeata para comemorar o dia dos surdos [...]”	p. 100
Imagem 15: <i>Frames</i> da sentença “[...] passeatas dos surdos [...]”	p. 101
Imagem 16: Fotografia do momento que os “surdos” caminham na primeira passeata da região ocorrida na cidade de Ponte Nova (MG).....	p. 113
Imagem 17: Imagem de sinais da Libras arranjados para formar o sentido de “passeata dos surdos”	p. 113
Imagem 18: Fotografia do momento que um “surdo” segura um cartaz sintetizando os significados do “setembro azul”	p. 115
Imagem 19: Fotografia do momento que a passeata acontece, interditam um trecho da rua e atravessam o cotidiano com mãos, cartazes e balões azuis no suspensos e em movimento.....	p. 115
Imagem 20: Representação geográfica do trajeto realizado pela primeira “passeata dos surdos” da região, capitada via <i>google maps</i>	p. 116
Imagem 21: Fotografia do momento encerramento da passeata, como de costume parada para a “foto do grupo” de manifestantes surdos.....	p. 117

Lista de abreviaturas e siglas

UFV – Universidade Federal de Viçosa

ASPON – Associação de Surdos de Ponte Nova e região

ASSP – Associação de Surdos de São Paulo

ZMM – Zona da Mata Mineira

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

CELIB – Curso de Extensão em Língua Brasileira de Sinais

ASL – *American Sign Language*

CM – Configuração de Mão

L – Locação

M – Movimento

OR – Orientação da palma da mão

ENM – Expressão Não Manual

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

ONGs – Organizações Não Governamentais

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos










ASPON – Associação de Surdos de Purina

IES – Instituição de Ensino Superior

FUNARB – Fundação Arthur Bernardes

PRELIN – Programa de Extensão em Ensino de Línguas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 15
CAPÍTULO : LIBRAS, “CORPO SURDO” E SURDEZ NO CONTEXTO ETNOGRÁFICO.....	p. 27
1.1. A <i>surdez</i> enquanto fenômeno biológico e social presente na produção da “diferença”	p. 31
1.2. A <i>surdez</i> entre o “normal” e o “patológico”	p. 36
1.3. As fronteiras da “normalidade”	p. 40
1.4. “Você é ‘surdo’ ou ‘ouvinte’ [ou ‘deficiente auditivo’]?”	p. 43
1.5. Uma gramática corporal (visão espacial)	p. 45
1.6. Agentes, rede social e instituições locais engajadas com a Libras	p. 50
1.7. O “jogo” das corporalidades “em contexto”	p. 52
1.8. <i>Corporalidades Surdas</i> (?)	p. 56
CAPÍTULO : “VESTIR A LIBRAS NO CORPO” PARA ACESSAR UM CAMPO DE PESQUISA	p. 59
2.1. Acessando uma rede de sinais corporificados pela Libras em uma microrregião da Zona da Mata Mineira (ZMM)	p. 60
2.2. Os agentes líderes na/da rede social da Libras	p. 67
2.3. Interlocutores da pesquisa	p. 74
2.4. Considerações sobre o campo	p. 78
CAPÍTULO : SINAIS CORPORIFICADOS ATRAVÉS DOS AGENTES DA REDE DA LIBRAS ENGAJADOS EM INSTITUIÇÕES SOCIAIS LOCAIS	p. 80
3.1. O CELIB como uma “força agregadora” de eventos sociais extraordinários	p. 82
3.1.1. Evento: reunião de orientação pedagógica com  e 	p. 84
3.1.2. Evento: aula sobre “cultura surda” com 	p. 87
3.1.2.1. Sobre a biografia de 	p. 88
3.1.2.2. Articulando a participação de  numa aula do CELIB	p. 92
3.1.2.3. Evento extraordinário: a aula	p. 93
3.2. A “passeata dos surdos” como um ritual político e a “cultura surda” como uma arma política mobilizada pelo “povo surdo”	p. 103
3.2.1  como principal articuladora da primeira “passeata dos surdos” da região	p. 108
3.2.2. O simbolismo atribuído ao mês de setembro	p. 110
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 119
BIBLIOGRAFIAS	p. 122

“VESTIR A LIBRAS NO CORPO”

A construção de uma “diferença” demarcada pela “cultura surda” na Zona da Mata
Mineira

INTRODUÇÃO

*Quantas vezes eu pedi uma Escola de Surdos e
você achou melhor uma escola de ouvinte.
Várias vezes eu sinalizei as minhas necessidades e
você as ignorou, colocando as suas ideias no lugar.
Quantas vezes levantei a mão para
expor minhas ideias e você não viu.
Só prevaleceram os seus objetivos ou você tentava
me influenciar com a história de que a Lei é essa e
que a Escola de Surdo não pode existir
por estar no momento da “Inclusão”.*
*Eu fiquei esperando mais uma vez... em meu pensamento...
Ser Surdo de Direito é ser “ouvido”...
é quando levanto a minha mão e você me permite
mostrar o melhor caminho dentro de minhas necessidades.
Se você Ouvinte me representa,
leve os meus ensejos e as minhas solicitações
como eu almejo e não que você pensa como deve ser.
No meu direito de escolha, pulsa
dentro de mim: Vida, Língua, Educação e Cultura
e um Direito de ser Surdo.
Entenda somente isso!*

(Poema “Lamento oculto de um surdo” de Shirley Vilhalva, 2004)

O poema “Lamento oculto de um surdo” da pedagoga Shirley Vilhalva, mestre em linguística e professora universitária, desenha uma problemática em torno do *fenômeno da surdez*, em que o “ser surdo” é destacado como uma “diferença” que se expressa através da língua de sinais em um mundo significado por meio da percepção daquele que “não ouve”. Os versos apresentados por ela evidenciam um contraste de conflitos, interpretações, significações e arranjos corporais em torno da *surdez* muitas vezes compreendida e normatizada a partir de percepções advindas de experiências “ouvintes”, como podemos observar no trecho “[...] várias vezes eu sinalizei as minhas necessidades e você as ignorou, colocando as suas ideias no lugar”.

Inspirado neste poema, começo mobilizando algumas das questões suscitadas devido à problemática que envolve *a surdez*, o *corpo* e a *língua de sinais*, dimensões exploradas parcialmente (e provisoriamente) nesta dissertação. Nela, será analisado o *fenômeno da surdez* através do processo de produção do corpo, da Língua Brasileira de

Sinais (Libras) e da “cultura surda” para demarcar uma “diferença” expressada através de um *tipo de corporalidade*¹.

A “surda”, autora do poema, destaca os conflitos de ordem simbólica e pragmática envolvendo sua relação com as instituições sociais²: família e escola. Ainda, chama a atenção para um modo “diferente” de se relacionar e compreender o “mundo” através da expressão de uma *corporalidade* não ouvinte, mas potencialmente visual e gestual espacial. As problemáticas mobilizadas pelo poema são muitas e múltiplas, um choque de visão de mundo experienciada por meio do corpo das pessoas “ouvintes”, “deficientes auditivos” e “surdas” (identidades sociais em jogo no contexto). No campo dessas disputas os agentes buscam por afirmação de um modo de ser que perpassa pelo corpo, pela língua e pelas identidades sociais. Tal fato leva-nos a refletir sobre até que ponto as influências sociais, linguísticas, tecnológicas, econômicas entram nas disputas pelas normatizações e normalizações construídas ao redor do fenômeno *da surdez*.

O pano de fundo, que se situa a problemática envolvendo o contexto etnográfico o qual será estudado, engloba o corpo sem audição e a produção de sua “diferença”. Discussões mobilizadas não apenas localmente, mas considerando que essas extravasam a dimensão contextual, entrelaçado por sistemas e organizações que envolvem outros contextos e situações (a contextualização no contexto). Como se observa, alguns tratados e leis surgiram no “mundo ocidental” nos últimos setenta anos, como por exemplo a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) e a Declaração de Salamanca (1994), estas possibilitaram o reconhecimento dos direitos da “pessoa surda” e com “pessoa deficiente auditiva”. No Brasil, a Lei da Libras (10.436/2002) afirma que esta língua de sinais é própria e natural das comunidades surdas do país. Tais instrumentos legais buscaram por assegurar o acesso dessas pessoas às esferas públicas de modo mais igualitário e respeitando suas particularidades.

¹ Um tipo ideal como no modelo weberiano, mas que serve para analisar a complexidade das motivações das pessoas em sua realidade social, envolvendo as múltiplas técnicas corporais que conformam tipos igualmente diferentes de corporalidades.

² Compreendidas aqui como organizações com base em normas, regras e crenças sociais que visam a ordenação e os modos de interações sociais entre os indivíduos e o coletivo (encontro). As instituições possibilitam a socialização (agregação) do indivíduo enquanto um membro do grupo social que está inserido. Vistas como extensão das pessoas, as instituições sociais envolvem objetos e sentidos simbólicos produzidos pelos próprios indivíduos e para ordenar as motivações presentes em torno dos engajamentos dos agentes juntos às instituições sociais e os papéis sociais ocupados por elas dentro de cada instituição.

Ainda, com base no impacto da criação desses documentos legais sobre a realidade social, podemos pensar que as políticas por reconhecimento de direitos e igualdades, no contexto brasileiro, englobaram a institucionalização da Libras através de ações governamentais em resposta às demandas advindas de alguns movimentos sociais. Nesse sentido, a construção de uma “diferença” requerida e demarcada pela/para a Libras e pela identificação com o “ser surdo” para algumas pessoas em específico, e não uma regra e nem consenso geral na sociedade brasileira. Isto porque, o fato de uma pessoa não poder ouvir não significa automaticamente que ela irá se identificar com o “ser surdo” e nem necessariamente fazer uso da língua de sinais (PERLIN, 2003).

Desse ponto, para se compreender as motivações das pessoas em *eventos* historicamente localizados é preciso compreender sua relação com os efeitos advindos de processos históricos e das mudanças sociais. No caso do Brasil, não imune de influências portuguesas, francesas e norte-americanas no campo das políticas educacionais, pode-se observar que a *surdez* sofreu uma ressignificação a partir de pressões advindas de movimentos sociais surdos (de 1980 para cá), que contaram com o apoio de alguns grupos acadêmicos, religiosos e comunidades surdas (STROBEL, 2009; GEDIEL, 2010; ASSIS SILVA, 2012; ASENSIO, 2015).

Por isso, ressalto que os *eventos sociais* analisados neste estudo são, de certa forma, transituacionais, pois parto da compreensão de que as ações do próprio Estado brasileiro impactaram na vida das pessoas, ativando a motivação para algumas das suas ações. Sendo assim, estudar o engajamento dos agentes nos/com os *eventos* analisados foram possíveis graças ao reconhecimento linguístico da Libras pelo Estado para regulamentação de uma educação bilíngue para os “surdos” (Decreto nº 5.626/05), e ainda, devido ao reconhecimento do direito do “surdo” ter acesso igualitário aos bens sociais – políticas de inclusão e acessibilidade (Lei 13.146/15). Por conseguinte, para compreendermos de modo sistemático as motivações por de trás das práticas identitárias/linguísticas/culturais observadas na Zona da Mata Mineira, torna-se relevante considerar os elementos macrosociológicos mencionados até o momento.

No sentido exposto acima, o nível de historicidade presente nos *eventos e práticas sociais*, que serão etnografadas, pode ultrapassar o grupo e a *rede social* analisada. *Rede* esta, formada em grande parte por agentes “surdos” e “ouvintes” motivados por afinidades linguísticas, políticas e identitárias. Diante disso, surgem algumas indagações: De que maneira as políticas linguísticas afetaram o contexto da Zona da Mata Mineira (ZMM)? Como os agentes sociais se apropriaram, se beneficiaram e socializaram um

conjunto de saberes e experiências capazes de produzir uma “diferença” atribuída ao “corpo surdo” em oposição ao “deficiente auditivo” e “ouvinte”? E ainda como se dá o processo de composição de *um tipo de corporalidade* ligada à Libras, à categoria “surdo” e à noção de “cultura surda” (e identidade social)?

Pensando na epígrafe que ilustra o início desta introdução destaco o “choque corporal” e a disputa por *corporalidades* envolvendo formas específicas de se comunicar e significar as coisas do mundo (e as próprias práticas e relações sociais), forjadas para a construção de uma “diferença” demarcada pela “cultura surda” na Zona da Mata Mineira.

O destaque acima teve por objetivo chamar a atenção do leitor para as possibilidades de se fazer um *link* entre as produções macro e macrosociológicas presentes nos fatos etnograficamente narrados ao longo deste trabalho. Durante meu trabalho de campo, fiquei atento às controvérsias, discursos e práticas sociais que, guiadas por determinadas concepções não-binárias necessariamente, oscilavam entre dois polos: de um lado, acionada pela categoria “ouvinte” e do outro pela categoria “surdo”. Entre estes polos, advirto a existência de outras categorias que podem expressar outras formas de percepção e experiência corporal frente ao *fenômeno da surdez* (que não serão estudadas no momento).

Portanto, o movimento pendular entre estes dois polos destacados ora aproximam da “Libras”, ora aproximam da “Língua Portuguesa”, ou às vezes pendula para perto da “normalidade” guiada por uma noção terapêutica, ou ainda em direção à uma concepção da *surdez* como “diferença”. Essa movimentação pode gerar disputas e algumas confusões no senso comum, como por exemplo, entre o próprio uso e atribuição de significados às categorias “surdo” e “deficiente auditivo”. A distinção entre estas “categorias nativas” não é clara para muitas pessoas que não pertencem à *rede social* mapeada durante a pesquisa, principalmente para os “ouvintes” leigos das discussões que serão traçadas nesta dissertação.

Um exemplo, ilustrando a confusão envolvendo os sentidos atribuídos às categorias “surdo” e “deficiente auditivo”, pode ser observado na polêmica gerada em torno do tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)³, aplicada no dia 5 de novembro de 2017. A prova trouxe à tona o tema *Desafios para formação Educacional de Surdos no Brasil*. Muitos comentários nas redes sociais no dia da prova

³ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Anísio Teixeira. Ver mais em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/inicio>.

e depois, com os resultados das correções, destacaram a dificuldade dos candidatos em argumentar em torno da temática mobilizada pela prova, e também, dificuldades em compreensão dos textos motivadores, a relação entre eles e o tema proposto e, ainda, a grande dificuldade observada em dissertar uma proposta de intervenção para a problemática mobilizada pela tema.

Na proposta da redação do ENEM, os textos motivadores mobilizaram as palavras “deficiência” (texto I referente a um trecho da Lei de acessibilidade e inclusão nº 13.146/15, do capítulo IV que dispões sobre o “direito à educação”), e a palavras “surdo”, escrita com “s” minúsculo e com “S” maiúsculo” (textos motivadores: II trazendo o gráfico “Matrícula de Surdos na Educação Básica – Educação Especial”, III mobilizando uma campanha publicitária “sou surdo e pós-graduado em marketing” e texto IV trazendo o trecho sobre “história da educação dos surdos no Brasil”). Alguns candidatos que fizeram a prova, e que conheço, me relataram não saber no momento da escrita da redação, se era correto usar “surdo” ou “deficiente auditivo” ou, ainda, se poderiam ser escritas e compreendidas como sinônimas. Tal evidencia ressaltou minha hipótese inicial da confusão envolvendo práticas sociais capazes de marcar uma distinção entre “ser surdo” e/ou “ser deficiente auditivo”.

Muitas pessoas não conhecem a dimensão política, a discussão teórica acerca das categorias e as marcações de diferenças mobilizadas pelos próprios agentes para expressar a particularidade de suas experiências biográficas/corporais compartilhadas. Entretanto, para aqueles e aquelas que utilizam a Língua Brasileira de Sinais (Libras), tal confusão não foi observada, isso porque, já é sabido que a *surdez* é uma “diferença” e não “deficiência”. Ou melhor dizendo, os agentes inseridos nas redes e/ou comunidade surdas optam por mobilizar a categoria “surdo”, e compartilham da ideia de que a Libras é uma “língua natural” (no sentido de espontânea) dos “surdos” (BRITO FERREIRA, 1996; FELIPE, 1997/2006; QUADROS & KARNOPP, 2004).

Meu intuito no presente trabalho não é estudar todas as categorias e diversidades existentes no campo da *surdez*, entretanto, resalto a importância de considerar a complexidade que envolve a pragmática das categorias “surdo”, “deficiente auditivo”, “surdo-oralizado”, “surdo-mudo”, “surdo-implantado”, e “ouvinte”, por exemplo.

Sendo assim, seguindo essa linha de raciocínio, para compreendermos como se dá o processo de composição de um *tipo de corporalidade surda* ligada à Libras, à categoria “surdo” e à noção de “cultura surda”, tornou-se necessário analisar essas categorias dentro de quadros que conferem inteligibilidades para os corpos (organismo-pessoa). As

narrativas, discursos e eventos que se seguem foram mobilizadas durante o desenvolvimento de um vasto *trabalho de campo* numa microrregião de Minas Gerais (durante quase uma década). Prestei atenção às controvérsias narradas, às demarcações, e às práticas individuais e sociais que mobilizaram, durante minhas investigações, “diferentes concepções normativas de surdez” (ASSIS SILVA, 2012, p. 18).

O trabalho de campo contou com uma perspectiva *teórica-metodológica* embasada na Antropologia Social e Linguística, além disso contou como *estratégia metodológica* o meu aprendizado da Libras, a inserção em uma rede social, a participação em eventos e lugares que passei a compartilhar com os “nativos”, e, ainda contei como *suporte analítico* noção de *remodelagem motor-sensorial* que essa língua de sinais causa nos *corpos*. Além do mais, estruturei minhas investigações a partir dos pressupostos etnográficos e dos instrumentos e técnicas úteis à pesquisa de campo, a saber: participação observante e observação participante (com roteiros semiestruturados), uso de diários e cadernos de campos, fotografias, arquivos secundários fornecidos pelos interlocutores, entrevistas gravadas em vídeos e áudios de narrativas (com roteiros semiestruturados), e ainda, análise de enunciados e eventos contextualizados nas práticas sociais encarnadas nos interlocutores da pesquisa.

Esta dissertação ancora-se numa escrita etnográfica polifônica⁴. Nela, busco, a partir de um “mergulho ao mundo dos surdos/as” moradores da Zona da Mata Mineira (ZMM), descrever, analisar e interpretar evidências, experiências individuais e coletivas produzidas durante o *trabalho de campo*. Para tanto, lancei mão de “categorias nativas” e *categorias analíticas*⁵ para me ajudar a elucidar certa compreensão sobre uma dada realidade encarnada nas pessoas. Tais categorias serão mobilizadas em seu contexto e analisadas dentro de um recorte da complexidade que envolve o *fenômeno da surdez* e a produção do *corpo*, da *língua* e da “cultura surda” para construção de uma “diferença”.

Articulo reflexões e análises acerca da *surdez* pelo viés das experiências biográficas do *corpo-sujeito* (CSORDAS, 2008) / *organismo-pessoa* (INGOLD, 2004), ligado a uma *rede social* composta por *agentes* que ocupam posição de liderança. Estes,

⁴ Um estilo de escrita etnográfica que preserva em sua “autoridade” uma multivocalidade (CLIFFORD, James, 2011, p. 55). Logo, a “polifonia”, como afirma Bakhtin, trata-se de um universo de múltiplas vozes equipolentes. Um texto em que o autor se coloca, tonar-se porta-voz e dá espaço as vozes dos “outros” ditos “nativos”. Em outras palavras, espaço onde os interlocutores nativos e os teóricos da antropologia social e linguística se encontram, tanto no trabalho de campo quanto na escrita etnográfica.

⁵ Utilizarei as “aspas” para indicar citações diretas, expressões e categorias nativas; o *italico* fica reservado para palavras ou expressões em *inglês*, *categorias analíticas* e *fenômenos sociais e biológicos*.

diretamente conectados a alguma instituição educacional, política e/ou religiosa nos municípios investigados.

Dissertarei sobre o processo histórico e social de composição de um *tipo*⁶ de *corporalidade*⁷ vinculada à Língua Brasileira de Sinais (Libras) manifestada numa microrregião mineira. Busco analisar a produção de uma “diferença” acionada pela categoria “surdo” em contraposição às categorias “deficiente auditivo” e “ouvinte”. Essa mesma “diferença” é reivindicatória de uma particularidade, de direitos especiais e de tratamentos igualitários enquanto membro da sociedade brasileira como um todo.

“Surdo”, “deficiente auditivo” e “ouvinte”, mobilizadas aqui enquanto categorias mais gerais (e tipológicas), foram enunciadas pelos “nativos” durante a realização do trabalho de campo. Desse modo, minha atenção voltou-se para tais categorias pelo fato destas serem mobilizadas enquanto marcadores de distinção para diferentes tipos de *corporalidades*. É deste ponto que partem as principais questões de pesquisa que nortearam minhas investigações: Como se dá o processo de composição da “cultura surda” (também acionada como uma identidade social/pública) através do aprendizado da Libras (“vestindo-a no corpo”)? De que maneira as formas coletivas são expressadas na ZMM para a produção de *um tipo de corporalidade* ligada à Libras e ao uso da categoria “surdo” enquanto arma política para demarcação de uma “diferença” (para acionar direitos igualitários)?

Além disso, como a própria “diferença” pode ser mobilizada para reivindicar direitos e justiça social? Em nosso caso, há um consenso entre os interlocutores de que o “povo surdo” parte da sua particularidade linguística para expressar sua “cultura surda”, capaz de mobilizar um reconhecimento de sua “diferença” em consonância com seus direitos sociais e civis resguardados por tal condição. Por isso, nesta dissertação a noção atribuída à “cultura surda” parte dos próprios “nativos” e não do sentido conceitual da *cultura* em si, como mobilizada nos primórdios da Antropologia.

Cultura, percebida para além da palavra enquanto uma categoria analítica e mobilizada como instrumental teórico para a Antropologia, passa a ser questionada após meados do século XX e intensamente criticada na passagem para o século XXI (CUNHA,

⁶ Para Max Weber (1864-1920), os “tipos ideais” seriam construções mentais da realidade para auxiliar, enquanto instrumento axiológico, nas análises sobre as ações das pessoas e situações sociais. Assim, os tipos ideais ajudariam as investigações sobre as ações individuais no coletivo, como uma espécie de parâmetro para se compreender a “ação social”.

⁷ Categoria analítica transposta da noção de *embodiment* de Thomas Csordas (2008), revisada e adequada ao campo com a ajuda da perspectiva do *corpo* enquanto “organismo-pessoa” de Tim Ingold (1991; 2002).

2009, WAGNER, 1975/2010). De um lado, acusava-se que o conceito tratava-se de uma invenção dos próprios antropólogos de um ponto de vista que buscava ressaltar a diferença de comportamentos, hábitos, crenças e modos de construção e classificação de mundo (dentro de uma lógica etnocentrada); do outro lado, o própria categoria passou a ser levada na bagagem dos antropólogos durante suas viagens, sendo difundida, popularizada, apropriada e resignificada por alguns grupos sociais que passaram a utilizar o termo “cultura” como arma política.

No momento em que o conceito de cultura é deixado de lado por alguns antropólogos, ele passa a ser enfatizado por muitos movimentos sociais e por intelectuais de outras áreas do conhecimento científico, como a Sociologia, a Economia, a Geografia, a História, a Educação, entre outras; além disso, é possível observar ao longo do tempo, a apropriação e uso popular da categoria *cultura* pelo senso comum, expressando outros sentidos, diferentes daqueles construídos inicialmente pelos próprios antropólogos, mas que ainda, preservado alguns dos fundamentos atribuídas outrora para se estudar a diversidade humana.

Roy Wagner em “A invenção da cultura” (1975/2010) e Manuela Carneiro da Cunha em “Cultura com aspas” (2009), discutem sobre o modo como a *cultura* foi mobilizada enquanto uma categoria analítica pelos antropólogos e como a “cultura” foi mobilizada como arma simbólica e política por alguns grupos sociais que dela se apropriaram para demarcar identidades coletivas e reivindicar direitos. Será que tal conceito ajuda a compreender o modo como as pessoas criam suas realidades em que vivem, ao passo que sua própria criação lhes fazem existir? Assim, se considerarmos que a preocupação inicial da antropologia foi “analisar a motivação humana em nível radial” (WAGNER, 2010, p. 13), a *cultura* serviu como ferramenta poderosa no trabalho do antropólogo ao longo da história.

Para Roy Wagner (1975/2010), o propósito em considerar as “motivações humanas” como central nas análises antropológicas sugere automaticamente levar em consideração o “contexto simbólico” no qual as motivações e elementos simbólicos foram produzidos inventivamente, o que significa dizer que a própria configuração das motivações são contextuais e, neste caso, passam a significar e a (re)produzir as formas e atos de pensar, agir, e se posicionar no mundo dando-lhe significação. Argumenta este autor que o próprio ambiente expressa certo controle simbólico. É desse ponto da onde parte seu argumento para afirmar que a *cultura*, enquanto uma categoria antropológica, trata-se de uma invenção.

Em *The invention of culture* (“A invenção da cultura”), publicada em 1979, Wagner destacou que a categoria *cultura* surgiu de um contexto simbólico em que os antropólogos partiram de sua própria noção de “diferença” e de “padrão” para observar a partir de “nós” os “outros” refletidos em “nós”, buscando em nossos próprios esquemas simbólicos as motivações para classificar e categorizar esse “outro” diferente (inicialmente distantes geograficamente e simbolicamente do “nós”).

Ainda sobre *cultura*, Manuela Carneiro Cunha (1983) situando-se numa corrente de pensamento reflexivo influenciada pelas movimentações pós-colonialistas e/ou pós-modernas no campo teórico. Ela partiu de uma reflexão crítica acerca de categorias analíticas exportadas e mobilizadas por cientistas sociais no contexto da América Latina. Para esta antropóloga, tais categorias, como é o caso da “cultura”, foram exportadas para o mundo latino e carregaram consigo o modo como o centro passou a estabelecer instrumentos para verificação dos grupos vistos como periféricos, os povos ditos “exóticos”. Nesse sentido, Cunha (2009) destaca que a categoria “cultura” pensada de modo crítico e não pensada em si mesma, parte da tomada de consciência pelos antropólogos de seu uso reflexivo e crítico.

Assim, após a década de 1960, Manuela Carneiro (Idem.) identificou que enquanto os antropólogos atribuíam cada vez menos o uso genérico e abstrato da categoria cultura sem aspas, muitos grupos sociais que os antropólogos haviam entrado em contato, passaram a reivindicar uma “cultura” para si, ou seja, como uma espécie de metalinguagem. A cultura com aspas tornou-se elemento para produção e reivindicação de uma identidade social pública. Mobilizada “para si”, a “cultura” tornou-se uma arma política na busca por demarcar diferenças, reparos históricos e igualdade de direitos. Desse modo, Cunha (2009) usa a noção de “cultura com aspas” para se referir àquilo que é dito para si, uma construção de um *ethos* de grupo para si e de si para o público.

Nesses termos, a “cultura surda” também pode ser vista como suporte para a construção da “diferença” e, por consequência, na produção de “identidades” ao mesmo tempo individual e coletiva. No bojo, as “identidades surdas” são pensadas no plural e originadas a partir das relações e interações sociais (PERLIN, 1998; GESUELI, 2010). As “identidades” podem ser ora impostas ao indivíduo, ora escolhidas por ele, em ambos os casos são encarnadas para compor as *corporalidades*, algumas vezes apresentadas ou escondidas pelos próprios indivíduos, conforme os interesses, *tabus* e valores em jogo no contexto existencial. Mas, como as “identidades” podem produzir “diferença”? Como as

normas presumidas a partir de um grupo podem ou não ressaltar aquilo que lhe é diferente enquanto um valor cultural? Estas questões ajudaram Avtar Brah (2006, p. 359) a problematizar o uso da categoria “diferença” de um ponto de vista analítico.

Em *Difference, Diversity, Differentiation*⁸, Avtar Brah (2006) ressalta que é possível destacar marcadores corporais como sexo, cor da pele, classe social e condições sociais diferentes experimentadas dentro de “relações globais de poder”. Estas re(l)ações, são capazes de construir “identidades” pessoais e coletivas. Ainda, desse ponto, a autora se debruça em demonstrar como os movimentos sociais muniram-se de categorias ressignificadas do pejorativo para categorias políticas. Assim, tornaram-se reivindicadoras de uma “herança” (tradição), identidade e/ou igualdade, como por exemplo, as categorias “negro”, “mulher” e, em nosso caso, acrescento a categoria nativa “surdo”.

A produção e significação do conceito de “diferença” para Brah é problematizável e mais complexa do que “a essencialidade ou os reducionismos vigentes em muitos estudos sobre diferenças e minorias sociais” (2006, p. 359). Esta autora sugere perceber e situar a *diferença* com base em seu contexto de uso e a partir de diferentes discursos ligados às dimensões da experiência, relação social, subjetividade, identidade pública.

A relação entre a biografia pessoal e a história coletiva é complexa e contraditória. Enquanto as identidades pessoais sempre se articulam com a experiência coletiva de um grupo, a especificidade da experiência de vida de uma pessoa esboçada nas minúcias diárias de relações sociais vividas produz trajetórias que não simplesmente espalham a experiência do grupo. De maneira semelhante, identidades coletivas não são redutíveis à soma das experiências individuais. Identidade coletiva é um processo de significação pela qual experiências comuns em torno de eixos específicos de diferenciação (classes, casta ou religião [e/ou surdez, por exemplo] são investidas de significados particulares (BRAH, 2006, p.371-372).

Com base nesses argumentos, busco compreender minhas questões de pesquisa através dos parâmetros “corpo”, “cultura surda”, “identidade surda/pública” e língua de sinais enquanto marcadores da “diferença” requerida por uma minoria social que se reconhece como “pessoas surdas” usuárias da Libras (como principal forma de comunicação). Neste caso, a Libras vestida no “corpo surdo”, na condição de hipótese principal, é capaz de mediar a construção de uma identidade coletiva e individual, na qual esta língua de sinais é acionada como uma “metalinguagem” para a produção da própria “cultura surda”.

⁸ Diferença, Diversidade e Diferenciação (tradução minha).


Compreendo que a “identidade” e “cultura” andam juntas, e assim sendo, tentar olhar para essas instâncias de modo separado pode parecer ingenuidade. Ainda, ressaltando o uso e concepção da categoria *cultura*, Adam Kuper (2002) frisa que os usos sistemáticos e operacionais em torno dela ressaltam a multiplicidade de formas e sentidos atribuídos pelos antropólogos e pelas outras pessoas. Ele afirma que há um consenso em perceber a *cultura* enquanto um complexo de significações, de crenças, valores, língua, objetos, símbolos e regras depositadas no corpo de cada indivíduo inserido em um determinado grupo social. Tais elementos, na “visão” mais consensual dos antropólogos, são fundamentais para a compreensão das motivações individuais e coletivas para a produção e uso dos *corpos*.


O *corpo* compreendido enquanto um locus cultural (CSORDAS, 2008), é mediado pela língua para se colocar no mundo através de suas percepções multissensoriais. Desse ponto, pretendo traçar uma relação entre corpo, língua, cultura e identidade para construir uma escopo teórico-metodológico capaz de auxiliar nas análises e interpretações acerca das evidências produzidas e constatadas durante a realização da pesquisa. Para responder a minha questão central de pesquisa, me apoiar em alguns *casos, situações e eventos sociais* para compreender o *processo de composição de um tipo de corporalidade surda* a partir do “vestir a Libras no corpo”.


Embora dissertarei a partir das categorias nativas “surdo”, “deficiente auditivo” e “ouvinte” (com ênfase na primeira), compreendo que estas não são as únicas utilizadas para demarcar “diferença” em relação à *surdez*. Isso porque me deparei com outras categorias durante a realização do trabalho de campo, a saber: “surdo-lobo”⁹, “surdo-oralizado”, “surdo-falante”, “surdo-implantado”, entre outras. Tais categorias¹⁰ demarcam experiências corporais particulares, o que evidencia certas disputas envolvendo os diferentes sentidos atribuídos à *surdez*. Dito tudo isso, apresento a seguir os capítulos que compõem esta etnografia polifônica, produzida “em contexto” e enunciada em “seus próprios termos”.

⁹ Estas categorias remetem outros sentidos dados à *surdez* e ao corpo. Por exemplo, um de meus interlocutores me disse certa vez, em uma entrevista, que “surdo-lobo” se refere às pessoas que não saem de casa e ou da rua em que moram, comunicam-se de modo limitado com a família através gestos e sinais caseiros. As outras categorias, “surdo-oralizado” e “surdo-falante”, referem-se as pessoas surdas que conseguem fazer leitura labial e, em alguns casos, mesmo sem poder ouvir, ser capazes de aprender a falar a língua oral.

¹⁰ Também mencionadas na Tese de César Augusto de Assis Silva (USP, 2010) e na Dissertação de Cibele Barbalho Assênsio (USP, 2015), ambos trabalhos realizados em São Paulo, sob orientação de José Guilherme Cantor Magnani, professor vinculado ao Departamento de Antropologia da USP.

No capítulo , articulo a problemática e o pano de fundo que se insere minhas questões de pesquisa, traço a discussão teórica suscitada em consonância com o próprio trabalho de campo. A “Libras” e o “corpo surdo” no contexto etnográfico desenharão os esquemas teóricos que serviram de base para as análises e reflexões acerca da metáfora “vestir a Libras no corpo”. Nesse sentido, a vestimenta da Libras para os “surdos” explicitaria a marcação de sua “diferença cultural”. Neste capítulo, chamo atenção para a existência de diferentes *tipos de corporalidades surdas*, destaco uma em especial para demonstrar sua vinculação à uma certa gramática corporal da Libras.

Em consonância com a realidade investigada, foram desenhados os fundamentos teóricos iniciais na tentativa de captar do próprio campo o esquema teórico-metodológico capaz de responder as minhas perguntas de pesquisa. Logo, no capítulo  apresenta minha “entrada em campo” mobilizando os pressupostos etnográficos e uma triangulação de técnicas e métodos que me ajudaram nas investigações. O aprendizado da Libras foi utilizado como estratégia metodológica, ajudando a estreitar minhas relações com os interlocutores do campo e me permitiu acessar uma rede social composta pelos agentes da Libras na região. Minha preparação teórica e o treinamento para uma postura etnográfica me levaram a responder a seguinte questão: De que maneira as formas coletivas são expressadas para produção de *um tipo de corporalidade* ligada à Libras e ao uso da categoria “surdo” e à noção de “cultura surda” enquanto arma política para demarcação de uma “diferença” na ZMM?

Para tanto, mobilizo no capítulo  três eventos extraordinários ocorridos no cotidiano dos interlocutores do campo. Articulo pressupostos teóricos-analíticos advindos da antropologia linguística em diálogo com a antropologia social. Analiso um evento (1) denominado “reunião de orientação pedagógica”, voltada para os professores do Curso de Extensão em Língua Brasileira de Sinais (CELIB), articulada e mediada por dois professores surdos e agentes líderes na/da rede social da Libras; outro evento (2) é uma aula do CELIB que contou com a participação especial de um “surdo” da rede, que na ocasião ele explicou para os cursistas “ouvintes”, através da Libras”, o que é “cultura surda” (uma metalinguagem); (3) o evento a “primeira passeata dos surdos” da região articulada por uma surda líder da/na rede, tratado neste estudo como um *ritual político*.

CAPÍTULO

LIBRAS, “CORPO SURDO” E *SURDEZ* NO CONTEXTO ETNOGRÁFICO

Os cenários etnográficos que irão compor¹¹ este mosaico-textual entrecruzam capítulos e tópicos a fim de explorar de modo mais aproximado uma realidade social construída em re(l)ação ao *fenômeno da surdez*. Os protagonistas deste estudo (antropológico e linguístico) possibilitaram sua elaboração, fornecendo-lhe ensinamentos, informações e conhecimentos sobre a Libras praticada numa região mineira. O aprendizado desta língua nativa garantiu meu acesso ao universo compartilhado pelos agentes interlocutores do/no campo, permitindo assim acessar parte do “capital corpo” agenciado por um grupo de pessoas (WACQUANT, 2002, p. 147).

Nesse sentido, busquei pelo agenciamento da Libras no momento que meus interlocutores do campo, ligados a uma *rede social de sinais corporificados*, se encontravam e construíam noções de realidades para si e para os outros (DURANTI, 2003), noções estas fabricadas durante os *encontros sociais*, através dos engajamentos dos agentes e dos seus interesses pessoais. Por meio de diferentes *situações* e *eventos sociais*¹², estreitei minhas relações interpessoais com os interlocutores do campo, estabelecendo, a partir daí, laços intersubjetivos dentro de experiências e aprendizados acumulados, passando a compartilhar trocas linguísticas cultivadas pela memória coletiva¹³ dos *agentes da/na rede*. Desse ponto, as relações sociais foram estabelecidas durante a realização do *trabalho de campo*, em muitos momentos, mediadas pela Libras; em outros, quando esta língua não era utilizada como principal meio de comunicação, ela era a motivação central para alguns dos encontros que participei – como uma “força

¹¹ Massimo Canevacci (antropólogo e etnógrafo italiano – 1942) expressa uma noção interessante de “composição”. Para ele, “a composição implica numa multiplicidade de linguagens as quais utilizamos para compor um corpo à pesquisa” (ver em: http://www.forumpermanente.org/event_pres/encontros/questoes-indigenas-e-museus/relatos/auto-representacao-cultura-expandida-e-comunicacao-museografica . Acessado em 11.03.2019 às 18:15.

¹² Entende-se *situação social* como sendo um encontro entre duas pessoas ou mais de modo casual, envolvendo espaços, equipamentos e meio ambiente onde o encontro acontece. Em relação à categoria *evento social*, utilizo-a no sentido de um encontro mais planejado, programado, com lugar, data e hora marcada; um encontro previsto de acontecer, embora a sua ocorrência e desdobramentos vai depender propriamente dito dos “engajamentos” individuais e de sua “força agregadora” no momento em que acontece (Ver em: Gilberto Velho, “Projeto Metamorfose”, 2003).

¹³CONNERTAN, P. “A memória social incorporada”. Ver mais in: “Como as Sociedades Recordam”, 1993.

agregadora” (VELHO, 2003, p. 14) das ações individuais e coletivas numa dada *situação* ou *evento social*.

Neste estudo, a Língua (enquanto instituição social) será compreendida como sendo parte da própria *corporalidade*, percebida “como processo do [inter]self quando é entendido não como representação, mas como desenho de um modo de ser e estar no mundo” (CSORDAS, 2008, p. 19). Deste ponto, a “realidade” não será interpretada aqui como algo depositado no *corpo*, mas sim construída através e para os *corpos* dentro de processos de (inter)relações orgânicas com o meio social e ambiental. Na visão de Tim Ingold (1991, p. 356), o tornar-se “pessoa” envolve um “processo integral” de construção do próprio organismo, através de *engagement* interpessoais em *relational fields*. O *corpo* para ele é um organismo completo construído de modo relacional, desde a sua concepção enquanto fluídos individuais, sua fecundação e gestação, passando pela expulsão do ventre e a colocação imediata do corpo no mundo. Csordas (2008) e Ingold (1991), embora divergindo em alguns aspectos, fornecem estratégias teórica-metodológicas para se estudar o “corpo” enquanto “organismo-pessoa”.

Nesse sentido, transpondo a perspectiva destes dois autores para pensar o *campo da surdez*, torna-se necessário mobilizar outros autores, como por exemplo, e, em especial, Oliver W. Sacks (1933-2015) – um incomum neurologista londrino que escreveu um livro consagrado no campo dos estudos sobre *surdez*, cognição e educação –. No livro “Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos”¹⁴ (2010, p. 56-57), Sacks critica certa condição dada aos “surdos” de um ponto de vista médico enviesado. Após mergulhar no cotidiano de algumas “pessoas surdas” usuárias da Língua Americana de Sinais (ASL)¹⁵. Este autor reflete sobre a condição humana delegada aos “sujeitos surdos” com base numa percepção e modo de ser “ouvinte”. Ele indaga sobre as interpretações limitadas a uma noção cartesiana do corpo¹⁶ e do funcionamento cerebral. “Vendo vozes” (*Seeing voices*), juntamente com alguns estudos linguísticos sobre as línguas de sinais (STOKOE, 1970; BRITO, 1998; QUADROS & KARNOPP, 2004; FELIPE, 2006), ajudaram academicamente a construir uma percepção da *surdez* ligada a noção de “diferença” e não mais vista unicamente como uma “doença” e/ou uma “deficiência”.

¹⁴ “Seeing voices: a journey into world of the deaf”, publicado em 1989 pela editora University of California Press.

¹⁵ American Sign Language (ASL), nome original. É a língua de sinais dominante, através da qual a comunidade surda nos Estados Unidos da América.

¹⁶ Csordas (2008) e Ingold (2004) também buscam alternativas teóricas-metodológicas visando romper com a dicotomia de inspirações cartesianas e binárias, como por exemplo a separação entre mente e corpo.

A partir da década de 1970, depois das pesquisas linguísticas realizadas pelo professor Dr. Willian Stokoe (1919-2000) sobre a ASL, os “surdos” em boa parte dos países do “mundo ocidental”, passaram a ter maior legitimação sociocultural devido à atribuição do *status* linguístico dado às línguas de sinais (QUADROS & KARNOOP, 2004; NONAKA, 2009). Entre os anos 1980 e 1990 observou-se nos Estados Unidos, França e Brasil, o surgimento de “narrativas culturalistas” envolvendo a *surdez* congênita¹⁷. Este novo contexto político e sociocultural foi propício para a expansão de noções culturalistas, linguísticas e identitárias, agregando força aos movimentos sociais e fortalecendo um senso coletivo dentro das comunidades surdas (PERLIN, 2003, GEDIEL, 2010, SILVA ASSIS, 2012). Tal fato, favoreceu a incorporação de pautas relativas às línguas de sinais e às identidades e culturas surdas na agenda política brasileira.

Pós meados do século XX, surgem movimentos sociais locais e mais gerais buscando superar as lacunas deixadas durante o período em que as línguas de sinais foram proibidas e banidas das instituições educacionais. A proibição do uso das línguas de sinais nos contextos educacionais se deu após deliberação durante a Conferência Internacional de Educadores (ocorrida em 1880 em Milão, Itália). Os representantes de cada país, inclusive do Brasil, votaram pela proibição dos métodos e estratégias mediadas pela língua de sinais, substituídas pela implementação de novas diretrizes educacionais, focadas no ensino-aprendizagem baseado nas línguas orais e, ao mesmo tempo, tornando obrigatório seu aprendizado por parte dos alunos “surdos/as”, através do método e técnicas do *oralismo*¹⁸ (LOPES, 2007, p. 25 e 50-52).

No bojo das transformações que atravessaram o século XX, a perspectiva educacional bilíngue ganhou destaque na contramão do *oralismo*, sendo agora o *bilinguismo*¹⁹ pautado pelo contexto político, educacional e legal vigente²⁰. A partir de

¹⁷ Quando por variados fatores a criança nasce surda, como por exemplo devido a manipulação de medicação indevida durante a gestação, devido a mãe ter contraído meningite, sarampo, e/ou devido à fatores de consanguinidade e etc.

¹⁸ Método baseado na vocalização como estratégias para o ensino e aprendizado dos surdos através das línguas orais. O defensor do Oralismo, Alexander Granham Bell, contribui no resultado da votação para oficializar a proibição do uso de língua de sinais. A oralização tornou-se a principal corrente filosófica da educação de crianças surdas, vinculada a procedimentos terapêuticos e técnicas desenvolvidas pela Fonoaudiologia. Os esforços eram voltados para tratar a *surdez* e capacitar através das instituições escolares os “surdos” a fazerem uso da língua oral.

¹⁹ Perspectiva que considera a diferença linguística e cultural do “surdo”, usuário da Libras como sua Língua 1 e do Português-Escrito como sua Língua 2.

²⁰ Sobre, ver mais em: “DECLARAÇÃO DE SALAMANCA Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais” (1994) – Documento orienta as “Regras Padrões sobre Igualização

então, nestas instâncias, a *surdez* não mais seria interpretada como fator limitante ou que ditasse uma privação corporal do indivíduo. O “corpo surdo” agora torna-se capaz de se comunicar e de desenvolver cognição tal como os “corpos ouvintes”, bastaria permitir sua existência a partir de seus próprios termos. Para Oliver Sacks, “os surdos sem [uma] língua podem [até parecer] imbecis, pois a inteligência, embora presente, fica trancada pelo tempo que durar a ausência de uma língua” (1989/2010, p. 29). Para este autor, o fato de uma pessoa ser impedida de algum modo de ter aquisição e/ou aprendizado da língua compartilhada pelo grupo social a que pertence, leva-a, por consequência, à incapacidade de desenvolver habilidades cognitivas e motoras que impossibilita consequentemente a sua construção de “identidade” e “cultura”²¹.

Na atualidade (século XXI), o *fenômeno da surdez* passa a ser compreendido não apenas como danos neurológicos e/ou déficits ocasionados ao organismo, mas, também, por meio de suas experiências biográficas, de suas potencialidades e plasticidades em se adaptar ao meio e estabelecer relações sociais. Esta “nova” compreensão estimulou, durante a realização do meu *trabalho de campo*, a desnaturalização de alguns mitos e crenças que outrora compartilhara com um senso comum de “ouvinte”. Passei, a partir de minha inserção em campo, a compreender que a “limitação” pintada no *corpo/organismo-pessoa* “surda” não estava necessariamente na “lesão” causada pela “falta” do sentido da audição. Nestes termos, partilho da noção de que a “deficiência” é uma construção social (DINIZ, 2003), assim como a própria *surdez* (LOPES, 2007). Acrescento ainda, que estou de acordo com Sacks (1989) quando este defende a ideia de que sem língua(gem) o “surdo” não desenvolve cognição.

No Brasil, Lucinda Ferreira Brito, desde de 1979, vem se dedicando a pesquisar línguas de sinais (Libras e Língua de Sinais Urubus-Kaapor). Esta linguista tem apontado a necessidade de as “pessoas surdas” possuírem uma língua de sinais. Ela menciona que a consolidação de algumas “comunidades surdas” e a difusão da Libras no Brasil ganhou destaque especial a partir dos anos 80. Sendo assim, o reconhecimento e a legitimação da *surdez* como “diferença” ganhou espaço nas agendas políticas e educacionais,

de Oportunidades para Pessoas com Deficiências”, prescrevendo aos Estados assegurar através do sistema educacional a formação integral de pessoas com deficiências. (Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> . Acessado em 10/01/2018).

²¹ “Cultura” aqui será interpretada no sentido da “cultura para si” como explicado na introdução. Ou seja, parto da noção da cultura com aspas mencionadas por Manuela C. Cunha. “Cultura” aqui será utilizada enquanto categoria nativa e arma política acionada pelo “povo surdo” (STROBEL, 2009, p. 33).

convertendo a categoria “surdo” de pejorativa para demarcadora de diferenças linguísticas e culturais.

Na literatura é possível verificar que a partir da década de 1990 houve o fortalecimento da visão culturalista sobre a *surdez* nos cenários brasileiros. Dito de outro modo, a difusões da ideia da *surdez* como “diferença” se deu através de movimentos sociais, agentes educadores, pesquisadores e religiosos ligados às “comunidades surdas” (SILVA ASSIS, 2012, p. 174; GEDIEL, 2010, p. 24).

Ao longo de pouco mais de uma década as reivindicações do “povo surdo” tomaram forma, impulsionando o reconhecimento e fortalecimento de direitos, como por exemplo, a criação da Lei nº. 10.436/02, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Esta lei trata a Libras como uma “forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, [...] um sistema linguístico de transmissão de ideais e fatos oriundos de comunidades de pessoas surdas” (BRASIL, 2002).

O reconhecimento legal da Libras trouxe visibilidade para novas questões sobre a *surdez* enquanto “diferença”, suscitando novas práticas sociais pautadas em estudos linguísticos e culturais. As transformações advindas com a institucionalização desta língua de sinais possibilitaram a criação do Decreto de Lei nº. 5.626 de 2005 que complementou a Lei da Libras supracitada. Este Decreto dispõe, entre outras coisas, sobre a obrigatoriedade da “inclusão da Libras como disciplina curricular [...] nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas” (BRASIL, 2005).

Essa Lei e este Decreto fomentaram uma movimentação de difusão da Libras, e com ela ajudando na reafirmação da ideia de uma “cultura e identidade” própria para o “surdo”. Estes documentos legais impactaram fortemente o *campo* investigado nesta Dissertação, o que possibilitou de certo modo minha entrada em campo, minha aproximação de professores pesquisadores da Libras, ligados à uma Instituição de Ensino Superior, e que desencadeou no meu acesso à uma *rede social de sinais corporificados* numa região situada na ZMM.

1.1. A *surdez* enquanto fenômeno biológico e social presente na produção da “diferença”

Assis Silva no livro *Cultura surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade* (2012), mobiliza o caso de Samuel James Suppala, filho de pais “surdos”, que estudou na Universidade Gallaudet²² e se tornou um importante líder e educador “surdo” norte-americano. Sua história, memorável, foi narrada inicialmente pelos pesquisadores Carol Padden e Tom Humphries (1988). Nela, apresentam um fato marcante ocorrido na vida de Suppala: o dia em que ele descobriu que sua família era “surda” e uma “minoria”.

Ainda quando garoto, Suppala, achava estranho o hábito de sua vizinha ficar mexendo com a boca, e não entendia o porquê de ela não compreender os mais simples sinais que ele fazia; pensava que ela, assim como sua família, possuía algum tipo de “doença”. Certa vez, as duas crianças estavam brincando, quando de repente chegou a mãe de sua amiguinha, mexeu e mexeu a boca olhando para a filha, deu-lhe as costas e saiu. Logo em seguida, a menina recolheu os seus brinquedos e foi correndo para casa. Suppala ficou sem entender a cena, e quando entrou em casa, perguntou para sua mãe qual era o problema dos seus vizinhos; a mãe explicou-lhe, pacientemente, que sua amiguinha e a família dela eram “ouvintes” e usavam da fala e da audição para se comunicar.

Para Silva Assis, esta história ilustra a “produção de uma consciência de ser diferente pela audição” (2012, p. 21). A história de Sam Suppala fornece um contraste em relação à realidade investigada, visto que, a maioria dos nascimentos de bebês “surdos” ocorrem entre pais “ouvintes” – fenômeno observado por Oliver Sacks (1989), Karin Strobel (2009), Ronice Quadros (2011) entre outros. O fato de a maioria dos “surdos” nascerem de pais “ouvintes” torna histórias como a de Suppala raras de se ver. Entretanto, quando isto acontece, há uma tendência natural de a família desenvolver uma comunicação gestual visual-espacial, como destacado no exemplo a seguir:

A mãe, caucasiana, cabelo marrom escuro ondulado preso em forma de coque; óculo depositado sobre o nariz, vestindo uma camiseta cinza e bermuda *jeans* curta. Ela está sentada numa poltrona ao lado de um aparador de madeira com aspecto rústico-envelhecido; uma de suas pernas cruzadas apoiando o tornozelo sobre a coxa da outra; em seu colo, sentada confortavelmente, está sua filha de dois anos; a pequena, vestindo apenas uma calcinha branca de rendinha, um colar no pescoço e brinquinhos dourados nas orelhas. As duas fazem movimentos lentos, ritmados, sincronizados e em alternância, as vezes repetidos: mexem as mãos, braços, tronco, cabeça e expressões faciais – a mãe aponta e olha para a perna da filha, depois olha para sua face com as sobrancelhas cerradas e a boca entreaberta; A filha, rapidamente, com sua

²² É a primeira e única universidade do mundo cujos programas são desenvolvidos para pessoas surdas. Está localizada em Washington, D.C., a capital dos Estados Unidos. É uma instituição privada, que conta com o apoio direto do Congresso desse país. A primeira língua oficial de Gallaudet é a *American Sign Language* (ASL), a língua de sinais dos Estados Unidos (o inglês é a segunda).

mãozinha direita, toca a ponta do polegar com a ponta do dedo indicador e faz um movimento em espiral com o braço até tocar a perna onde sua mãe havia apontado; Em seguida, a mãe faz uma expressão de espanto misturada com cara de dor, abaixa as sobrancelhas e faz um bico e entreabre os lábios, fecha um pouco os olhos e inclina a cabeça levemente para trás; A mãe em seguida faz movimentos com o braço e mão imitando seu filha, em seguida coloca a palma da mão direita encostando/apoiando no lado direito do rosto, faz outro movimento com a mão, aproximando e afastando as pontas dos dedos duas vezes, franzindo a testa e cerrando as sobrancelhas; A menina, levanta o braço novamente, tomba um pouco o dorso e a cabeça, e, com o dedo indicador e médio levantados, formando um v, toca-a na fonte, um pouco acima da orelha e mais próximo da lateral da testa, toca e movimentada a mão duas vezes para frente. A mãe repete o sinal [...] ²³

(Descrição referente aos 30" iniciais de um vídeo postado no canal do *YouTube*: "O Diário de Fiorella")

Mãe e filha seguem interagindo e sinalizando no vídeo por mais uns quatro minutos. Esta cena foi mobilizada aqui com o propósito de chamar atenção do leitor para as reflexões e análises que virão apoiadas em alguns casos e *situações sociais* relacionados direta ou indiretamente com os *eventos extraordinários* que serão analisados no capítulo três.

A cena dessa jovem mãe e sua filha, ambas "surdas", retrata um cotidiano incomum na maioria dos lares brasileiros, bem como também, para a maioria dos lares situados no contexto de Viçosa e microrregião. Todos os "surdos" integrantes na/da *rede social* mapeada durante a realização do campo nasceram de pais "ouvintes". A maioria destes não recebeu ao longo dos primeiros anos de vida estímulos através da língua de sinais, especialmente nos casos de *surdez congênita* ²⁴.

Os movimentos corporais de mãe e filha descritos acima, aparentemente nada teriam a comunicar diante de uma "visão não treinada" para reconhecer os "sinais" da Libras produzidos através de técnicas corporais específicas. Entretanto, uma pessoa fluente nesta Língua saberia facilmente reconhecer nos movimentos corporais sintagmas linguísticos demarcados pela gramática corporal da Libras. Já, para os que de algum modo "vestiram a Libras no corpo", os movimentos de Fiorella e sua mãe tornam-se visualmente imperativos linguísticos, imbricados de significados expressos corporalmente. Em outras palavras, quem conhece os sinais e a lógica sintática da Libras

²³ O vídeo foi baixado do *youtube*. Em seguida foi reproduzido no *Windows Movie Maker* do computador, utilizando recursos de pausa e diminuição da velocidade do vídeo para captar os detalhes dos movimentos dentro da cena.

²⁴ Segundo definição de O. Sacks (1989) e Capovilla (2004) refere-se ao nascimento por consanguinidade, provocada por alguma doença, como meningite, sarampo, entre outras causas, a pessoa nasce com a cóclea sem operação/funcionamento no organismo, impossibilitando a captação e processamento de sons pelo aparelho auditivo.

consegue, através da movimentação do dorso, cabeça, expressões faciais, braços, mãos e dedos, ver um diálogo entre mãe e filha:

- Mãe: “o que são estas marcas na sua perna (?)”;
- Fiorella, responde rapidamente: “um mosquito picou”.
- Mãe, espantada indaga: “nossa!!! muitos mosquitos picaram aí?”;
- Fiorella, responde que sim com a cabeça, e pergunta para mãe: “lembra?!” [...].

(Tradução da Libras)

O trecho apresenta um pequeno trecho do diálogo sinalizado durante uma interação entre uma mãe sua filha. A cena foi extraída de um trecho do vídeo difundido via página de *Facebook* e de canal no *YouTube* denominado “Diário de Fiorella”. Este vídeo foi publicado em 29 de dezembro de 2016 e alcançou mais de cem mil visualizações²⁵. A iniciativa para a criação do canal no *YouTube* partiu dos “pais surdos” de Fiorella – segundo informações retirado de uma reportagem com o casal no jornal *online* Folha de S. Paulo (UOL, 15/08/18)²⁶ –.

Para Francielle C. Martins (30 anos, psicóloga) e Fabiano S. Rosa (33 anos, empresário), o principal objetivo do canal é divulgar os vídeos mostrando o cotidiano de sua filha no intuito de apresentar as possibilidades de se educar uma criança “surda” por meio da Libras. Segundo depoimento dos pais de Fiorella, a intenção com a criação do canal também se deu no sentido de “confortar e informar outros pais”, principalmente os “ouvintes”. Segundo informações fornecidas pelo jornal *online* Folha de S. Paulo²⁷, essa família de Porto Alegre conseguiu mais 107 mil seguidores na internet, somando a página do *Facebook* e o canal do *YouTube*.

Ainda sobre o universo doméstico da *surdez*, Karin Lilian Strobel²⁸, em *As imagens do outro sobre a cultura surda*, reflete sobre os paradoxos envolvendo pais “ouvintes” e filhos “surdos”. Nesta obra, a autora destaca que a “cultura surda” e a “língua de sinais” são basilares para a formação identitária do “ser surdo” (2009, p.41). Para ilustrar seus argumentos, no capítulo “os artefatos culturais do povo surdo” (Ibid., p.42),

²⁵ Hospedado no link: <https://www.youtube.com/channel/UC9g1xELVb53CLrS53UF4kuw> (Acessado e 02/09/18 às 23:00).

²⁶ Universo Online, conhecido pela sigla UOL, é uma empresa brasileira de conteúdo, produtos e serviços de Internet do conglomerado Grupo Folha.

²⁷ Reportagem disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/08/pais-surdos-criam-diario-com-dicas-de-inclusao-de-filha-tambem-surda.shtml> (Acessado em 19/09/18 às 19:47).


²⁸ Pedagoga e Doutora em Educação. Nasce ouvinte e com quatro dias de vida em hospital tem um resfriado muito forte e o médico receita um remédio, antibiótico – com dosagem excessivamente forte para um recém-nascido enfraqueceu seus nervos auditivos e por consequência ela fica surda profunda.

esta autora surda resgata outra história ilustrada por Padden e Humpheires (1988)²⁹: o caso de Jim.

Certo dia, Jim estava brincando na sala quando viu sua mãe passar apressadamente em direção à porta. Ela, abre a porta e do outro lado um homem está parado em pé aguardando. Jim ficou encantada com aquele acontecimento mágico. Logo depois, quando sua mãe já tinha voltado para a cozinha, a garotinha correu até a porta e a abriu algumas vezes, mas para seu espanto a mágica não acontecia, não aparecia ninguém do outro lado. Naquele momento, Jim ficou encabulada com o acontecimento, e somente muito tempo depois foi entender o que de fato havia acontecido: a campainha da casa tocou, sua mãe ouviu e foi até a porta atender ao chamado da visita. Neste exemplo, o contexto de linguagem que Jim estava inserida não foi suficiente para que entendesse o que de fato havia acontecido ali, pois faltavam-lhe elementos linguísticos articulados na Língua como ponte para perguntar e sua mãe responder à sua curiosidade para com o ocorrido.

Esses *casos* retratando o cotidiano de pessoas com e sem audição, tiveram o propósito aqui de elucidar e contextualizar a problemática envolvendo nosso objeto de estudo. Algumas dessas histórias e outras observados em campo, forneceram pistas para refletirmos e analisarmos o processo construção de um tipo de *corporalidade surda* ligada a Libras, a categoria “surdo” e a noção de “cultura e identidade surda” pelo viés da “diferença”. Ou seja, arranjados e mediados pelas *instituições sociais* através de *agentes sociais* engajados com elas, motivados por *composition work force*, modelada pelos interesses individuais e coletivos a serviço do *corporate model* (MCRUER, 2004, p.49).

Nesse universo de contrastes envolvendo as percepções e experiências multissensoriais dos “surdos” e dos “ouvintes”, o ato de tocar a campainha de uma casa, por exemplo, pode se tornar complexo quando a residência é habitada por “pessoas surdas”. Para ilustrar esta problemática, destaco duas situações ocorridas comigo durante a realização do trabalho de campo, ambas ocorridas no ano de 2012:

Situação I: refere-se a uma visita feita a casa de um dos agentes da rede. Precisei ir até a casa de  ³⁰ (um dos primeiros *surdos* que aprendeu a Libras na cidade e me batizou com um sinal próprio). Cheguei na frente da sua casa e não consegui chamá-lo. Um vizinho, que estava na calçada, percebeu minha aflição durante as

²⁹ Ler em: PADDEN, Carol; HUMPHRIES, T. Deaf in America: voices from a culture. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

³⁰ Os nomes dos interlocutores da pesquisa serão substituídos pela configuração de mão referente ao seu sinal-próprio em Libras (melhor detalhado no capítulo dois).

batidas no portão, informou-me que a mãe dele havia saído e, quando isto acontecia, não tinha como chamá-lo. Sentei na calçada em frente à sua casa, peguei meu caderno de campo e fiquei fazendo algumas anotações a respeito; sem ter a menor ideia de como poderia chamá-lo, fitei por alguns instantes reflexões a respeito do ocorrido e fui embora pensativo (nem ao menos dava para gritar seu nome ou bater mais forte o portão de sua casa).

Situação II: O segundo caso, retrata uma *situação* muito diferente. Havia combinado de fazer uma visita ao casal de liderança na/da rede da Libras, para

realizar uma entrevista semiestruturada; 🖐️ (“ouvinte-intérprete”) e 🖐️ (“surdo”) têm uma filha “ouvinte” (com três anos na época), que se comunicam em casa nas duas línguas. Ao chegar na casa deles, como previamente havia nos sido instruído, Belle³¹ e eu tocamos as duas campainhas que ficava ao lado do portão de ferro: uma sonora e outra luminosa, quando acionada fazia com que as luzes dos cômodos da casa piscarem.

(Fragmento do meu diário de campo, 2012)

Tais *situações* me chamaram atenção pelo fato de apontar algumas pistas sobre certa percepção e *modus operandi* do *corpo surdo* (“ser”, “estar”, “perceber” e “significar” o mundo). Evidências de início, embora ainda não tão claro para mim, um complexo envolvendo formas variadas de se perceber e interpretar a surdez e o corpo, muitas vezes expressadas por meio de diferentes *corporalidades* anunciadas por alguma categoria nativa, a saber: “surdo”, “deficiente auditivo”, “surdo-oralizado”, “surdo-implantado”, “ouvinte”, entre outras.

1.2. A surdez entre o “normal” e o “patológico”

A *surdez* foi inventada enquanto categoria pela ciência. Daí em diante, passou a ser mobilizada de modo intermitente nos discursos, ora vista como “doença” e ora interpretada como “diferença” (LOPES, 2007, p. 7). Entretanto, como de fato as pessoas “sem audição” se veem? Como elas são categorizadas e nomeadas pelas pessoas “ouvintes”? É possível abstrair, da complexidade dos fenômenos sociais e biológicos, o modo como os corpos surdos são (de)compostos pelos agentes ligados às instituições sociais? Para refletir sobre estas questões é necessário fugir da noção cartesiana e binária atribuída ao *corpo*, e considerar sua diversidade e plasticidade multissensorial de habitar o mundo. Este exercício me permitiu acessar o “ponto de vista nativo” dos interlocutores “surdos” contatados por/para este estudo.

³¹ Amiga de curso e integrante da equipe de pesquisa etnográfica composta por estudantes das Ciências Sociais, Letras, Direitos e Enfermagem. Belle e eu entramos junto no campo da surdez, nos dois primeiros anos, íamos a campo junto, discutíamos os diários de campo, nos reuníamos com grupos de estudos e com a professora Ana Luisa B. Gediél.

No campo da medicina, majoritariamente construído por “ouvintes”, a necessidade de explicações para o fenômeno da “não audição” inventou-se a própria *surdez*, visando fornecer conhecimentos sobre a “lesão” presente no organismo (herdada ou adquirida). Na biomedicina (Fonoaudiologia, por exemplo) surgem métodos, terapias e tratamentos que buscavam reparar ou minimizar a *surdez*, técnicas para reabilitar a oralidade na busca por normalizar a “deficiência auditiva”³². Neste contexto clínico terapêutico surgem os aparelhos auditivos e a tecnologia cirúrgica do implante coclear, processo este chamado por Maura Corcini Lopes de “ciborguização do corpo” (2007, p. 8-9).

No campo religioso, houve um processo de ressignificação da categoria “deficiente auditivo” e da noção de “surdo-mudo. A partir disso, surgem movimentos missionários presbiterianos a fim de levar a palavra de Deus ao “povo surdo”, inspirados numa passagem bíblica que narra um milagre de Jesus, fazendo um homem voltar a ouvir – passagem retratada no Evangelho de Marcos capítulo 7 versículos 31-37. Assim, grupos religiosos presbiterianos traçaram uma junção entre a cosmologia religiosa e as práticas sociais assistencialistas, buscando através da língua do “povo surdo” levar a palavra sagrada. Em síntese, “alguns agentes religiosos, movimentos sociais e educacionais tensionaram a criação de um saber-poder que regula a *surdez* como particularidade étnico-linguística” (ASSIS SILVA, 2012, p. 39).

No campo sócio-antropológico, a “deficiência” passa a ser vista não mais como limitação do organismo, mas sim uma construção social, ou seja, a limitação não seria atribuída ao indivíduo ou à “lesão” (a incapacidade de ouvir sons), mas sim pelo convívio social, pela exclusão e não aceitação do “corpo surdo”. Nesta corrente de pensamento, abandonam-se categorias ligadas a uma noção patológica como “deficiente auditivo”, “debilóide”, “mudinho”, entre outras, para eleger a categoria “surdo” como sendo “politicamente correta”. Os “surdos” passam a ser vistos como dotados de capacidades diferentes, como por exemplo, de expressar espontaneamente uma língua de sinais e, a partir dela, construir noções identitárias e culturais (ASSIS SILVA, 2012; GEDIEL, 2010; SACKS, 2010; QUADROS & KARNOPP, 2004).

³² Categoria definida pela Organização Mundial da Saúde para se referir a *surdez*, como também é chamada a deficiência auditiva. Quando uma pessoa possui ausência total da habilidade de ouvir. A *surdez* funcional também pode ser dividida entre *surdez* moderada, onde as pessoas ouvem em uma frequência de 41 a 55 decibéis, *surdez* acentuada, onde a frequência é de 56 a 70 decibéis, *surdez* severa, onde a frequência é de 71 a 90 decibéis e *surdez* profunda, onde a *surdez* é acima de 91 decibéis.

No contexto sócio histórico, a literatura tem apontado a existência, ao longo do tempo, de múltiplas concepções e re(l)ações sociais em torno do “corpo sem audição”. Numa época bem distante, na Grécia antiga, na China e em outras sociedades os surdos eram sacrificados. Por exemplo, na concepção aristotélica o surdo nunca poderia se tornar humano pelo fato de não poder falar, isso porque para Aristóteles o que diferenciava o “homem” de outros animais era sua capacidade de “falar”. Logo, pelo fato de os “surdos” não poderem ouvir os sons e codificá-los, jamais se tornarão um “animal político”.

Oliver Sacks (2010) afirma que, até antes de 1750 (no contexto francês), as “pessoas surdas” eram retiradas do convívio social e assim tornavam-se incapazes de se comunicar pelo fato de serem privados de adquirir a língua compartilhada pelo grupo social. Segundo ele, a situação dessas pessoas piorava à medida que se afastavam das grandes cidades, muitas vezes, privadas da alfabetização e de participar da mais básica instrução para o trabalho social.

A história dos “surdos” no contexto francês começou a mudar a partir de 1760, quando o abade Charles Michel de l’Epée criou um abrigo para acolhimento dos “surdos” pobres da cidade de Paris. Uma década mais tarde esta instituição se converteu na primeira escola bilíngue voltada para o ensino dos “surdos” do país, através da língua de sinais muitos surdos se formaram e tornam-se professores. Na escola dos surdos de Paris, l’Epée incentivava o uso da língua de sinais para o ensino e socialização dos alunos, alfabetizando-os na escrita da língua francesa. Após ter passado pela escola bilíngue muitos “surdos” começaram a publicar os primeiros relatos sobre sua condição social excludente pela sua própria sociedade (SACK, 2010; PADDEN & HUMPHRIES, 1988).

Na França daquela época surgem ideias que passaram a contestar o modelo médico hegemônico e as condições de opressão vivenciadas pelas “pessoas surdas”. Muitos estudiosos e educadores passaram a refutar a noção de “demência” ou “imbecilidade” atribuída àqueles com “surdez congênita”. Na contramão de algumas correntes ouvintistas, o movimento iniciado por l’Epée ganhou força na busca por promover a “diferença” embasada numa perspectiva sociocultural e linguística-cognitiva.

Historicamente, no contexto europeu, o *fenômeno da surdez* passou por um processo de ressignificação ao longo dos séculos XVII e XIX. A experiência francesa no campo educacional, especialmente voltado para o atendimento de alunos surdos através de sua língua natural, influenciou fortemente os solos americanos e brasileiros. Oliver Sacks (2015) menciona que Laurent Clerc (1785-1869), formado na escola bilíngue francesa e considerado o “apóstolo dos surdos nas américas”, chegou aos Estados Unidos

em 1816. Ele rapidamente atraiu atenção e admiração de muitos professores “ouvintes” norte-americanos. Assim, juntamente com Thomas Gallaudet (1787-1851), Clerc ajudou a fundar o *American Asylum for the Deaf* (1817) em Hartford, Connecticut (E.U.A).

As experiências proporcionadas pelo *Asylum of Hartford* impulsionaram a mistura linguística de sinais franceses importados por Clerc com a língua de sinais nativa trazida pelos primeiros alunos “surdos” que vieram estudar na instituição, originários da ilha *Martha’s Vineyard*. Dessa mistura linguística surgiu, segundo alguns historiadores, a *American Sign Language* (ASL). Sobre os alunos “surdos” da ilha *Martha’s* (localizada a cinco milhas noroeste da costa de Massachusetts), há um fabuloso estudo realizado por Nora Ellen Groce (1988). Esta pesquisadora observou na ilha um caso peculiar de *surdez congênita*, passada de geração a geração há pelo menos 250 anos. Groce explica que um dos fatores que podem ter contribuído para a alta frequência em nascimento de bebês surdos, foram casamentos consanguíneos devido ao processo histórico de ocupação da ilha. Esta autora destacou que ao menos um membro de cada família nascia surdo. Tal situação levou os habitantes, tanto “surdos” quanto “ouvintes”, a desenvolverem uma língua de sinais para se comunicar. Esta autora demonstrou que, mesmo na ausência das “pessoas surdas”, os “ouvintes” seguiam interagindo e comunicando-se através da língua de sinais.

As experiências francesa e norte americana influenciaram a criação da primeira escola bilíngue no/do Brasil. Em 1855, Ernest Huet, professor surdo francês, desembarcou em terras tupiniquim, e apresentou ao Imperador D. Pedro II uma proposta para fundar uma escola para “surdos/as” no Brasil. Aprovada a proposta, em janeiro de 1856, é inaugurado o Instituto Dos Surdos-Mudos do Rio de Janeiro (LOPES, 2007). Ainda, naquela época, mesmo havendo uma preocupação com o uso da língua de sinais para a educação de surdos, surgem controvérsias sociais marcadas, por exemplo, pelo aperfeiçoamento de técnicas de oralização e pela noção senso comum de achar que os “surdos” eram conseqüentemente “mudos” (um mito ainda observado nos dias atuais) cunhada pelo senso comum.

O desenrolar dos processos históricos e as reflexões ajudaram a consolidar uma corrente de pensamento que passou a contrapor a hegemonia do “modelo médico”. Na controversa, um evento importante traça novos rumos para a história educacional dos surdos: após deliberação da Conferência Internacional de Educadores (ocorrida em 1880 em Milão, Itália), foi votada a proibição do uso das línguas de sinais nas instituições educacionais. Este evento acarretou no fechamento de muitas escolas bilíngues existentes

na França e nos Estados Unidos e o fato alavancou as práticas do *oralismo* e os tratamentos corretivos para a *surdez*.

O “povo surdo” atravessou mais de um século submetido à língua oral e ao *modus operandi* pautado no “corpo ouvinte”. Com a chegada do século XX, mudanças significativas atravessaram os campos sociais, os direitos humanos tornam-se uma pauta central nos processos de construção democrática. Esse novo cenário político sociocultural favoreceu o reconhecimento de direitos das pessoas “surdas” e da perspectiva educacional pautada no bilinguismo, considerando a língua de sinais natural dos “surdos” (primeira língua) e o português escrito como sendo a segunda língua.

Em 1957, a primeira instituição educacional voltada para o ensino de “surdos” do Brasil sofreu mudanças de concepção, repercutindo, por exemplo, na substituição da palavra “mudo” pela palavra “educação”³³ do seu nome. Este fato explicitou uma certa resignificação da *surdez*, desvinculando-a da noção de “mudez”. Assim, a escola bilíngue dos “surdos” brasileiro passou a ser conhecida como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) – referência na difusão da Libras e da perspectiva linguística-cultural reivindicada por comunidades, redes sociais e agentes “surdos” e “ouvintes-intérpretes” espalhados pelo país.

1.3. As fronteiras da “normalidade”

De um ponto de vista foucaultiano, as “anormalidades” atribuídas a determinadas marcas corporais foram significadas ao longo da consolidação do indivíduo na modernidade e por meio do “saber-poder” atribuídos em grande parte pela medicina (XVII-XIX). A ideia traçada para o “normal” em contraposição ao “patológico” ajudou a produzir historicamente “anormalidades” delegadas aos corpos desviantes do padrão socialmente instituído no e por determinado grupo social. A “normatividade” atribuída ou não ao indivíduo, segundo Foucault (1995, 2008), foi estabelecida através de instituições clínicas e de práticas discursivas, ou seja, produzida a partir de percepções e conceituações pautadas num olhar médico sobre o “corpo doente”.

Em “o normal e o patológico”, George Canguilhem (1966; 2012) destaca que o processo de composição de “normalidade” parte da percepção de “doença”; De um lado

³³ Sobre, veja no site <http://www.ines.gov.br/>. Acessado em 14/01/19 às 19:29.

por meio de um saber médico e, do outro, através da percepção e experiência do próprio “doente”. Nesse sentido, as análises realizadas por Canguilhem aproximam-se conceitualmente da obra “O nascimento da clínica” de Michel Foucault (1963, 1995, 2008), no sentido de pensar a “problematização” de um “saber-poder” que condiciona os corpos à normalização. Ambas as obras defendem a ideia de que a “doença” não pode ser interpretada de modo ontológico, pois algumas vezes não há uma constatação fisiológica de tal fato pelo próprio corpo patologizado.

Ainda, neste sentido, uma visão organicista e cartesiana do corpo apontou para o cerne de algumas controvérsias sociais observadas ao longo da história em torno do *fenômeno da surdez*. Nesse sentido, os processos que atravessaram o século XX evidenciaram tais controvérsias e acentuaram outros “saberes-poder” por meio da ressignificação de algumas práticas discursivas e de algumas categorias que perdiam o significado pejorativo e ganhavam um sentido político, reivindicatório e identitário. Por exemplo, após a década de 70 o termo *disability* ganhou ressignificação nas ciências sociais (DINIZ, 2007). Esta categoria passou a ser acionada como arma ideológica e política nos movimentos sociais que lutam por reconhecimento de direitos sociais, ao passo que distanciavam do termo ligado à uma noção que remetesse ao “estigma social” (GOFFMAN, 1988, p. 51).

O *modelo social da deficiência* critica uma visão cartesiana e funcionalista atribuída ao “corpo”. Este modelo teórico foi inspirado em movimentos ativistas vinculados à *Union of Physically Impaired Against Segregation* (UPIAS), idealizado por dois sociólogos “deficientes físicos” – Paul Hunt e Michael Oliver (LOPES, 2007). UPIAS tornou-se a primeira organização política, no contexto norte-americano, voltada para questões envolvendo os direitos dos deficientes funcionais. Tal fato, estimulou uma movimentação que atribuiu uma nova significação ao *disability* passando, a partir de então, o termo a ser utilizado com o propósito de afirmar que não é a lesão física ou mental que limita as pessoas, mas sim o contexto sociocultural e a forma como este percebe e significa tais “diferenças” (DINIZ, 2007). Nesta perspectiva, o *modelo social* procura atribuir um sentido particular ao termo *disability*, privilegiando a distinção entre corpos socialmente habilitados e desabilitados.

Por esse ângulo, as críticas acionadas pela UPIAS deslocou a noção de “tragédia pessoal” (MOSCOSO, 2009) e/ou de um problema de família, para o entendimento de que a “deficiência” é construída socialmente. Esta visão seguiu na contramão da segregação e dos reducionismos englobantes instituídos pelas práticas sociais guiadas por

ideais de “normalidade” atribuída ao corpo. De tal modo, o processo de conversão e ressignificação de categorias pejorativas em categorias políticas, acionadas em prol ao reconhecimento de direitos, destacou e focalizou as “potencialidades presentes na produção das subjetividades” (MEINERZ, 2010, p. 124). Logo, o envolvimento de profissionais de diferentes áreas de formação conectados às redes de suporte e assistência estabeleceram novos “saberes-poder” àquelas pessoas outrora vistas como “doentes”, reivindicando suas diferenças funcionais.

Ainda, Nádía Elisa Meinerz (2010) analisa os excertos publicados na revista *Sexuality and Disability* (entre os anos de 1996 e 2006) e problematiza os modelos hegemônicos e opressores vigentes. Segundo esta autora, o caleidoscópio de abordagens traçadas nos textos publicados na revista, remetiam “a uma complexa negociação dos limites entre normalidade e patologia em relação à experiência da diversidade corporal, cognitiva e psíquica” (Ibid., p. 126). Ainda neste raciocínio, Melania Moscoso (2009) discute a noção de “utilidades” socialmente atribuídas à “normalidade”, buscando problematizar a “norma” através de sua cartografia. Moscoso salienta que é preciso pensar o contexto da *discapacidad* (deficiência) por meio das pistas produzidas pela “marginalidade social”, causada pelas opressões que os “descapacitados” experimentam no meio social – convertendo a “deficiência” na ideia de *tragedia personal* (Ibid., p. 62), onde a marca corporal é estigmatizada (em nosso contexto etnográfico a *surdez*).

Assim sendo, há uma ordem social oculta que reprime advertidamente aquilo que é “perigoso” e ou aquilo que foge do padrão instituído pela maioria dos indivíduos. O diferente fisicamente e/ou mentalmente é interpretado como algo que transgride as leis da normalidade instituída.

Desse ponto, a *Crip Theory*, definida por Robert McRuer (2004), traçou um esquema teórico elucidativo entrecruzando a *Queer Theory* com *Disability Studies*. Nesta Teoria, as múltiplas condições de opressões são pensadas a partir da manifestação das diferentes *corporalidades* e arranjos motor-sensoriais. Na mesma linha de pensamento de Meinerz (2010) e Moscoso (2009), a “Teoria Crip” parte de uma concepção não binária sobre o corpo. Ela problematiza e se posiciona criticamente diante de uma realidade opressiva denunciada por aqueles em condição física e/ou cognitiva diferente do dito “normal”. Essa Teoria ajuda-nos a refletir sobre como o imaginário social, vindo do passado e ainda reproduzido no presente, (re)constrói monstruosidades, atribuídas aos corpos desviantes da norma instituída – dentro do esquema simbólico do já conhecido, seguro e binário, como por exemplo, ouvir e não ouvir.

Frente a isto, as pessoas que não se enquadram na classificação de “normalidade” passam a ser vistas como aberração, impuro, perigoso, poluído e/ou errado³⁴. Nesse sentido, parte portanto do agenciamento de profissionais ligados a algumas instituições sociais, simbiose responsável por criar certos corpos que emergem de manejos e técnicas reabilitadoras, com o objetivo de tratar e/ou corrigir as “anormalidades”.

Os agentes ligados às redes de relações interpessoais e conectados às instituições sociais tornam-se responsáveis pelos engajamentos que promovem certas *corporalidades*, instituídas através de processos de (de)composição dos corpos, suas identidades e subjetividades (MCRUER, 2004). Estas disposições acontecem, em certa medida, ajustadas e agenciadas com base em um conjunto de crenças e hábitos enraizados no universo de significação aliados às práticas sociais. Nessa lógica, a relação entre as famílias e os profissionais que habitam as instituições (educacionais, ligadas à saúde, à política e à religião) produzem certas normatizações, responsáveis por “enquadrar” os corpos dentro de um padrão previsível e aceitável (FOUCAULT, 1995).

Em síntese, acrescento, utilizando referenciais antropológicos “clássicos” (aqueles que ainda servem ao nosso tempo), que no contexto de sociedades urbano-industriais e capitalistas (ditas modernas), torna-se necessária a fabricação de pessoas dotadas de habilidades imprescindíveis para compreender as formas apropriadas de se comportar no meio social acima mencionado. Esta fabricação dos agentes e dos corpos no meio social dar-se-á por meio da incorporação de significados, códigos, símbolos, sentimentos, emoções e construção de um *self* e um *outsider* no mundo. Por fim, as *técnicas corporais* convertem-se em formas mais ou menos estáveis expressadas nas/pelas *corporalidades*, mediadas pela língua e (re)produzidas através do desencadear das relações, situações e eventos sociais (durante os encontros sociais).

1.4. “Você é ‘surdo’ ou ‘ouvinte’ [ou ‘deficiente auditivo’]?”

Como dito antes, a construção de um “outro” diferente do que entendemos como “normal” parte de esquemas simbólicos e significativos baseados nas vivências e experiências marcantes de cada pessoa. Experiências estas inseridas em um contexto sociocultural e linguístico anterior a própria existência do indivíduo no mundo. Desse

³⁴ Ver também em “Pureza e Perigo: Ensaio sobre a noção de poluição e tabu” de Mary Douglas, publicado originalmente em 1966 no Reino Unido.

ponto, para pensar a *surdez* em um contexto etnográfico torna-se fundamental aproximar, perceber e compreender de que modo certos discursos e categorias são acionados em consonância com algumas práticas sociais. Destacado isso, discuto e apresento nesta seção um detalhamento de minha entrada em campo.

Quando me aproximei das professoras da Libras do Departamento de Letras e de projetos por elas coordenados no *campus*, consegui chegar até os intérpretes e, por meio destes, entrar em contato com algumas “pessoas surdas”. Este movimento me levou ao encontro dos *agentes* conectados a uma *rede social* e sua malha de *inter-relações*. Passei a encontrar meus interlocutores em *eventos*, como por exemplo: acadêmicos (aulas, seminários, minicursos e palestras), “passeata dos surdos”, alguns cultos da igreja batista e presbiteriana frequentados por surdos líderes da/na rede, e também algumas festas, em especial uma festa junina organizada pelos “surdos” da rede. Passei a interagir com os interlocutores em *situações* corriqueiras como encontros casuais nas ruas, bancos, praças, residências e nos espaços localizados no *campus* da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Percebi que era comum quando no primeiro encontro os/as “surdos/as” me perguntarem: “você é surdo ou ouvinte?”



Imagem 01: Gravou-se minha sinalização da pergunta “você é surdo ou ouvinte?” Depois, através dos *frames* do *Adobe After Effects*, produziu-se imagens no *CorelDRAW*.
Fonte: Artesgráficas2018

Na imagem acima observa-se uma sequência de movimentos corporais delimitados pela gramática e espaço de sinalização da Libras. O enunciado desta pergunta “clichê” apresenta duas categorias contrastivas: “surdo” e “ouvinte”. Estas, ao mesmo tempo, elucidam oposições construídas a partir do corpo com e sem audição, embora na prática seja possível encontrar outras categorias que se colocam entre este extremo binário que envolve essas duas categorias nativas.

Esta distinção é demarcada logo no início das interações e serve como norte para que os/as “surdos/as” se reconheçam enquanto tal e, ao mesmo tempo, possam reforçar identidades sociais dentro de diferentes modos de “ser”, “estar”, “perceber” e dar “sentido” para o mundo, diferente dos “ouvintes”.

Ao longo de sete anos (2011-2018) usei meu corpo como forma de acessar, através do aprendizado e do uso da Libras, um tipo de *corporalidade* totalmente nova e desconhecida para mim. Minha empreitada etnográfica, inspirada pela Antropologia Social e Linguística, levou-me a “vestir a Libras no corpo” para acessar a língua nativa dos interlocutores do campo investigado. A metáfora aqui utilizada e articulada como título deste trabalho vem de uma expressão nativa, relacionada com o fato de esta língua ser de modalidade viso-espacial, e conseqüentemente, agenciada por meio do uso das mãos, dedos, braços, dorso, cabeça, expressões faciais, corporais e uso do espaço que está próximo ao corpo.

Assim, é por meio de técnicas atribuídas a movimentos específicos do corpo que se expressa a gramática da Libras e os elementos socioculturais atrelados a ela. Desse modo, a *corporalidade*, enquanto uma categoria analítica, serviu-me para estudar o processo social de composição de um tipo de *corporalidade surda* ligada à Libras, à categoria “surdo” e à noção de “cultura e identidade surda” (como diferença).

1.5. Uma gramática corporal (viso-espacial)

Na antropologia linguística explorada por Alessandro Duranti (1997) e Susan Gal (2006) destaca-se a necessidade de analisar a Língua(gem) para além de si mesma, considerando a descrição do que está presente no contexto sociocultural. Dessa forma, torna-se necessário um exercício contínuo de contextualização do contexto linguístico e/ou discursivo. Para esses autores, a antropologia linguística é um campo interdisciplinar que se aproxima da microssociologia, da sociologia, da linguística (aplicada), da análise do discurso crítica e da sociolinguística.

Os aspectos que traçam definições básicas acerca do campo da Antropologia Linguística, podem ser evidenciados nas seguintes proposições:

1. Linguistic anthropology: “the study of speech and language within the context of anthropology (Hymes, 1963, p. 277);

2. Linguistic anthropology: “the study of language as a cultural resource and speaking as a cultural practice” (Duranti, 1997, p. 2)³⁵.

Susan Gal (2006) afunila mais ainda a noção da definição de antropologia linguística de Hymes, passando por Duranti e ganhando outras proporções. Tais noções, segundo nos conta Gal, podem se complementar, e especificamente no caso da segunda alargar a compreensão sobre a percepção da criação, do uso e das formas em que a Língua é acionada durante a interação. Nesse sentido, a Língua é percebida enquanto um conjunto de códigos e significados indexados no contexto sociointeracional, ela mobilizada enquanto um recurso cultural e ao mesmo tempo mediadora da prática social. A Língua, portanto, nos fornece unidade de análises para a compreensão das motivações individuais e coletivas em jogo na *situação* ou *evento social* analisado.

Em síntese, antropologia linguística diz respeito ao estudo da Língua dentro na/da cultura e vida social. Parte das análises das práticas linguísticas estabelecidas durante uma comunicação e/ou interação qualquer encarnada nas pessoas. Ou seja, busca entre outras coisas compreender o papel da Língua dentro de processos semiótico mais amplos que emergem no momento de um encontro social. Isso porque é através da língua que o corpo se conecta com o meio externo.

Assim, a “antropologia linguística dispõe o lugar da indexicalidade e da fala-em-ação no centro da atenção, promovendo uma sinergia com a antropologia social e cultural” (GAL, S. 2006, p. 176 – tradução minha). O que ela quer dizer com isso é que os significados/significantes são atribuídos no momento em que os signos são mobilizados pelos agentes durante uma interação social qualquer. Os signos, por sua vez, são acionados durante o encontro e ganham sua significação conforme os interesses contido nas motivações das pessoas, variando conforme o tipo de relação, os papéis e posições sociais agregadas ao agentes, e por fim, depende de certo modo dos processos históricos morfologicamente grafados às palavras/sinais.

Com base nessa discussão relaciono alguns dos pressupostos acima mobilizados relacionou minhas discussões traçadas pelo tema, problema e objeto de pesquisa dissertadas neste trabalho. Nesse sentido, pode-se dizer que as Línguas de Sinais estão diretamente vinculadas a uma identidade de grupo, ideologia e elementos sociais envolvidos no processo que as originaram (NONAKA, 2009). A expressão “línguas de

³⁵ 1. Antropologia Linguística como “o estudo da fala e da linguagem no contexto da antropologia” (HYMES, 1963, p. 277) 2. Antropologia Linguística como “o estudo da linguagem como recurso cultural e da fala como prática cultural” (DURANTI, 1997, p. 2)

sinais” escrita no plural, refere-se ao fato da complexa existência de diferentes línguas expressadas por diferentes grupos, relativas aos fatores restritivos quanto a sua sintaxe (FERREIRA-BRITO, 1986).

Na introdução mencionei o impacto das políticas do Estado brasileiro nas ações e motivações das pessoas, em especial aquelas interlocutoras da minha pesquisa. Neste tópico em específico destaco o papel das políticas linguistas na difusões e afirmação de uma Língua pertencente a determinado grupo social, que devida à fatores históricos foi eleita legalmente, assim seu uso posaria por uma difusão e padronização. Portanto, qual a relação dos processos de institucionalização da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) com as ideologias e políticas linguísticas?

Como “ideologia linguística” entende-se como concepções culturais sobre determina língua, sua natureza, estrutura e uso, sobre o lugar do comportamento comunicativo na vida social (HOFFMANN-DILLOWAY, 2011; KUSTERS, A., 2014). Ainda, pensar nas ideologias linguísticas significa atentar para a moldura cultura presente na língua, pois cada língua possui sua própria história e sintaxe convencional e socialmente institucionalizada. Então, surgem instituições específicas que são formadas para dar um respaldo ou base para às existências, disputas e motivações das pessoas. Dito de outro modo, as ideologias linguísticas em grande medida são crenças envolvendo uma determinada língua, seus trações e bases históricas socioculturais.

Ainda, podemos dizer que uma Lei (por exemplo a Lei da Libras 10.436/02) não necessariamente significa uma ideologia linguística, mas sim que as crenças agregadas aos usos e a atribuição de importância à determinada Língua, ganham vazão através de um documento legal. Ou seja, é por meio de políticas linguísticas que se mostra a materialidade de determinados trações ideológicos sobre a própria língua em jogo no campo social. Desse modo, são as ideologias linguísticas que garantem a padronização de uma dada língua. Tal padronização amparada é pelas políticas linguísticas, dando força para as ideologias e não ao contrário.

No Brasil observou-se pelo menos nas três últimas décadas uma movimentação de “agentes religiosos”, “ativistas políticos” e “intelectuais” na direção de uma perspectiva linguística e cultural acerca da *surdez*. Surge a partir deste contexto a “emergência da concepção de que há um grupo particular de nome *os surdos* – muitas vezes chamado também de *comunidade surda* ou *povo surdo* – é a afirmação da existência de uma língua específica, atualmente denominada *língua brasileira de sinais*” (ASSIS SILVA, 2012, p. 26). Cabe destacar ainda, com base em Assis Silva (Idem.), que os três

grupos de “agentes” mencionados acima não serão interpretados aqui enquanto “grupos de pessoas”, mas sim, com base no papel e posição que estes podem ocupar nas esferas sociais, através de redes interpessoais conectadas às instituições sociais.

A Língua Brasileira de Sinais, dita de modo abreviado LIBRAS que é substantivada pelo senso comum e significada como Libras. Nesse sentido, um “mito de origem” da Libras, explicitado em documentos históricos, nas narrativas de muitos agentes religiosos, ativistas políticos explicitam que esta surgiu no Imperial Instituto Nacional de Educação dos Surdos Mudos no Rio de Janeiro (1855), hoje denominado Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Sob influência do educador francês surdo chamado Eduard Huet inaugura-se a primeira escola voltada para o atendimento educacional de pessoas surdos do Brasil. “Lá estudaram os surdos provenientes de diferentes estados brasileiros, ao longo dos séculos XIX e XX [...] Argumenta-se que os sinais utilizados nesse colégio foram disseminados para todo o território nacional” (ASSIS SILVA, 2012, p. 35).

Para Lucinda Ferreira-Brito (1986)³⁶ a complexidade da língua de sinais em seu nível fonológico, como é o caso dos “parâmetros maiores” como é o caso da “configuração de mão” (o formato e posição dos dedos e das mãos) e do “ponto de articulação” (o lugar onde é realizado o sinal); Ainda, manifestando os “parâmetros menores” como a “região de contato”, “orientação das mãos (a direção para onde as palmas das mãos estão voltadas) e “disposição das mãos” (movimentação das mãos). Estes, apresentam traços construídos para disporem elementos distintivos de significação para a formação dos sinais.



As marcas fonológicas da Libras se apresentam, portanto, no modo como se articula, recombina e dispõe os traços formados pelos “parâmetros gramaticais” (FERREIRA-BRITO, 1986; QUADROS & KARNOOP, 2004). Ou seja, traços fundamentais na constituição de qualquer sinal. Estes, são transpostos para o *corpo* através de técnicas específicas para sua utilização, expressando através das interações a *corporalidade* capaz de se fazer entender, expressar opiniões, ideias, sentimentos, e um conjunto de signos relacionados à uma realidade social significada pelos usuários da Libras.

³⁶ Professora titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalha desde 1977 nas áreas Semântica e Pragmática da Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, focalizando, principalmente, os seguintes temas: significado, cognição, espaço, dêixis, pressuposição, atos de fala e categorização gramatical do contexto. Desde 1979, vem trabalhando com as línguas de sinais do Brasil, a LIBRAS e a LSKB (língua de sinais dos índios Urubus-Kaapor da Floresta Amazônica).

Com base nesses argumentos sigo discutindo os traços fundamentais que constituem a sintaxe da Libras para depois discutir sobre o sentido atribuído pela metáfora nativa “vestida no corpo”, mobilizada no título desta dissertação de modo estratégico para estimular as análises acerca marcações linguísticas, identitárias e culturais reivindicadas pelos agentes sociais inseridos em grupos e/ou redes sociais.

A Libras possui cinco “parâmetros gramaticais”³⁷ necessários à construção gramatical dos sinais (equivalentes ao que chamamos de “palavras” em Português), os quatro primeiros são obrigatórios para a construção de qualquer sinal, a saber: (1) configuração de mão - CM, (2) locação/lugar - L, (3) movimento - M, (4) orientação da palma da mão - OR e (5) expressões não manuais/faciais e corporais - ENM (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 21). Além destes traços fundamentais, a língua conta com outros, como por exemplo, os chamados “classificadores”, que agregam particularidades aos sinais agrupados em uma determinada sentença, produzindo-lhes um sentido específico dentro do enunciado (PIMENTA & QUADROS, 2009, p.70). Além desses aspectos, o espaço ao redor do corpo pode ser utilizado para demarcar sujeitos, objetos e cenários que servirão de pano de fundo para as narrativas sinalizadas.

Um exemplo para o uso de “classificadores” pode ser observado na sentença “o Piu-Piu viu um gatinho”. Neste enunciado, deseja-se informar o passarinho amarelo cabeçudo do desenho animado “Piu-Piu e Frajola”³⁸. Ainda, através do *corpo*, além de

fazer o sinal de “passarinho”  e “amarelo” , torna-se necessário agregar outros elementos para remeter ao signo que se quer comunicar, como o uso de “classificadores” e outros fenômenos linguísticos denominados “incorporação” e “jogo de papéis” – estudados por Ronice Quadros e Nelson Pimenta (2009). Assim, somado aos sinais “passarinho” e “amarelo”, o narrador pode agregar o “classificador” utilizando os dedos indicadores apontados para a cabeça com movimento de semicírculo, de baixo para cima,

³⁷ Os cinco parâmetros gramaticais da Libras – CM, L, M, OR e ENM. Dentro de aspectos fonológicos transpostos para o estudo das línguas de sinais, considera-se os “parâmetros gramaticais” como sendo a constituição mínima de um “sinal” – equivalente a “palavra” no Português –, ou seja, para que o significado de determinado “sinal” seja composto morfologicamente é necessário no mínimo a combinação de três dos cinco parâmetros acima mencionados. Ver em Ronice QUADROS & Lodenir KARNOPP (2004), e Lucinda Ferreira Brito (1989). Tal perspectiva linguística difere da noção delineada pela gramática gerativa de Noam Chomsky (1950).

³⁸Do original Tweety Bird, Piu-Piu é um passarinho personagem do desenho animado criado por Bob Clampett em 1940. Faz parte da série Looney Tunes, produzida pela Warner Bros. Ver: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tweety>. Acessado em 20.07.2019 às 00:03.



referenciando a cabeça desproporcional do Piu-Piu em relação ao resto do corpo . Em seguida, deslizando os braços em direção ao dorso, pode-se fazer o sinal “corpo” + “pequeno” para completar sua caracterização incorpora o passarinho como se estivesse balançando na gaiola simulando os movimentos do desenho animado, para e com dorso e pescoço virando a cabeça com a expressão facial de espanto, fica com o corpo parado e em seguida faz sinal de “ver/avistar” + “gato”.

Nessa sentença, para especificar ainda mais os sentidos atribuídos, pode ser utilizado “classificadores de corpo” para expressar as características da personagem e seu comportamento. Quando isto acontece, o narrador empresta seu *corpo* para representar através das expressões faciais e corporais o Piu-Piu se balançando distraído na gaiola, quando avista o gato Frajola. Toda essa movimentação corporal desenha no espaço imagens com o corpo e transmitindo-as para o(s) interlocutor(es), com base no agenciamento linguístico vestido e expressado através do *corpo (organismo-pessoa)*.

1.6. Agentes, rede social e instituições locais engajadas com a Libras

Os referenciais teórico-metodológicos que embasaram o presente estudo foram mobilizados no intuito de encontrar alternativas para se estudar a *surdez*, de um ponto de vista socioantropológico e linguístico. Sendo assim, guiado por algumas bibliografias, procurei ir além das dicotomias teóricas envolvendo os pares “natureza vs. cultura”, “corpo vs. mente”, “indivíduo vs. social” e “normal vs. patológico”, por exemplo. Devido à complexidade que envolve minha problemática e as questões que nortearam minha pesquisa etnográfica, buscarei romper com alguns dos pressupostos cunhados pelo binarismo.

Destaco, inicialmente, que os agentes sociais serão percebidos nesta etnografia a partir de seus próprios termos e de um modo “relacional”, inseridos na tríade da coexistência: biológico, social e ambiental. Logo, compreende-se que os agentes são dotados de subjetividades construídas por meio de suas próprias experiências multissensoriais. Dito de outra maneira, os indivíduos são “engajados com/no mundo” e com a produção de arranjos corporais originários das relações intersubjetivas vivenciadas por meio dos “encontros sociais”. Neste sentido, é no contexto do “presente vivido” (VELHO, p. 23) que dá origem às técnicas, às motivações, às significações, às intenções,

às emoções, à memória individual e coletiva, e ao discurso incorporado e extravasado através do *corpo* (*organismo-pessoa*).

Em conformidade com as perspectivas teóricas de Tim Ingold (2004), Thomas Csordas (2008) e Alessandro Duranti (2003), compreende-se que o processo de constituição de um *corpo-organismo* em *corpo-pessoa* envolve uma complexidade de fatores. Segundo estes autores, é por meio dos encontros entre o “mundo pré-objetivo” e o “mundo objetivo” que surge a *agência*. Assim, os “seres no mundo”, compostos e decompostos a partir do “agenciamento” dos *corpos* no “mundo”, tornam-se condutores de um *modus operandi* motivador das ações individuais e coletivas (por afetação).

Torna-se coerente uma visão que privilegie a integração entre o *bio-psico-social*. Tal esforço, necessário, ajuda a pensar para além de certas noções cartesianas canonicamente atribuídas ao “corpo”. Nessa linha de raciocínio, é preciso pensar para além das narrativas e discursos dos agentes, prestar muita atenção às “práticas sociais”, aos tipos “interações”, às “relações”, e aos significados atribuídos à história acionada pelas “experiências biográficas”, seus “engajamentos” e relação estabelecida com as “instituições sociais” (compreendidas aqui como extensão dos indivíduos e do social, englobando fluxo de ideias, equipamentos e bases para a existência dos próprios indivíduos). Nessa linha de raciocínio, compreende-se que:

para desenvolver-se como ser humano, o organismo/pessoa necessita dos mecanismos biológicos (experiência perceptiva) ligados ao aprendizado, que movimentarão seus processos de desenvolvimento em um engajamento direto com outros indivíduos. Contudo, a advertência de Ingold para entender a “representação discursiva” e a interpretação da experiência de engajamento, para si e para os outros, como condições inseparáveis – por que o biológico e o social estão juntos – dá lugar, como foi antes mencionado, a uma das formas de individualização, ou a um dos processos de tornar-se pessoa, que se repete indefinidamente (SILVA E MACHADO, 2011, p. 383).

Neste sentido, as *experiências multissensoriais* (CSORDAS, 2008), dentro de *campos relacionais* (INGOLD, 2004) são acumulativas conforme os fatores macrossociológicos presentes na sociedade como um todo. Assim, as *corporalidades* vão se construindo no decorrer das inter-relações com o meio ambiente, entre os organismos humanos e a partir dos engajamentos das pessoas em sua malha de relações. As vivências das pessoas em tais relações e motivações são calibradas de acordo com sua intensidade, interesses e níveis de significações atribuídas durante o “encontro social” (VELHO, 2003). É, portanto, no “encontro” (*eventos e situações*) que as pessoas estabelecem comunicação e agência da/na língua (DURANTI, 2003), afetando umas às outras e as suas próprias relações.

Como dito, para estudar *o processo de composição das corporalidades* foi necessário observar em pormenores o cotidiano dos agentes, sua língua, sua visão de mundo, seus engajamentos, relações interpessoais, habilidades, aptidões e técnicas corporais que emergiram durante os *eventos sociais* analisados (e historicamente localizados). É no bojo dessa movimentação que os *processos sociais* dão forma aos traços socioculturais encarnados e cultivados nos/pelos *corpos* dos interlocutores, como por exemplo: a aquisição da Libras. Tal processo levou-me a uma “remodelagem motor sensorial”³⁹ do meu corpo (WACQUANT, 2002, p. 31). Nesse sentido, meus esforços etnográficos permitiram-me “vestir a Libras no corpo” e, a partir daí, acionar meu engajamento que possibilitou a realização deste estudo antropológico e linguístico sobre os *processos de (de)composição de um tipo de corporalidade surda* na Zona da Mata Mineira.

Por fim, como bem sugere Fabíola Rohden (1998), argumento que o lugar dado ao *corpo* nas interpretações e análises etnográficas podem de fato fazer toda a diferença ao buscarmos explicações sobre como as pessoas se comportam, se comunicam e dão sentidos para as coisas ao seu redor. Assim sendo, busco através desta dissertação, localizar o *corpo* como instrumento teórico-metodológico para analisar o processo de construção de uma “diferença” pautada através da Libras, do uso da categoria “surdos” e da noção de “identidade e cultura surda”. Meu aprendizado da Libras, por meio de sua *afetação* (FAVRET-SAADA, 1990), me permitiu acessar algumas subjetividades encarnadas nos interlocutores da pesquisa, ligados à uma *rede social* existente no campo aqui investigado.

1.7. O “jogo” das *corporalidades* “em contexto”

Marilyn Strathern em “Fora do contexto” (1987) reflete sobre a dificuldade de acessar o outro interpretando-o a partir de nossos conceitos. Esta antropóloga, chama a atenção para o fato de que os conceitos “nativos” devem ser compreendidos em seus

³⁹ Para Loïc Wacquant (orientando de Bourdieu), o corpo não é necessariamente o alvo de uma progressiva culturalização, mas sim, uma ‘remodelação’ sofrida através das práticas disciplinares instituídas sobre o corpo. Wacquant oscila entre o corpo desnaturalizado e o corpo como objeto natural, conforme a definição de Mauss, entre a remodelação e a culturalização do corpo. Modeladoras ou remodeladoras, as práticas do ginásio possibilitam uma “conversão perceptual, emocional e mental que se efetua sobre um modo prático e coletivo, sobre a base de uma pedagogia implícita e mimética [...] que pacientemente redefine um a um todos os parâmetros da existência do boxeador” (2002, p. 23)

contextos e através de seus próprios termos. Nesse sentido, ressalta ainda, que o processo do “fazer etnográfico” se dá em contextos diversos, sendo assim, é importante considerar o “contexto” e o possível “jogo” estabelecido entre o etnógrafo e seus interlocutores, entre a experiência vivida em campo e as memórias produzidas pelo pesquisador, entre suas anotações e a transposição de aspectos significativos vividos em campo para a escrita. Nesse ponto, destaco certa compreensão a respeito das *corporalidades* “surda”, “deficiente auditiva” e “ouvinte” manifestadas durante o trabalho de campo.

Partindo de uma perspectiva *socioantropológica* busquei olhar para a *surdez* como experiência de vida a partir de uma certa condição corporal (diferente da minha). Precisei me distanciar de concepções pautadas em uma visão “ouvintista” que tendia a interpretar a *surdez* como “falta”, “doença” ou “limitação”. A partir desta releitura foi possível perceber as condições adversas, catastróficas, conflitivas, controversas e significativas envolvendo a existência de “pessoas surdas” em uma sociedade construída pelos e para os “ouvintes”.

Oliver Sacks argumenta que “não ter língua é uma das piores calamidades” (1989/2015, p. 19), uma vez que a pessoa é privada de informações básicas à sua existência social”, uma vez que a língua é considerada um fenômeno social (HYMES, 1963; DURANTI, 2003) capaz de promover subjetividades, integração social e memória coletiva. Desse modo, não ter acesso a uma língua geraria exclusão social e, por consequência, inibindo outras *corporalidades* de existir, de modo diferente das experimentadas pelos “ouvintes”.

Dentro da perspectiva socioantropológica sobre a surdez, inter-relacionando os contextos locais com os mais abrangentes, evidencia-se nas últimas três décadas no Brasil um “processo de invenção da ideia contemporânea de *deficiência* [...] momento de elaboração simbólica de um sujeito particular, que é o ‘surdo’ falante [ou sinalizante] da libras” (ASSIS SILVA, 2012, p.12). Deste ponto, o processo de (re)invenção da *surdez* se deu de modo multifacetado, ou seja, por meio de ações oriundas de contextos acadêmico-científico, de comunidades surdas, de alguns segmentos religiosos protestantes e do campo político e jurídico. Foram, inicialmente nestes campos que as categorias “surdo”, “deficiente auditivo” e “ouvinte” foram mobilizadas historicamente (ASSIS SILVA, 2012; ASSÊNSIO, 2015; GEDIEL, 2010; LOPES, 2007).

Na região mineira em questão tive acesso a uma complexa malha de relações estabelecidas a partir de uma *rede social* – interconexões entre agentes fluentes na Libras

vinculados às instituições locais. Estas pessoas frequentavam um *circuito urbano* (MAGNANI, 2007) que envolvia espaços públicos da cidade (praças e ruas), pizzaria, espaços religiosos protestantes, residências de intérpretes e surdos, sede da Associação dos surdos e espaços dentro do *campus* universitário (salas de aula, auditórios, centro de vivências, biblioteca, entre outros).

Ao longo do trabalho de campo, aproximei-me de problemáticas relativas ao *fenômeno da surdez*, as re(l)ações e arranjos sociais construídos em torno dele, as possibilidades e potencialidades das pessoas diante dos marcadores corporais para distinção e evidência de uma identidade linguística-cultural. Coloquei-me à disposição para participar de *encontros* e *projetos* a fim de me aproximar dos principais agentes da Libras, interlocutores do campo. Após quase dois anos de iniciada minha experiência etnográfica, pude perceber a existência de conflitos e tensões envolvendo especificamente as categorias “surdo”, “deficiente auditivo” e “ouvinte”.

A respeito disto, Oliver Sack (1988) e Fernando Capovilla (2004) traçaram uma distinção entre “surdo” e “deficiente auditivo”. Para eles a categoria “surdo” refere-se *surdez congênita* (pré-lingual), e “deficiente auditivo” seria um termo relativo à *surdez adquirida* (pós-lingual). Embora na literatura a observância dessas duas categorias seja marcada por uma dicotomia entre elas, na prática social a disposição dos sentidos atribuídos a essas categorias não é homogênea dentro da diversidade daqueles que nascerem sem audição ou daqueles que se viram nesta condição depois de nascido. Nota-se, no entanto, um mosaico que entrecruza experiências biográficas corporais e o uso de outras categorias nativas, englobadas, ora pela categoria “surdo”, ora pela categoria “ouvinte”. Os autores supracitados explicam que pelo fato dos “surdos congênitos” não receberem “*input* linguístico”⁴⁰ oral-auditivo, estes passam a desenvolver naturalmente a língua de sinais, diferente dos “deficientes auditivos” que passam a fazer uso da língua oral, treinando leitura labial e vocalização assim como os “ouvintes”.

Sobre o “jogo” de categorias enunciadas em contraste, César Augusto de Assis Silva (2012), em um texto apresentado no Seminário do Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, realizado em julho de 2012, traça um quadro dessas

⁴⁰ Segundo algumas definições, e diretamente a encontrada no Blog de Ciência da UNICAMP – Instituto de Estudos da Linguagem, “input linguístico [refere-se à] “Tudo aquilo que a criança ouve, no caso de línguas orais faladas, ou vê, no caso de línguas de sinais. Mais especificamente, são os dados linguísticos produzidos no ambiente em que a criança vive, dirigidos ou não a ela.” Disponível in: https://www.blogs.unicamp.br/linguistica/my_keywords/input-linguistico/ . Acessado 20/08/2019 às 22:39.

categorias dispostas pragmaticamente em um “campo de tensões e aproximações”. Ele explicita que o contexto histórico das categorias mobilizadas para se referir ou significar a *surdez* estariam vinculadas a um tema maior, ligado à categoria “deficiência”, assim sendo, a partir da década de 1970 esta categoria torna-se mais um marcador populacional, assim como “raça”, “gênero” e “classe”, por exemplo (ASSIS SILVA, 2012, p. 2).

Assis Silva (Ibid.) toma como objeto a “complexa pragmática” envolvendo as categorias “surdo”, “deficiente auditivo”, “mudez”, “surdo-mudo” e “mudinho”, traçando suas tensões e aproximações. Este antropólogo argumenta que houve com o tempo uma sincronia relacionada e incorporação dessas categorias nas pautas dos movimentos sociais, na mobilização de familiares, profissionais e líderes de segmentos religiosos. Esses grupos impulsionaram, amparados por instituições sociais, o reconhecimento dos direitos da “pessoa surda” e da “pessoa deficiente auditiva”. Tomando como exemplo, no contexto brasileiro, a criação da Federação Nacional de Entidades de Pessoas Deficientes, fundamentada a partir de três “Encontros Nacionais” (Brasília em 1980, Recife em 1981 e São Bernardo do Campo em 1983). Com base nesses dados, César Assis Silva afirma que a “deficiente” passou a ser uma categoria reivindicatória, estimulando o surgimento de novas organizações sociais, políticas e educacionais (2012, p. 5).

Ao passo que a categoria “deficiente auditivo” torna-se politicamente correta, passa a ser utilizada em documentos oficiais, como Leis e Decretos. Ainda, contrapondo tal significação e uso, algumas lideranças surdas passaram a criticá-la acusando-a de resguardar noções estigmatizadoras, vista de modo pejorativo (ASSÊNSIO, 2016). Na contramão, a categoria “surdo” passa a ser agenciada como uma arma despatologizante e produtora de uma diferença linguística cultural.

Com base no que foi exposto nesta seção, finalizo ressaltando que para muitos dos interlocutores do campo investigado, a categoria “deficiente auditivo” está diretamente vinculada às pessoas que ficaram surdas pós nascimento e ou àquelas de nascimento, que fazem uso da Língua Portuguesa, utilizam aparelhos auditivos, tiveram algum tipo de acompanhamento fonoaudiólogo, e ou não gostam de usar a Libras. Desse ponto, “surdo” passa a concorrer em legitimidade com a categoria “deficiente auditivo” e “ouvinte”. Assis Silva (2012) e Gediel (2010), mencionam em suas teses, que a categoria “surdo” está diretamente relacionada com os corpos sem audição que passaram a usar a Libras. Dito de outro modo, a categoria passa a ser interpretada aqui enquanto expressão de um tipo de *corporalidade*: “Surdo” torna-se englobante e distintiva em relação às categorias,

“surdo-mudo”, “mudo”, “surdo-oralizado”, “surdo-implantado” e “deficiente auditivo”, por exemplo.

1.8. Corporalidades Surdas (?)

Corporalidade é de uma *categoria analítica* mobilizada neste trabalho para fornecer uma certa compreensão acerca dos sentidos e significados atribuídos em torno da *surdez*, da *audição* e da *língua de sinais*. A noção de *corporalidades* utilizada aqui no plural refere-se, de um lado, a uma diversidade na forma como a *surdez* se manifesta biologicamente em seus graus variados de nascimento ou de aquisição, e do outro lado, relativas às experiências corporais e socioculturais das pessoas.

Nesse sentido, *corporalidade* passa a ser entendida como evidência, recurso e instrumento metodológico capaz de elucidar a relação entre a (re)produção de *técnicas corporais* e os arranjos sociais multissensoriais percebidos e significados para e pelo próprio *corpo* (*organismo-pessoa*). Dentro desse processo a Língua, como um fenômeno social cognitivo e motor-sensorial, ocupa uma posição central na produção de subjetividades. É através do *corpo*, compreendido a partir dos processos de composição e modelagem, que se dão as relações interpessoais fabricadas em *eventos* e *situações* (encontros sociais). A partir disso, foi elaborado a seguinte fluxograma:

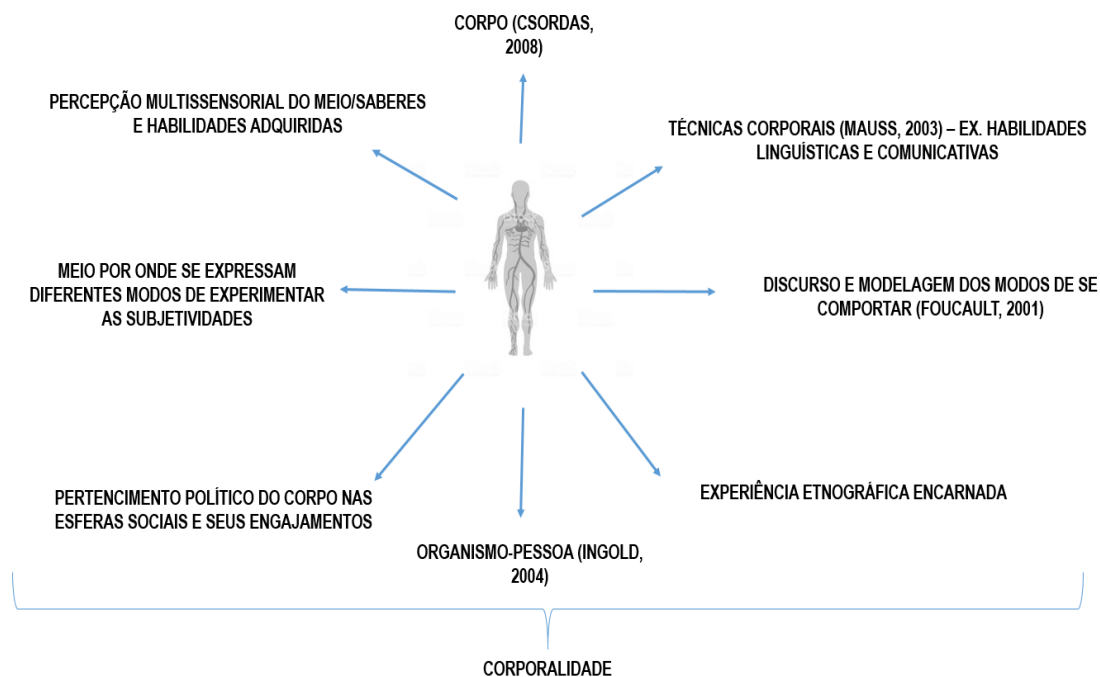


Imagem 02: Fluxograma esquemático teórico-metodológico representando a relação entre corpo organismo, sua consonância com o meio social e ambiente (*bio-psico-social*).

As *corporalidades* abarcam um conjunto de fatores que englobam práticas, hábitos, crenças e técnicas corporais. As *corporalidades*, portanto, são produzidas pelos agentes, pelas instituições, pelos encontros sociais, com base nos tipos de interações e posição social que os indivíduos ocupam no momento do encontro. Desse ponto, a realidade discursiva encarnada nos *corpos* expressa seu pertencimento político no mundo social, sua preparação e adaptação junto às instituições sociais, e ainda, as motivações e interesses advindos dos próprios agentes – síntese entre aspectos subjetivos (individual) e objetivos (coletivo).

O *corpo* compreendido enquanto um *organismo-pessoa* supera a noção cartesiana e funcionalista, passando a ser percebido enquanto um arcabouço propício para acessar as experiências biográficas das pessoas, permitindo desse modo chegar até a língua e a cultura encarnada em seus corpos. Nesse sentido, como aponta Csordas (2008), o *corpo* e seu *aparato multissensorial* é o *locus* da cultura e do *self*, onde habitam saberes, habilidades, formas de ser, estar, perceber e significar o mundo. Complementar a esta ideia, Ingold (2004) destaca que o *corpo* é um *organismo relacional* que possibilita a construção da *pessoa* antes mesmo do seu nascimento, englobado pelos arranjos de parentesco, pela mensagem genética envolvida na fecundação, pelo processo de gestão, nascimento e pela incorporação desse novo organismo humano ao meio social.

Ainda, busco inspiração na noção tipológica weberiana para reduzir a complexidade presente no campo e facilitar sua compreensão. Por este motivo reconheço a existência de diferentes *tipos de corporalidades* em jogo no contexto etnografado. Embora tenha optado por estudar um tipo de *corporalidade* ligada à categoria “surdo” (por ser “nativa” dos meus interlocutores), ressalto que houve um recorte dentro de um grupo social específico, logo não representa de modo geral todas as construções identitárias e de pertença dos corpos sem audição. “Surdo” não é uma categoria utilizada por todas as pessoas que não podem ouvir por algum motivo, tão pouco, é utilizada apenas por aqueles que militam pela Libras; algumas pessoas sem audição não se identificam com a “cultura surda” e muito menos com esta língua de sinais (PADDEN, 1999).

Defendo a ideia de que existem *corporalidades surdas* no plural, explicitadas pelos interlocutores do campo através de categorias específicas como “surdo”, “deficiente auditivo”, “surdo-oralizado”, “surdo-implantado”, entre outras. Embora sabendo da existência destas categorias, foco minha atenção sobre três delas para ajudar a compreender mais de perto um tipo específico. Nestes termos, apoiarei minhas análises e reflexões nas categorias contrastivas “surdo”, “deficiente auditivo” e “ouvinte” para

estudar *o processo de composição de um tipo de corporalidade surda* ligada à categoria “surdo” e à Libras. Para tanto, no próximo capítulo apresento minha postura etnográfica e o desenho teórico metodológico construído em consonância com a problemática e objeto de estudo mobilizados nesta dissertação.

CAPÍTULO

“VESTIR A LIBRAS NO CORPO” PARA ACESSAR UM CAMPO DE PESQUISA

Minha imersão no campo de pesquisa sobre a *surdez* se deu em consonância com o meu acesso aos conhecimentos antropológicos e linguísticos durante o período de graduação. Foi vivenciando os espaços da universidade e de Viçosa (MG) que me deparei com um universo corporal muito distante do meu, mesmo próximo fisicamente. Assim, empenhado em seguir alguns princípios e fundamentos metodológicos, sistematizei meu aprendizado, o processo em que fui estabelecendo relações sociais com o campo de pesquisa. Em meio a isto, algumas de minhas vivências históricas em torno de alguns *eventos e situações*, evidências fotográficas, anotações, vídeos e postagens em redes sociais envolvendo meus interlocutores/as “surdos/as” que utilizam a Libras em seu cotidiano.

Acumulei ao longo de oito anos um conjunto de informações e experiências afetantes. Parti de uma postura etnográfica polifônica e, em muitos momentos atuei como participante observador das/nas práticas envolvidas durante as interações com os agentes da Libras (interlocutores da pesquisa). Conforme me aprofundava nos estudos sobre a problemática envolvendo o *fenômeno da surdez* e as reações/relações sociais atribuídas a ele, mais aguçada curiosidade tinha para compreender um pouco mais a complexidade envolvendo o *campo da surdez*. Passei a conhecer de perto algumas “pessoas surdas”, a aprender com elas outro senso de ver e sentir o mundo de um modo visual-espacial, utilizando-se do meu corpo como um todo para se comunicar, diferente do que eu estava acostumado até então.

Por questões éticas de pesquisa e para manter certa contextualização preservando as identidades pessoais dos interlocutores deste estudo, os nomes das pessoas serão substituídos por configurações de mãos correspondentes aos seus “sinais-próprios”. Já em relação aos nomes dos lugares, instituições e entidades serão referenciados conforme mencionados pelas pessoas.

Enquanto estratégia de pesquisa utilizei das técnicas etnográficas e, para iniciar o campo, realizei o mapeamento de uma rede de pessoas, conhecidas umas das outras e que, em algum momento, já compartilharam de algum *eventos extraordinários* envolvendo a Libras. No meu caso o fio condutor que me possibilitou acessar uma malha de inter-relações sociais foi a própria Libras, que logo me possibilitou observar um tipo de

corporalidade instituída no corpo através dos seus traços fonológicos, morfológicos e sintáticos dos sinais e de sua sintaxe.

O conceito de *rede social* foi mobilizado no sentido de abstrair, de uma dada “realidade social”, alguns elementos capazes de fazer emergir uma compreensão acerca desta complexidade social (BARNES, 1987). “Rede” será utilizada aqui para se referir a um conjunto de relações intersubjetivas formando uma malha de relações (inter)pessoais vinculadas à lugares, instituições, diferentes possibilidades de interações, informações, técnicas e conhecimentos impingidos nos agentes dentro e fora da rede – através das suas (inter)conexões e ramificações –. O conceito de *rede social*, neste sentido, será mobilizado para ajudar a compreender a “força agregadora” motivacional da ação de algumas pessoas, guiadas por objetivos comuns, sentimentos, comportamentos e crenças arreigadas no processo de composição de um tipo de *corporalidade surda* para traçar uma *diferença linguística-cultural*.

2.1. Acessando uma rede de sinais corporificados pela Libras em uma microrregião da Zona da Mata Mineira (ZMM)

O universo etnografado parte de saberes historicamente localizados, constituídos a partir de uma *rede social da Libras*, formada por *agentes* que circulam os mesmos espaços da cidade e possuem algum tipo de relação com algumas instituições locais como por exemplo associações, igrejas e universidades. A polifonia discursiva narrada ao longo da dissertação foi gestada por algumas das experiências vivenciadas ao longo de oito anos junto a um grupo de “pessoas surdas” habitantes em algumas cidades situadas na ZMM. Desse modo, as narrativas que compõem esta escrita etnográfica polifônica não devem ser interpretadas de modo descontextualizadas, essencializadas e/ou tão pouco restritas a uma temporalidade linear formalizada.

As evidências mobilizadas neste estudo aconteceram em alguns espaços institucionais como no *campus* da universidade, salas de aulas, auditórios, biblioteca, corredores e espaços de convivência como recreativos e barzinho dos estudantes. Também, em espaços informais como calçadas e praças, além disso, passeios e entrevistas durante visitas a casa de algum interlocutor da pesquisa. Muitos dos encontros ocorreram em duas cidades localizadas em uma microrregião da Zona da Mata Mineira: Viçosa e Ponte Nova.

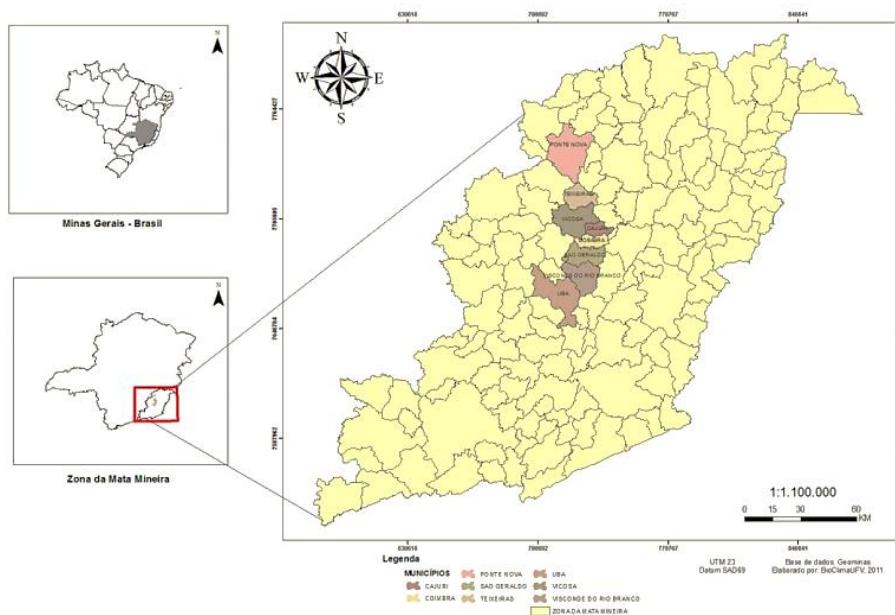


Imagem 03: Representação cartográfica da microrregião onde residem e circulam as agentes da rede social da Libras. Microrregião da Zona da Mata Mineira (ZMM).
Fonte: Imagem retirada do *google*. Acessado 20/06/18 às 14:00

Desembarquei em Viçosa no dia 21 de março de 2010. Havia mudado de estado e de cidade para estudar na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Embora inicialmente não tivesse a menor ideia do que de fato eu iria estudar, lancei-me ao acaso⁴¹. Diante da incerteza natural da vida, segui estudando e residindo nesta cidade, que um ano depois tornaria palco principal de minhas reflexões, vivências e investigações etnográficas no *campo da surdez*.

Foram as “artimanhas do acaso” que me colocaram em campo. Tudo começou numa manhã de agosto de 2011. Como de costume todas os dias checava minha caixa de *e-mails*, porém, neste dia em particular (18/08/11), visualizei a notícia no *site* da UFV de um convite aberto à toda comunidade acadêmica para participação no grupo de estudos intitulado “antropologia linguística: experiência corporais” – registrado no *Sistema de Registro de Atividades de Extensão da Universidade* por uma professora do Departamento de Letras. Este *evento* foi a minha porta de entrada para o *campo da surdez*. A partir da participação nesse Grupo de Estudos entrei em contato com os primeiros interlocutores do campo que me apresentaram uma *rede social* composta por pessoas “surdas” e “ouvintes” usuárias da Libras na região.

⁴¹Ver “Artimanhas do Acaso” de Mariza Peirano. Em: Anuário Antropológico/89 – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

No final de agosto de 2011 comecei a participar das reuniões do Grupo de Estudos “antropologia linguística: experiência corporais”. A participação neste grupo de estudos e a sequência de *situações* e *eventos* que se seguiram, garantiram minha entrada quase “ritualizada” no *campo da surdez*. Os encontros com os participantes do Grupo de Estudo foram semanais, no período de 26 de agosto a 02 de dezembro de 2011 – totalizando vinte horas de estudos, reflexões e discussões de bibliografias abordando as temáticas “corpo”, “língua”, “cultura” e “surdez”.

Com a finalização do Grupo de Estudos, segui participando como voluntário da pesquisa “Sinais como nomes próprios” que deu origem ao Grupo de Estudos. Conforme eu ia auxiliando esta e outras equipes de pesquisas, conseguimos mapear uma *rede social da Libras*. A partir disto, realizamos as primeiras entrevistas com os agentes destacados, analisamos os dados e produzimos os primeiros relatórios de iniciação científica acerca do campo.

Esta imersão inicial no campo me possibilitou escrever um projeto de iniciação científica intitulado “A constituição do sujeito surdo a partir da libras e das experiências corpóreas nos espaços religiosos”, aprovado com bolsa pelo edital/2012-Fapemig. Segui pesquisando o universo dos “surdos” em Viçosa e microrregião, atentando para o agenciamento da língua e dos corpos nos espaços religiosos protestantes onde alguns dos “surdos-líderes” da rede frequentavam (posteriormente esta pesquisa possibilitou a elaboração da minha monografia para conclusão do bacharelado em Ciências Sociais – 2016).

Havia desembarcado em um novo universo simbólico, pragmático, corporal e repleto de significados. Este universo apresentava elementos sociais e percepções motor-sensoriais diferentes daquelas a que eu estava acostumado (devido a minha condição de homem, pardo, ouvinte e falante da Língua Portuguesa). A aproximação do *fenômeno da surdez* no início da minha graduação me estimulou a exercitar uma “postura etnográfica” ancorada a bibliografias específicas a que tive acesso tanto em disciplinas do curso de graduação em ciências sociais quanto àquelas discutidas no Grupo de Estudo. Assim, o percurso inicial desta “experiência etnográfica” evocou “uma presença, participativa, um contato sensível com o mundo a ser compreendido, uma relação de afinidade emocional com seu povo, uma concretude de percepção” (CLIFFORD, 1986/2011, p. 34).

Passei a habitar um ambiente propício para um “(re)encontro” com a Libras (detalhado mais adiante). A partir de 2012, passei a interagir e acessar uma *rede social* constituída por professores, estudantes, intérpretes, amigos e familiares de “surdos/as” e

“ouvintes” usuários da Libras na ZMM. Após contato inicial e conforme fui me aproximando do campo, passei a estranhar e desnaturalizar alguns mitos e crenças advindas de um *sensu comum* compartilhado com muitos “ouvintes”.

Respondendo à pergunta de Karen Strobel “quando a palavra ‘surdo’ é mencionada, quais imagens vêm à mente das pessoas?” (STROBEL, 2009, p. 23), em meu caso, antes de 2012, quase não havia notado as palavras “surdo” e “ouvinte”, quando nas raras vezes em que escutei a palavra “surdo”, esta vinha acompanhada de “mudo”. A imagem que me vinha à cabeça retratava pessoas que não podiam falar porque eram “deficientes auditivos” e, pelo fato de não compreender a dimensão das questões que envolvem o fenômeno, reduzia inconscientemente os “surdos” a uma condição audiológica. Por exemplo, lembro-me de uma antiga noção, meio mitológica, acerca da Libras: acreditava antigamente que esta língua era o próprio “alfabeto manual” (ou datilológico), um sistema de representação das letras do alfabeto da língua Portuguesa através de configurações de mão, mais ou menos icônicas:



Imagem 04: Alfabeto manual ou datilológico da Língua Brasileira de Sinais
Fonte: Imagem retirada da internet – google imagem

Minha antiga crença, a de que a Libras era o “alfabeto manual”, era e ainda é compartilhada por muitos “ouvintes”. Durante a realização do trabalho de campo, muitas foram as pessoas que me perguntaram se a Libras era “aquela das mãozinhas(?)”, em

referência ao alfabeto manual. Como esta crença foi gestada no senso comum? Esta indagação levou-me a recordar de um fato marcante que me aconteceu:

Em 1997, eu morava com meus pais e irmão em uma cidade chamada Garça, no interior de São Paulo, à 30 km de Marília e distante uns 70 km a oeste de Bauru. Todas as manhãs, de segunda a sexta-feira, apanhava um ônibus-circular para ir até a escola estadual Hilmar Machado, onde eu estudava na oitava série. Certa manhã, um jovem, moreno, aparentando uns quinze anos mais ou menos, vestindo uma camisa verde claro com o símbolo da APAE, entrou no ônibus, sem falar nada, apenas distribuiu entre os passageiros alguns santinhos contendo de um lado a imagem de São Jorge com um escapulário do santo e, no verso, desenhado o “alfabeto manual” da Libras (...)

(Fragmento de diário de campo, janeiro de 2012).

Esta história pode ser comparada a outras *situações* similares narradas por algumas pessoas com quem tive contato ao longo da pesquisa. Conversando com alguns amigos, disseram-me que o primeiro contato que tiveram com a Libras foi através de santinhos e do alfabeto manual.

Pensei, com base nisto, que tais fatos poderiam corroborar para a “gestação” de uma confusão produzida pelo *senso comum*: achar que “as mãozinhas do alfabeto manual é a Libras”. Nesse sentido, chamo a atenção para o fato de que, por exemplo, muitas “pessoas ouvintes”, assim como eu, entraram em contato pela primeira vez com a Libras em *situações* parecidas com a narrada acima. Difundia-se o alfabeto manual através de brindes e/ou santinhos, algumas vezes distribuídos gratuitamente, outras, vendidos em ônibus, metrô e praças com o intuito de angariar fundos para ONGs, APAEs, instituições religiosas e de caridade.


De fato, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é muito mais do que seu recurso híbrido interlíngua denominado “alfabeto manual e/ou datilológico”. Esta constatação foi minha segunda desnaturalização em campo, depois de já ter entendido que os “surdos” não são “mudos”, agora aprendi que a Libras é constituída de uma sintaxe própria, composta por traços denominados “parâmetros gramaticais” e outros recursos linguísticos como os classificadores, marcadores espaciais, referentes espaciais, verbos direcionais, jogo de papéis, espaço *token* e *sub-rogado* (QUADROS & KARNOPP, 2004). Alguns desses mitos e crenças envolvendo a gramática corporal da Libras e a percepção sobre a *surdez* foram analisados por Quadros & Karnopp (2004) e por Audrei Gesser (2009). Portanto, é sabido que a Libras não é o alfabeto manual/datilológico e os “surdos” não

são “mudos” porque a *surdez* se manifesta na cóclea⁴² e não no aparelho fonador (com raras exceções).

Em Viçosa, o processo de institucionalização da Libras se deu de modo gradual há pelo menos duas décadas, inicialmente através da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) – focada mais numa perspectiva clínica e terapêutica e no uso do alfabeto manual e de alguns sinais descontextualizados, visando a oralização; depois passou a ser agenciada no contexto da Igreja Batista; e, aos poucos foi adentra ao *campus* universitário por meio de um projeto de extensão vinculados ao Departamento de Matemática da Universidade, criado em 2007 (e até hoje em funcionamento).


Neste contexto, a partir de 2010, a difusão da Libras ganha um reforço legal com Decreto nº. 5.626/05, que dispõe, entre outras coisas, torna obrigatório o ensino da Libras nos cursos superiores de Licenciatura, Pedagogia e Fonoaudiologia. Tal fato estimulou o surgimento de algumas práticas e engajamentos sociais e individuais, como por exemplo, a contratação efetiva de professores para ministrar a Disciplina de Libras na UFV por exemplo. A partir deste momento, surgem novas demandas, potencialidades e engajamentos voltados para a criação de projetos de ensino, pesquisa e extensão pautados em uma perspectiva sociocultural bilíngue, no reconhecimento da “identidade surda” (PERLIN, G., 2003) e da “cultura surda” (SILVA ASSIS, 2012), reivindicadas pelas “comunidades surdas” (GEDIEL, 2010).








Minhas idas ao Departamento de Letras da UFV tornaram-se rotina acadêmica. Pelo menos duas vezes na semana me dirigia até lá para me encontrar com o Grupo de Estudos e com a equipe de projetos de pesquisa e extensão. Em muitas dessas visitas, me deparava com algum “surdo/a” ligado à uma *rede social da Libras*. Em uma dessas visitas algo extraordinário me aconteceu: ganhei meu sinal próprio!

Era segunda feira, dia 03 de dezembro de 2012. Almocei no restaurante universitário que ficava localizado na área central do *campus*, ao lado da biblioteca, de frente para os prédios administrativos da universidade. Sai do restaurante e caminhei em direção ao Departamento de Letras, subi as escadas e no corredor das salas encontrei  , um dos primeiros “surdos” a agenciar a Libras no município. Nesse dia, em específico,

⁴² Órgão interno da orelha. É responsável pela transformação dos sinais acústicos em sinais neurais. Trata-se de um canal ósseo que lembra um caracol.

o que motivou a presença desse “surdo” naquele local foi devido ao fato de ele participar dos projetos EAMES⁴³ e no CELIB⁴⁴.

Já a minha motivação dava-se pelo fato de eu participar de pesquisas vinculadas ao Departamento. Neste dia, em especial, Belle e eu estávamos na sala das professoras de Libras discutindo um texto de Thomas Csordas (1952-), quando uma das professoras apareceu na sala acompanhada de . Ele sinalizou um “oi” e “boa tarde” em Libras. Percebi que a professora estava tentando resolver, através de um telefonema, um problema relacionado com sua carteirinha de transporte público dele.



Depois de resolvido seu problema,  saiu no corredor da sala e me encontrou parado anotando algo em meu caderno; nos cumprimentamos e em seguida o convidei a ir tomar um café. Com minha Libras, ainda muito precária, e usando um pouco de “oralização” (falar em sussurros, pausadamente para que o surdo faça leitura labial), mencionei que o conhecia de nome, pois  e  haviam me falado dele. Logo,  foi me perguntando qual era o meu nome – respondi usando o alfabeto manual  . Em seguida, ele me perguntou se eu “tinha um sinal”, respondi “não” com a cabeça.  então me fitou por alguns instantes, e de repente, sinalizou indicando uma marcação em meu rosto: a pinta que tenho do lado esquerdo na altura da bochecha (herdada de minha mãe):

⁴³ O projeto de Ensino Aprendizado e Metodologias de Ensino para Estudantes Surdos (EAMES) teve início em 2011. Visava alfabetizar os surdos/as da região para pensar novas metodologias de ensino para os surdos oralizados.


⁴⁴ Curso de Extensão em Língua Brasileira de Sinais (CELIB), criado em 2011 e vinculado ao Programa de Extensão em Ensino de Línguas da Universidade. Seu objetivo geral é fornecer cursos de Libras em vários níveis a toda a comunidade acadêmica, bem como também, surdos/as e ouvintes da região.



Imagem 05: Representação do meu *sinal-próprio*
 Fonte: LBSartesgráficas2018

 me explicou que a partir de então este seria o meu *sinal-próprio* – tocar com a ponta do dedo indicador na altura da bochecha e fazer movimento semicírculo girando o pulso de um lado para outro –. Indaguei se eu poderia utilizar a “configuração de mão (CM)”  referente a primeira letra do meu nome em Português, como acontece no caso do *sinal* de Belle⁴⁵; ele respondeu enfaticamente que “eu não podia fazer isto”, que eu “deveria usar apenas o sinal relacionado à minha marca facial” (tradução referente a sua sinalização anotada no caderno de campo).

O fato de este “surdo” não me nomear com um “sinal” que remetesse ao meu “nome” em Português, me fez prestar atenção nesta importante marcação de diferença: expressada no modo como o “sinal” de Isabelle é realizado em comparação ao meu “sinal”. No caso dela, antes de sinalizar sua característica física, primeiro deve-se mostrar a Configuração de Mão (CM) em I, remetendo a primeira letra de seu nome, e em seguida fazer o sinal que remete ao seu corte de cabelo na época.




Quem batizou Belle foi , para ele é natural ter que indicar antes do “sinal-próprio” a letra referente ao nome da pessoa em Português. Percebeu-se então um padrão na marcação dos sinais: para alguns “surdos” não era correto atribuir a primeira letra do nome ao “sinal-próprio”, ao passo que para outros é “regra” demarcar antes do sinal-próprio a letra do nome da pessoa.


⁴⁵ Ver sobre em: Souza & Gediel, *Os sinais dos surdos: Uma análise a partir de uma perspectiva cultural*. Em: Revista Trab. Ling. Aplic., Campinas, n(56.1): 163-185, jan./abr. 2017.


Estas evidências explicitaram que o processo de nomear uma pessoa com um sinal-próprio não acontece descuidado de regras sociais, condutas e percepções culturais. Meu ritual de batismo havia acontecido e, de certo modo, autorizada minha entrada em campo. Isso porque todas as pessoas “ouvintes” que ingressaram ou que tinham contato mais frequente com algum(a) “surdo/a” da rede da Libras, ganhavam um “sinal-próprio”. O “sinal” para nomear as pessoas era muito utilizado porque é natural durante uma comunicação em Libras os interlocutores se referirem a uma pessoa através de seu sinal e/ou do uso da datilologia do nome falado. Nestes casos não há manejo dos sons vinculados ao “nome” ligado à língua portuguesa.

A distinção que envolveu, por exemplo, os “sinais-próprios” de Belle e o meu destacaram os modos variados que os interlocutores construía, para si e para os outros, marcadores corporais que sinalizavam diferentes identidades linguísticas e culturais – remetendo a diferentes tipos de *corporalidades surdas*.

2.2. Os agentes líderes na/da rede social da Libras

Através do contato com a professora , obtive algumas informações que possibilitaram-me chegar inicialmente até as intérpretes de Libras  e  (casada com um “surdo” fluente em Libras). Ambas atuavam na Igreja Batista e no contexto educacional de ensino superior. A partir do contato com elas passei a conhecer outros interlocutores do campo.

A segunda interlocutora contatada diretamente pelo estudo foi . Havia combinado de ir até sua casa para realizar uma entrevista semiestruturada. Então, no dia 27 de abril de 2012 fui até sua casa. Como indicado no pequeno mapa desenhado em um rascunho de papel, subi a rua, em sentido ao bairro Santa Clara, contornei a rua subindo quase uns noventa graus; do alto avistava o centro de Viçosa, mais aos fundos, no horizonte um pedaço do *campus* universitário.




 me contou que aprendeu a Libras no contexto da igreja batista, acrescentou ainda, mencionando; “[...] tive uma irmã surda que faleceu quando eu era muito jovem, isso me marcou, na época eu não sabia a língua de sinais” – neste momento, ela narra sua história familiar com o olhos lacrimejados e enfatiza que sua “missão em utilizar da Libras” é para poder se comunicar e ajudar os “surdos”.

Na época em que realizei a entrevista, ela trabalhava numa Faculdade particular da Viçosa, ministrando uma disciplina de Libras para o curso de Pedagogia; ainda, me informou que trabalhou com o 🙋 (interlocutor chave), e que ele e 🙋 conheciam muitos “surdos”. 🙋, aproveitando o ensejo e mencionou sobre dois “surdos” gêmeos (com aproximadamente 25 anos), dizendo-se que ambos não sabiam Libras e nem mesmo sabiam direito ler e/ou falar o Português. Além destes, esta intérprete contou-me que conhecia 🙋, surdo que tem muita habilidade com a Libras por ter estudado no Instituto Nacional de Ensino de Surdos (INES) no Rio de Janeiro. Sobre este último, acrescenta, que “infelizmente este surdo tem sérios problemas com alcoolismo” e que “era preciso fazer um trabalho especial com ele”, revelando uma perspectiva moral religiosa e assistencialista de se olhar para o “corpo surdo”. Neste momento, 🙋 ressalta que conheceu os “surdos” 🙋, 🙋 e 🙋 na Igreja Batista Primeira, contexto onde aprendeu a língua de sinais, vindo posteriormente a se tornar intérprete profissional.




🙋 forneceu algumas pistas sobre os agentes locais, suas inter-relações com algumas instituições locais, como a Igreja, a universidade e posterior a Associação dos Surdos da Região. Através desta entrevista identifiquei que os três interlocutores “surdos” 🙋, 🙋 e 🙋 utilizavam a Libras e atuavam em projetos educacionais, religiosos e políticos. Com base nestas informações iniciais, realizei uma segunda entrevista semiestruturada.

No dia 5 de dezembro de 2012, Belle e eu visitamos o casal mencionado por 🙋. Tocamos a campainha sonora e luminosa, 🙋 saiu na porta e nos avistou no portão que dava para uma escadaria. Logo, veio abrir o portão para que guardássemos nossas bicicletas na garagem, em seguida, subimos alguns degraus até chegar na porta que dava acesso à sala de visitas. Entramos, passamos pela sala de tevê, onde duas crianças brincavam distraidamente; 🙋 nos apresentou para uma delas, a sua filha. Rapidamente ela sinalizou um “boa tarde” em Libras, em seguida sua mãe avisou que éramos “ouvintes” e, automaticamente, a garotinha de três anos nos cumprimentou falando “boa tarde”. A mãe explica que a filha é “ouvinte”, mas que desde de quando nasceu o pai

estimulou uma interação por meio da Libras, e ela foi aprendendo a se comunicar naturalmente nas duas línguas. Fiquei sabendo depois que o casal tinha o hábito de organizar *encontros* em casa, com churrascos e aniversários para os “surdos” interagirem entre eles através da língua de sinais.

Sentamos junto a uma mesa que ficava na antessala. Como havia me preparado para entrevistar somente a intérprete, cometi minha primeira gafe em campo, apareci com um gravador e não com uma câmera de vídeo – gafe apontada pelo próprio  em um determinado momento da entrevista, ressaltando que seu modo de se comunicar é visual. A entrevista aconteceu em duas línguas, quando perguntávamos algo em português para , simultaneamente ela interpretava sinalizando para o marido. Em outros momentos, quando ele sinalizava algum comentário, ela fazia a versão voz de sua sinalização. Além de aspectos cotidianos narrados pelo casal, chamou nossa atenção a forma como  percebia as coisas do mundo, sua relação com o imagético e a apropriação por ele de tecnologias que facilitam sua comunicação visual (máquinas fotográficas, câmeras de vídeo e celulares smartphones).

Estas observações despertaram-me questões relativas às “diferenças” demarcadas pelas *corporalidades* “surda”, “deficiente auditiva” e “ouvinte”. Neste encontro como o casal veio à tona muitos outros nomes de “surdos”, endereços e/ou como poderíamos encontrá-los. Sai do encontro com a cabeça borbulhando de reflexões, buscava pensar nos detalhes do que me disseram estes interlocutores, sua relação com os demais agentes mencionados e de fato quais motivações estavam em jogo nos engajamentos para com esta língua de sinais. Fui para casa e escrevi essas experiências no meu diário de campo. No dia seguinte, peguei o gravador e ouvi o áudio da entrevista, enquanto isso transcrevi alguns trechos. Percebi mais claramente algumas informações e outras questões surgiram a partir daí. Voltamos a contatar o casal e agendamos outra visita.

Assim, no dia 2 de fevereiro de 2013 retornamos a casa de  e . Nesta ocasião acessamos a história do casal envolvendo o contexto em que se conheceram: em um curso de tradutor-intérprete de Libras ofertado pela Igreja Batista Primeira, ocorrido no ano de 1997 (primeiro curso de Libras a ser realizado no município).  falou, enquanto sinalizava para o marido, que o curso foi ministrado por um pastor de Curitiba

de nome Marcos. Neste momento, 🖐️ interrompe e ressalta que de início não se aproximou do espaço religioso por causa dos preceitos religiosos, mas por causa da Libras; “somente algum tempo depois passou a frequentar a igreja enquanto religioso”.

Em um determinado momento da conversa, 🖐️ sinalizou que conhecia dois “surdos” que não gostavam de usar a Libras: Aline e Oséias. Eles preferiam usar a oralização e se identificavam como “deficientes auditivos”. Este interlocutor explicou que Oséias tinha preconceito em fazer uso da língua de sinais (pausou sua explicação e nos ensinou o sinal equivalente para P-R-E-C-O-N-C-E-I-T-O: CM- mãos abertas, OR- palmas encostadas, M- girar as mãos em sentido oposto em semicírculo).

Em hipótese, ressalto que a explicação e categorização estabelecida por 🖐️ a outras duas pessoas, evidencia o “jogo das controvérsias” do campo, agora postas “em contexto”. Partindo da afirmação deste interlocutor “surdo”, podemos pensar que tal controvérsia se expressaria diante de diferentes *corporalidades* vinculadas às categorias “surdo”, “deficiente auditivo” e “ouvinte”. 🖐️ comenta que Oséias é “D-A” (usando da soletração rítmica do alfabeto manual faz CM-D e seguido da CM-A para se referir à “deficiente auditivo”) pelo fato deste não gostar da Libras e não se identifica com a “cultura e identidade surda”. Tal fato, considerando o ponto de vista deste interlocutor, apontaria para uma correlação entre o uso da Libras e o sentimento de pertença atribuído a um modo de “ser”, e de autoafirmação de uma distinção identitária linguística-cultural.

Após as entrevistas iniciais sistematizei a relação dos nomes mencionados. Em uma folha de sulfite organizei os nomes mencionados por 🖐️, 🖐️ e 🖐️ (anotados em meu caderno campo), verifiquei a frequência com que foram mencionados nas entrevistas e a relação que possuíam entre si. Mapeei a partir daí os agentes da Libras dispostos numa *rede social*, diagramada a seguir para auxiliar nossa abstração da realidade investigada.

Além das relações interpessoais estabelecidas por um grupo de pessoas vinculadas a uma rede social, foi possível identificar uma *comunidade de sinais corporificados* pela Libras. Esta, encarnada nos agentes da *rede social* está emaranhada em algumas instituições locais. Os agentes dispostos no centro da *rede* estão ligados diretamente à instituição social recortada na *rede*:

LEGENDA









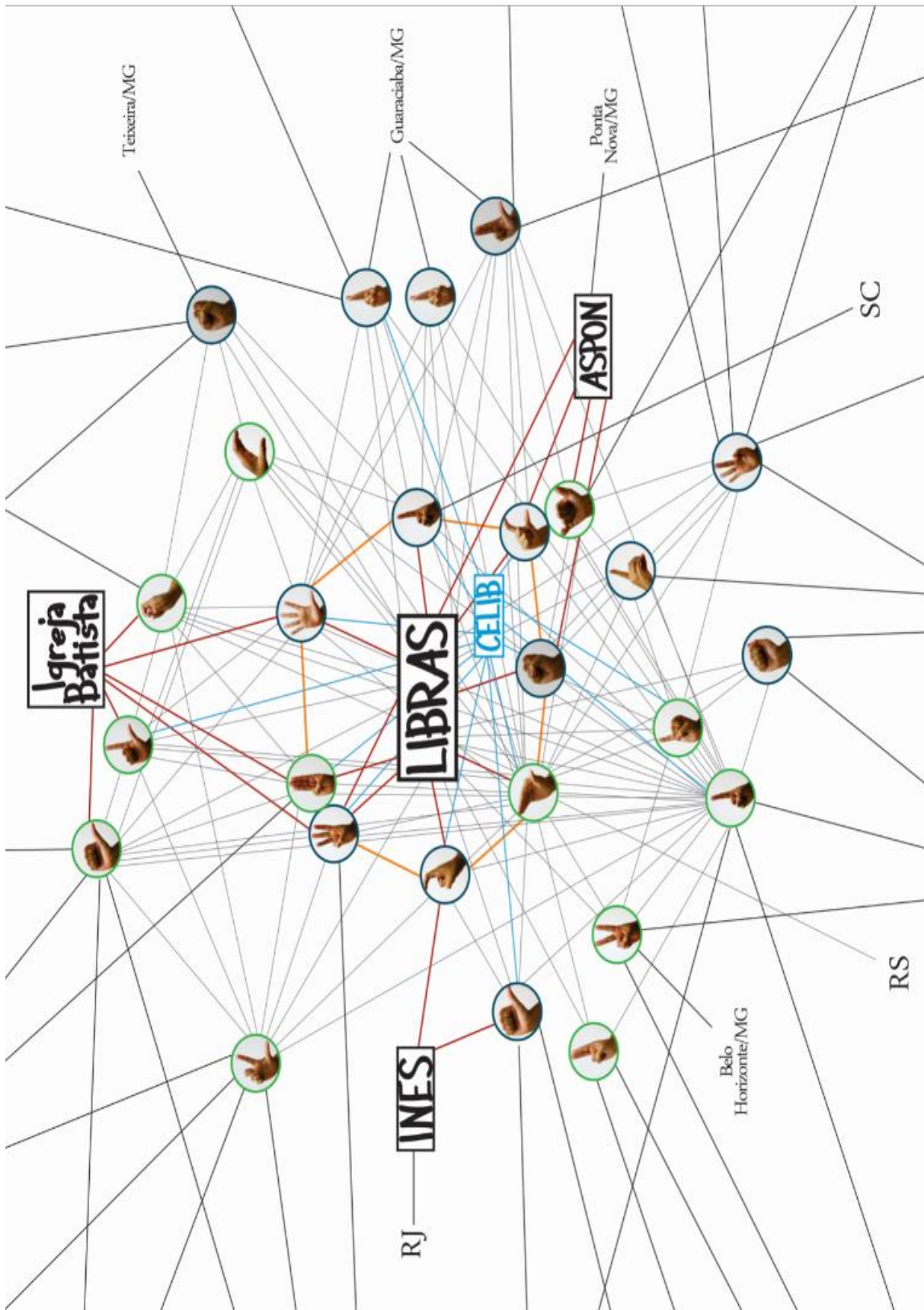
	- instituição social;
	- ouvinte-intérprete;
	- surdo;
	- interações/relações diretas com instituições ;
	- interações/relações com CELIB ;
	- relações interpessoais ;
	- relações entre os agentes líderes da LIBRAS ;
	- outras interações e relações ;

Imagem 06: Legenda e representação gráfica da rede social da Libras mapeada pelo estudo.

Fonte: LBSartesgráficas2018




Recapitulando o uso do conceito de *rede social* (BARNES, 1987) como estratégia e técnica de pesquisa para compreender a *força agregadora* (VELHO, 2003) que motivou os engajamentos individuais em torno de objetivos comuns dos interlocutores do campo, a saber: a Libras e a construção de uma “diferença” ancorada a uma “identidade linguística-cultural”.

A representação gráfica da *rede da Libras*, apresentada acima, é formada pelos interlocutores diretamente contatados durante o trabalho de campo, observa-se a distribuição entre “ouvintes” marcados pela configuração de mão referente ao seu sinal-próprio circulado de verde, e “surdos” demarcados por um círculo azul. Ainda, na representação mencionada, acrescentei cores aos fios para demarcar os tipos de relações estabelecidas com as instituições e o envolvimento dos agentes no interior do emaranhado que compõem a *rede*.

O fio vermelho indica a relação direta que o agente possui com as instituições sociais destacadas dentro de um quadrado, tais agentes atuavam nelas formalmente como alunos, professores, funcionários, representantes e ou associados. Para os agentes relacionados diretamente com o CELIB reservei o fio azul para indicar sua atuação nos espaços acadêmicos e, ainda, por estes partirem da ideia de que a Libras é a “língua natural” (no sentido de espontânea) dos “surdos” e, ainda, ajudarem a promover a “cultura surda” – difundida inicialmente pelas “comunidades surdas” e pela história canônica do “povo surdo” atrelada ao Instituto Nacional de Educação de Surdos (ASSIS SILVA, 2012; STROBEL, 2009). Já o fio laranja destaca as inter-relações que envolvem os agentes em posição de liderança e engajados com o CELIB (em destaque).

Os fios cinzas interligam os outros agentes da rede de modo mais genérico, bastando a estes se conhecerem e compartilharem da Libras em *eventos* e *situações sociais*, estes não vinculados diretamente às instituições ou projetos institucionais, diferente daqueles interligados pelos fios vermelhos. Por fim, os fios pretos representam outras relações e interesses que ligam os agentes às outras pessoas fora da rede em questão (conferir legenda acima).

Além de demarcar as inter-relações e a posição que cada pessoa ocupava no interior da *rede*, destaquei as instituições INES, Igreja Batista, CELIB, e ASPON, pelo fato delas incorporarem a Libras e seus agentes. No caso do INES, sua adição à rede justifica-se por dois motivos: (1) pelo fato de  (surdo pioneiro em utilizar a Libras no

município) ter estudado nesta instituição educacional durante a década de 70, e (2) devido a esta instituição estar relacionada com o “mito de origem da Libras” e do simbolismo histórico que remete à “luta dos surdos” em prol da Libras e ao acesso a uma educação bilíngue no Brasil (ASSIS SILVA, 2012, p. 84-85), principal motivador para as “passeatas dos surdos” que acontecem no mês de setembro, mês que comemora o “dia nacional dos surdos”(26 de setembro⁴⁶).

Parto da ideia de que as instituições sociais demarcadas pelo estudo, são como extensões e, ao mesmo tempo, instrumentos para as ações individuais e coletivas. Ainda que as instituições se vinculem a uma consciência coletiva independente da individual, ressalto que estas são engajadas pelos agentes que delas participam (como é o caso da própria Libras). As instituições presentes nas motivações individuais fornecem o pano de fundo necessário nos processos de (de)composição dos *corpos/organismo-pessoa*.

A partir de 🖐️, 🖐️, 🖐️, e 🖐️ cheguei até outras pessoas vinculadas à *rede de sinais corporificados pela Libras*, como por exemplo, 🖐️, 🖐️, 🖐️, 🖐️, 🖐️, 🖐️ e outros integrantes da rede da Libras. Estas foram as pessoas que mais me aproximei e com as quais mantive contato ao longo do trabalho de campo.

2.3. Interlocutores da pesquisa

O critério de escolha de algumas pessoas como interlocutores chaves neste estudo se deu com base nas experiências biográficas deles e na minha aproximação através de vivências no cotidiano delas através de alguns *eventos* e *situações*. Assim, destaquei os principais interlocutores do campo:

⁴⁶ No dia 26 de setembro comemora-se o Dia Nacional dos Surdos no Brasil. É um dia que celebra as conquistas da Comunidade Surda e sua luta pela inclusão dos surdos na sociedade. O Dia Nacional do Surdo é uma data de reflexão a respeito dos direitos e da inclusão das pessoas surdas na sociedade. A data foi oficializada pelo decreto de lei nº 11.796 em 29 de outubro de 2008.

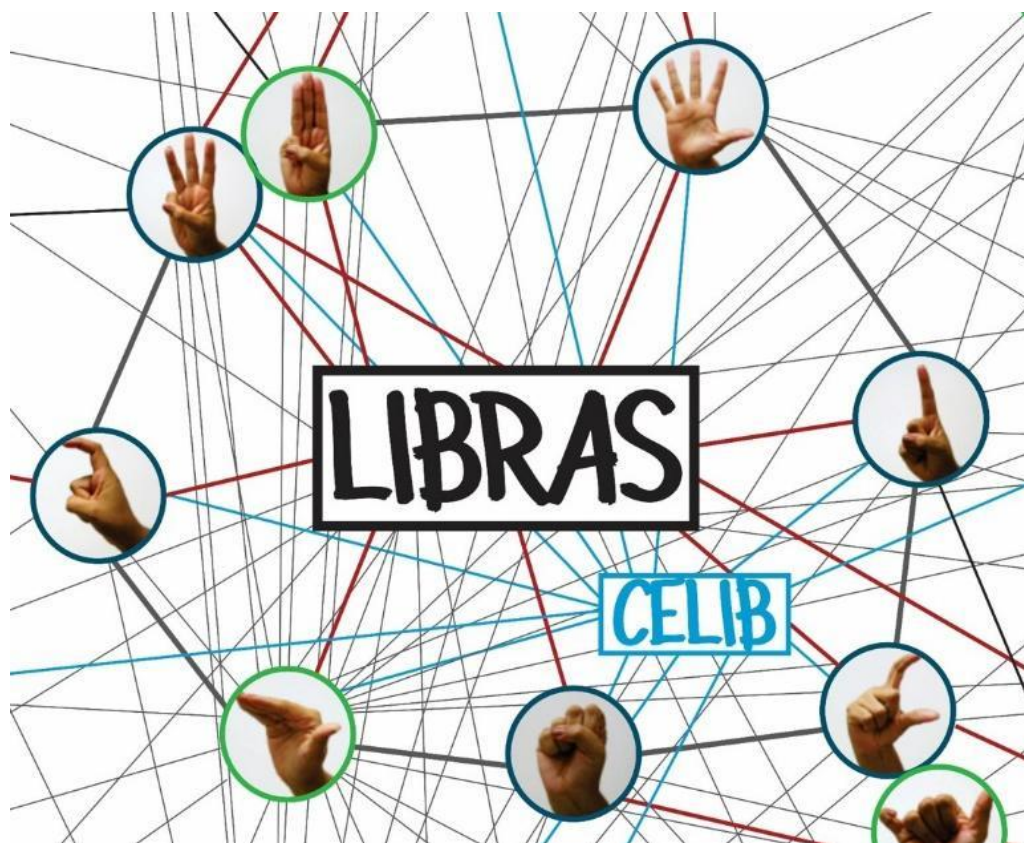


Imagem 07: Fluxograma representação infográfica do núcleo da rede que agrega os principais agentes da Libras. Fonte: LSBArtesGráficas 2019.

Considerando as experiências multisensoriais das pessoas, compreendo que o corpo, enquanto um *organismo*, é também *língua*(gem) encarnada através de processos sociais voltados para a composição de subjetividades (incluindo noções de “identidade” e “cultura”). Nesse sentido, em consonância com a literatura consultada, mobilizada no capítulo anterior, destaco a produção de uma memória coletiva internalizada e expressa por meio das *corporalidades* que evocam um modo de “ser”, “estar”, “perceber” e “significar” as coisas do “mundo”. Nesse sentido, quando os interlocutores surdos 🖐️, 🖐️, 🖐️ e 🖐️ (em destaque) “vestiram a Libras no corpo”, passaram a fazer uso de técnicas específicas expressadas através dos movimentos corporais que surgem no momento que a Libras é agenciada.

A seguir traço um perfil resumido das principais características e papel dos interlocutores “surdos” destacados acima.



🖐️, nasceu em Presidente Bernardes (MG) em 1958. Com histórico de surdos na família, ele nasce surdo bilateral (nunca utilizou aparelhos auditivos), ainda quando criança a partir de familiares foi estimulado a aprender a língua de sinais, com doze anos



em 1969 foi estudar no INES (RJ) onde permaneceu até 1979. Nesta instituição ele entrou em contato com a Libras e com “surdos” de várias regiões do Brasil. Ele se casou e mudou para Viçosa em 1988, época mais ou menos em que conheceu 🖐️ e 🖐️. Logo, passou a ensinar para eles a Libras apreendida no Rio de Janeiro. 🖐️ foi o primeiro surdo da *rede social da Libras* mapeada a utilizar e a difundir esta língua de sinais na cidade. Ele trabalhou e se aposentou em uma gráfica universitária, embora no trabalho e em casa o uso da Libras ficasse restrito ao uso complementar da leitura labial do Português e, especificamente em casa misturada a sinais caseiros convencionados pela esposa e filhos que passaram a utilizar uma comunicação em sinais. A Libras não era exclusiva em suas interações, pois elas se davam em grande parte com “ouvintes”, o que levou ele a desenvolver uma habilidade de usar a leitura labial conjugada com sussurros e com a sinalização (fenômeno conhecido pela linguista Ronice Quadros -2011- como “bimodalismo”, quando se utiliza da modalidade viso-espacial e a modalidade oral-auditiva).


🖐️, nasceu surdo bilateral de pais ouvintes, não utiliza mais aparelho auditivo, é formado em pedagogia e trabalha como educador em uma escola municipal, onde estudam quatro crianças surdas. Ele nasceu em Viçosa (MG) em 1975. Quando na infância estudou na APAE e passou a ser educado posteriormente em uma escola estadual, localizada nas dependências do *campus* universitário. Ele começou a desenvolver mais a Libras quando entrou em contato com 🖐️ (seu vizinho “surdo”). 🖐️ atuou no “ministério com Surdos” na Igreja Batista Primeira, depois por divergências pessoais e religiosas, passou a frequentar a Igreja Presbiteriana juntamente com sua esposa e intérprete. Além destes espaços, este “surdo” se destaca por sua liderança no interior da *rede da Libras*, participou de projetos de extensão e ensino vinculados à Universidade, como por exemplo o CELIB. Recentemente, em 2017 assumiu a presidência da Associação de Surdos da região (ASPON).

🖐️, filho de pais ouvintes nasceu surdo bilateral, não utiliza aparelhos auditivos atualmente⁴⁷, trabalha como funcionário público do município no cargo de office-boy da

⁴⁷ Tanto este interlocutor como o anterior e outros deixam de usar o aparelho auditivo devido ao estigma nele depositado, bem como também porquê este adquirem uma identidade linguística cultural que positiva a *surdez* como diferença e não como “deficiência”. Alguns outros sujeitos que se consideram “surdos” e ainda seguem utilizando o aparelho auditivo deve-se ao fato de este ter frequentado sessões de

prefeitura. Ele nasceu em Viçosa (MG) em 1973. Durante sua infância estudou na APAE e passou a estudar posteriormente na mesma escola que o interlocutor anterior. Seu contato de fato com a Libras se deu quando ele tinha dez anos, ao entrar em contato com   é um importante líder religioso, atua no contexto da Igreja Batista e é responsável pelo “Ministério com Surdos” (onde atua discutindo o conteúdo bíblico, ensinando sinais do contexto religioso e a própria Libras para “ouvintes”). Em 2007, ele se aproximou do Projeto “Surdo Cidadão” vinculado ao Departamento de Matemática da Universidade, coordenado pela professora Cristiane Botelho – ainda em funcionamento nos dias atuais.

, nasceu em Ponte Nova (MG) em 1997. Segundo me contou, nasceu surdo bilateral depois que sua mãe teve rubéola antes de seu nascimento (utiliza aparelhos auditivos e até gosta de ouvir música com ajuda da amplificação das próteses e de fones profissionais). Até os oito anos de idade frequentou sessões de fonoaudiologia, fato que levou seus pais a proibir por um bom tempo seu contato com a Libras, pois acreditavam que poderia atrapalhar o seu aprendizado de Português.  veio a ter contato com a Libras depois que uma vizinha conversou e explicou as questões que envolvia a língua de sinais para seus pais. Com nove anos de idade ele começou a aprender a Libras através de um “surdo” mais velho e, ao mesmo tempo entrava em contato com a Língua na escola através de uma intérprete. Quando foi criada a Associação dos Surdos da Região (ASPON) em 2015, ele participou como tesoureiro da instituição. Este “surdo” é formado no ensino médio, iniciou o curso de Pedagogia em uma faculdade particular de Ponte Nova e ingressou como estudante da UFV em 2018 no curso de Licenciatura em Química.

, nasceu em Rio Casca no final da década de 80 (surda congênita bilateral). Ela entrou em contato com a Libras por volta dos 7 anos mais ou menos, explicou em uma entrevista que um surdo foi a sua cidade e distribuiu uns santinhos com o alfabeto datilológico. Ela ficava praticando com uma amiga as configurações de mão. Depois já com 13 anos entra em contato com surdos que sabem a Libras e começou a aprender em Timóteo. Com 17 anos entrou em contato efetivo com a Libras quando se mudou para Ponte Nova, (cidade que fica a 50 km de Viçosa) onde conheceu um “surdo” fluente na

fonoaudiologia, aprendido o português falado e a fazer leitura labial, e ainda, o aparelho não lhe causam desconfortos morais e nem orgânicos como dores, relatados por alguns “surdos” do campo.

língua de sinais e, a partir de então, aprendeu e passou a utilizar a Libras. Anos depois, casa-se com 🙋 (ouvinte-intérprete). Em 2015, ela e outros amigos surdos e intérpretes articularam a criação da Associação de Surdos de Ponte Nova. 🙋 tornou-se a primeira presidenta da Associação e conseguiu articular a *primeira passeata de surdos* da região - um movimento ritual e político englobado pelas datas comemorativas do “Setembro Azul” (que será descrito e analisado no capítulo três).

2.4. Considerações sobre o campo

Notei, após os três primeiros anos de trabalho de campo, que a “materialidade” da Libras no cotidiano dos interlocutores surgia nos corpos em momentos oportunos. Desse modo, para estudar o *processo de composição de um tipo de corporalidade* envolvendo a Libras e a construção de uma “diferença” na região investigada, foi necessário olhar para as práticas individuais e coletivas para além dos discursos. Passei a compreender que a Libras era o “polo gravitacional” para a motivação de algumas das ações e práticas sociais produzidas pelos interlocutores engajados na produção de certos *eventos* vivenciados durante a realização do trabalho de campo, alguns destes selecionados e analisados no próximo capítulo.

Nesse sentido, conforme fui me relacionando com os agentes da *rede social da Libras* e com o aprendizado desta *língua de sinais*, passei concomitantemente à participar de *eventos* em que os “surdos” e “ouvintes” interlocutores faziam-se presente, em alguns destes *eventos*, participei da equipe organizadora do mesmo e, em outros, assumi apenas uma postura de observador participante fazendo anotação em meu caderno de campo e traçando algumas reflexões. Minha movimentação no campo permitiu abstrair as camadas particulares presentes nos traços macrosociais que possibilitaram, de certo modo, a ocorrência dos *eventos sociais em si dentro do seu contexto*. Tais eventos deflagram na realidade, chamando a atenção para os elementos históricos, linguísticos e socioculturais contidos neles, quiçá, presentes nas ações dos agentes engajados antes, durante e depois dos encontros sociais.

As camadas sociais depositadas sobre os *eventos*, partem de políticas linguísticas e ideologias linguísticas consubstanciadas pelo Estado brasileiro por meio da Lei 10.436/02 e o do Decreto 6.526/05. Tais instrumentos legais foram construídos tensionados por movimentos sociais advindos de comunidades surdas, de grupos

religioso, de ativistas políticos e de intelectuais que passaram a reivindicar uma particularidade “linguística cultural” para o “povo surdo” (ASSIS SILVA, 2012). Desse ponto, observei no campo que de um ponto de vista motivacional, considerando a dimensão individual e institucional, ressalta-se que a Libras atuou enquanto uma “força agregadora” para muitos dos encontros narrados a seguir.

As ações dos agentes do campo foram em parte motivadas pela Universidade, quando esta possibilitou a contratação efetiva de professoras para atuar junto à disciplina de Libras, agora obrigatória para as licenciaturas, pedagogia e cursos de fonoaudiologia. Tal fato possibilitou a criação de projetos, agregando força as produções sociais da língua já existentes na região. Além do mais, o fato da UFV possibilitar a produção da Libras (CELIB, por exemplo), muitos agentes “surdos”, usuários desta língua de sinais, passaram a participar de eventos promovidos no interior do *campus* universitário. Além do mais, o grupo interligado à rede social mapeada pelo estudo, mantinham suas inter-relações com outros espaços sociais, como o caso das igrejas presbiterianas e batista do centro, além da igreja católica do bairro de Fátima; Somado a isto, essas pessoas se encontravam em reuniões de amigos, aniversários e churrascos na casa de um casal influente na/da rede, além de reuniões e encontro proporcionados pelos coordenadores da Associação de Surdos de Ponte Nova e região (ASPON).

Durante minhas investigações constatei a existência de uma “força agregadora” de “projetos” (individuais e coletivos), força esta, capaz de reforçar a composição local de um tipo de *corporalidade surda* acionada para demarcar uma “diferença” através da Língua Brasileira de Sinais. Para responder à pergunta central desta pesquisa, mobilizei três *eventos extraordinários*: A reunião pedagógica do CELIB articulada por dois “agentes surdos”; A aula sobre “cultura surda” com um “interlocutor surdo”; E a primeira “passeata dos surdos/as da região” articulada por uma líder “surda”. As pessoas engajadas nestes eventos compartilhavam da ideia de que a Libras expressava uma “identidade linguística cultural surda”. Desse modo, parti do *corpo* e através do *corpo* busquei abstrair em consonância com os discursos e práticas sociais *um tipo de corporalidade* emergente através da categoria “surdo” e da noção de uma “cultura surda”.

CAPÍTULO

SINAIS CORPORIFICADOS ATRAVÉS DOS AGENTES DA REDE DA LIBRAS ENGAJADOS EM INSTITUIÇÕES SOCIAIS LOCAIS

A política linguística não é mais compreendida como uma intervenção na língua no âmbito de um Estado-nação, mas também está presente em quaisquer níveis que envolvam decisões relacionadas a língua e suas variedades. [...] ações relacionadas ao uso e escolha da língua em uma dada comunidade (planejamento do status), como a Lei nº. 10.436 de abril de 2002, que dá um novo status à Língua Brasileira de Sinais no Brasil; e ações que estão relacionadas à promoção da aprendizagem de uma dada língua (planejamento de aquisição).

(SOUZA & AFONSO, 2016, p.41).

Desse ponto, começo destacando o envolvimento de interlocutores “surdos” e “ouvintes” engajados com as instituições locais CELIB e ASPON, além disso observo também o modo como me inseri em um grupo de pessoas que atuavam junto a estas instituições. Havia me inserido em um contexto local, porém circunscrito dentro de fluxos de transformações sociais mais gerais advindas da sociedade brasileira – me refiro as transformações políticas, educacionais e sociais relativas a conquista de direitos das “pessoas surdas” e da difusão da Libras por meio de seu reconhecimento legal através da Lei 11.436/2002.


O novo cenário legal e burocrático instituído pelo Estado brasileiro, remetendo à Lei da Libras ganha reforço com o Decreto 5.526/05, regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000 e, entre outras coisas, torna obrigatório a inclusão da “Disciplina de Libras” nos cursos de licenciatura, pedagogia e fonoaudiologia vinculados às instituições de ensino superior públicas e privadas – Instituição de Ensino Superior (IES). Esta regulamentação possibilitou a abertura do primeiro edital de concurso público para professor de Libras da UFV, no ano de 2010.

Neste capítulo analiso um conjunto de técnicas corporais que compõem uma gramática corporal capaz de acionar sentidos e significados indexados pela Libras durante seu agenciamento. Tratarei de analisar alguns nexos-causais envolvendo uma sequência de *eventos e situações sociais* vivenciadas durante a realização de meu *trabalho de campo*. Busco focalizar a relação de três eventos em específico engajados com a produção

de uma tipo de *corporalidade surda* capaz de reivindicar uma “diferença” atribuída a uma identidade coletiva.

Como explicar o processo de composição de *um tipo de corporalidade surda* a partir dos parâmetros corpo, língua, identidade e cultura? O que significa dizer que a Libras, a categoria “surdo” ligada à noção de “cultura surda” compõe um tipo de *corporalidade surda* produtora de uma “diferença”? Estas questões traçam um norte para analisar alguns eventos (“achados etnográficos”) produzidos durante minhas experiências de campo, transpostas aqui por meio de reflexões analíticas neste capítulo. Tais indagações tornaram-se fundamentais para abstrair, com base no recorte da complexidade, o *processo de composição de um tipo de corporalidade surda* demarcadora de uma “diferença” linguística-cultural acionada por um grupo de pessoas que se identificam com a categoria nativa “surdo”.

Nesse sentido, trazendo para dentro do contexto analisado, argumento que é através de uma “força agregadora” interligada aos interesses (inter)subjetivos dos interlocutores do campo, extravasados através de seus engajamentos em projetos e amparado por instituições sociais, que a corporalidade surda é construída na microrregião estudada, como por exemplo através do CELIB e da ASPON. É a partir de três *eventos extraordinários*, ligados aos *projetos coletivos* materializados nas duas instituições acima mencionadas. É portanto através de um mergulho etnográfico e linguístico conformado pelo *encontro social* e pelo agenciamento da Libras, dentro de esquemas históricos, sociais e culturais encarnados nos corpos das pessoas.

Via concurso público a Universidade passou a contar com as primeiras professoras de Libras vinculadas ao Departamento de Letras. Uma delas, era graduada em educação especial e doutora em Antropologia Social.  trouxera consigo as experiências corporais e biográficas, que lhes permitiram “vestir a Libras” em seu corpo e atuar junto a uma Associações de Surdos de Porto Alegre e a participar de um Cursos de Extensão de Libras na UFRGS. Tais experiências foram fundamentais para os engajamentos desta agente junto aos projetos locais, bem como também para sua conexão com a rede da Libras da região.

No contexto viçosense, segundo me contou a interlocutora acima mencionada, sua preocupação incômoda que trazia de suas experiências passadas envolvendo o ensino e aprendizagem da Libras, impulsionara suas ações locais. Para ela, era preciso “reconhecer a necessidade de os surdos terem acesso a uma língua capaz de empoderá-los e garantir

maior acesso as esferas sociais”. Nesse sentido, acrescentou esta interlocutora, que devido à “carência por discussões em torno de pesquisas e análises linguísticas” acerca da gramática corporal da Libras, viu a necessidade de “construir uma Curso de Extensão que objetivasse a difusão, o ensino desta língua de sinais e além do estudo teórico e gramatical da mesma”. Aínda a criação de um Curso de Extensão fomentaria pesquisas e a “valorização da comunidade surda local”.



destacou que muitos cursos de Libras que havia entrado em contato utilizavam metodologias focadas em ensinar “sinal-palavra, palavra-sinal”, descontextualizando e descaracterizando a língua e acamando por promover uma espécie de “Português Sinalizado”⁴⁸ (quando preserva a sintaxe do Português e adiciona sinais da Libras para elaborar sentenças). Na visão desta interlocutora há uma “diferença” demarcada entre Libras e Português Sinalizado, sendo este último um fenômeno que ocorre entre línguas durante o processo de aprendizado da Libras, acionando arranjos corporais diferentes dos requeridos pela sintaxe da Língua Brasileira de Sinais.

As motivações iniciais desta interlocutora levaram-na a elaborar um “projeto” - uma “força agregadora” - que possibilitou a criação do Curso de Extensão em Língua Brasileira de Sinais (CELIB). Tais motivações partiram das suas experiências passadas e da memória biográfica construída em seu corpo. Nesse sentido, argumento que *o processo de composição da Libras nos corpos* além do peso histórico/biográfico, conta com o engajamento dos próprios agentes inseridos em “campos de possibilidades”, cultivados pela memória coletiva impingidas nas consciências individuais durante os *encontros sociais*, momento onde os projetos individuais chocam-se com o coletivo (VELHO, 2003).


3.1. O CELIB como uma “força agregadora” de eventos sociais extraordinários

[...] em seguida, com a configuração de mão (CM) dedos indicador e médio semidobrados, partindo do “espaço neutro” na altura da cabeça, movimenta-se a mão em arco em direção à cabeça, logo depois com a ponta dos dois dedos semidobrados toca na lateral da testa (sinal

⁴⁸ Também, como explicou, alguns “intérpretes” do campo, as pessoas que estão em processo de aprendizado da Libras, utilizam-se da estrutura lógica e sintática de sua língua materna para apreender conceitos e significados da Libras. Assim, muitas vezes acabam aprendendo o “sinal” e a “palavra” equivalente no Português, depois organizam os sinais dentro da estrutura sintática das sentenças de sua língua e sinalizam o “Português Sinalizado” –intermediário entre a língua oral-auditiva (Língua Portuguesa) e a língua viso-espacial (Libras).

para indicar “cultura”); na sequência, com a mão direita com dedo indicador levantado e demais fechados tocar o ouvido e movimentar a mão em direção da boca (sinal para indicar “surdo/a”)⁴⁹.

O excerto apresentado acima serve-nos aqui para contextualizar os *eventos* analisados a seguir. Serve para ajudar a refletir sobre a mobilização dos agentes sociais em torno da composição do Curso de Extensão em Língua Brasileira (CELIB) – com base na legislação vigente que amparou sua criação. Como mencionado acima, com a promulgação da “Lei da Libras” e sua regulamentação através do Decreto 5.626/05 que, por exemplo, possibilitou (entre outras coisas) “à promoção da aprendizagem (planejamento de aquisição)” desta língua de sinais nas instituições de ensino superior. Desse ponto, parto da ideia de que o CELIB através de seus agentes cria uma “força agregadora” que atrai pessoas e ações em prol à construção de técnicas corporais que são encarnadas por aqueles que entram em contato com esta instituição local. Tal “força” é capaz de reunir pessoas com interesses comuns, entre o aprendizado da Libras e da “cultura surda”.

O CELIB foi criado em 2011 por iniciativa da professora  com o objetivo de divulgar e ensinar a Libras, bem como também, facilitar o acesso desta língua aos “surdos” e “ouvintes” da região. A criação do CELIB partiu da escrita de um “projeto” submetido à um edital de fomento da Fundação Arthur Bernardes (FUNARBE). Foi aprovado e passou a funcionar vinculado ao Programa de Extensão em Ensino de Línguas (PRELIN) do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa. O Curso de Extensão passou a atrair estudantes universitários, professores, “surdos” e outras pessoas “ouvintes” moradores de Viçosa e microrregião interessados em aprender a Libras.

A institucionalização da Libras pelo CELIB trouxe um novo campo de atuação profissional, de formação e de estudos relativos à língua de sinais manifestada em uma região da ZMM. Através desta instituição, os agentes da *rede social/comunidade* passaram a *corporificar os sinais* pertencentes à gramática da Libras em outras pessoas e, ao mesmo tempo, à difundir os elementos históricos e socioculturais agregados à esta língua. Nesse sentido, podemos pensar nos engajamentos dos agentes da *rede/comunidade de sinais corporificados* pela Libras (apresentada no capítulo anterior)

⁴⁹ Trecho extraído de uma sentença sinalizada pelo meu amigo surdo durante a aula do CELIB – com sua permissão registrada em vídeo, utilizado como dado etnográfico para as análises linguísticas sobre a gramática da Língua Brasileira de Sinais.

dentro de um campo interinstitucional, funcionado mais ou menos como a própria extensão das pessoas engajadas.

A Libras, institucionalizada no CELIB pelos seus agentes, operou como uma “força agregadora” que estimulou encontros em *eventos sociais* como reuniões, aulas, minicursos, palestras, comemorações e projetos. No intuito de decompor de uma realidade mais abrangente para os pormenores detalhados dentro do universo investigado, focalizarei a partir de agora dois *eventos* em especial, eleitos aqui devido ao seu caráter extraordinário: (1) uma reunião de orientação pedagógica com 🖐️ e 🖐️, (2) uma aula sobre “cultura surda” com 🖐️.

3.1.1. Evento: reunião de orientação pedagógica com 🖐️ e 🖐️

No dia 03 de setembro de 2015 compareci a uma importante reunião de orientação pedagógica do CELIB organizada por 🖐️ e 🖐️ (professores surdos vinculados à instituições de ensinos superiores privadas e públicas). O encontro aconteceu na casa 12 localizada na *Villa Gianetti* (no *campus* universitário). Nesta casa funciona o PRELIN, um “espaço educativo e científico vinculado ao ensino e à pesquisa [linguística]”⁵⁰. Este Programa de modo geral objetiva ofertar cursos de línguas (inglês, francês, espanhol e libras) para toda a comunidade acadêmica bem como também para os outros moradores da cidade e região. Este ambiente tornara-se um espaço importante para a difusão da Libras através do seu ensino e aprendizagem, além de proporcionar um espaço para que graduandos de cursos como Letras, Secretariado Trilíngue, Jornalismo e Comunicação, Ciências Sociais, Pedagogia, História e Geografia passassem a atuar como estudantes e professores estagiários através do CELIB.

As pautas principais do encontro foram as discussões pedagógicas em torno das metodologias de ensino e uso de materiais didáticos voltados para o ensino da Libras. Esta reunião de orientações pedagógicas tornou-se especial para mim, tanto pela carga simbólica que a experiência etnográfica com a língua de sinais tem me proporcionado, quanto pelo fato de estar diante de dois nativos da Libras e importantes agentes locais da

⁵⁰ Definição extraída do site oficial do Prelin. Ver em: <http://www.prelin.org.br/>. Acessado 30/06/2018 às 15:10

*rede/comunidade sinais corporificados*⁵¹. Estavam presentes no encontro além dos dois agentes “surdos” e sete “ouvintes” fluentes na Libras (uma secretária do Curso e seis professores dos níveis 1,2,3,4 e 5 do CELIB).

Na ocasião, 🖐️ comentou como era difícil encontrar e reunir os “surdos” da/cidade e região. Ele informou que não havia espaços institucionais, como clubes, praças, associações e outros espaços efetivos para que os surdos pudessem se encontrar e trocar experiências, comunicar em Libras e consolidar sua “cultura e identidade surda”. Ressaltou ainda que muitos “surdos eram unicamente estimulados a se comportarem como os ouvintes” e, que ainda, “eram influenciados por familiares e amigos a aderir às técnicas da oralização e o aprendizado da língua oral”.


Esse interlocutor “surdo” ressaltou uma preocupação referente a um caso que ficou sabendo recentemente, o de um menininho surdo de mais ou menos 4 anos. Nos contou que os pais queriam forçá-lo a aprender a falar e a fazer a cirurgia de implante coclear. Tal caso me fez lembrar de outro que acompanhei –um jovem de 18 anos, que vivia um drama familiar com o pai, pois este deseja que ele fizesse a cirurgia de implante coclear em Bauru (SP); entretanto, o jovem já havia entrado em contato com outros “surdos” e com a Libras, inclusive frequentado as aulas do CELIB, e se mostrava agora resistente à cirurgia. Esses casos evidenciam mais uma vez os choques de corporalidades e os conflitos existentes devido às diferentes formas de se olhar e significar a *surdez*. Para nosso interlocutor é sabido que os “surdos” são “diferentes” e possuem uma “cultura” e língua própria.


Passados vinte minutos de reunião, 🖐️ seguiu sinalizando e ressaltando a necessidade de “organizar uma comunidade surda, acampamentos, encontros, para que os surdos pudessem se reconhecer como tal e ajudassem a fortalecer uma identidade de grupo – enquanto usuários da LIBRAS”. Abrindo um parêntese, ele comenta um vídeo postado no *facebook* – sobre um pai surdo, que ao ver o filho chorar, vai até ele e fica chamando sua atenção com o movimentar dos dedos, o equivalente ao balbúcio nas línguas orais; o bebê para de chorar e quando o pai para de mexer os dedos ou afasta as mãos a criança volta a chorar. 🖐️, aproveita o exemplo do vídeo e chama nossa atenção para a existência de elementos socioculturais relacionados aos hábitos e costumes dos

⁵¹ Noção adaptada da ideia de “comunidade de fala” em Bloomfield, 1976; Hymes 1972; Labov, 1982.

agentes “surdos” e seu modo de interagir com o mundo. Este interlocutor, complementa sinalizando a “diferença” no modo dos “pais surdos” interagem com seus bebês, até mesmo em relação ao modo como estes seguram seus filhos, posicionando os braços de modo que deixasse um dos braços mais livre para favorecer a comunicação e o contato visual.

Os exemplos ressaltados por ele, serviu didaticamente para que este mencionasse a utilização de aspectos culturais e cotidianos dos “surdos” incorporados ao ensino da Libras. Ao passo, que ressaltou a problemática que engloba os processos biográficos de composição de *modus operandi* pautados em formas diferentes de “perceber” e “significar” o “mundo” através das experiências multissensoriais do *corpo* marcado pela *surdez*. Diante disto, de modo reativo destaco as diversidades atribuídas às categorias “surdo”, “deficiente auditivo” e “ouvinte”.

 critica a postura de familiares “ouvintes” em querer tratar e corrigir a *surdez* através da oralização, do uso de aparelhos de amplificação sonora e da realização da cirurgia de implante coclear. Para ele, o caminho sempre deveria ser a aceitação da *surdez* como “diferença”. Este agente líder da rede, tem um consciência de que pertence a um grupo minoritário que possui uma identidade linguística e cultural própria e diferente da do “deficiente auditivo” e do “ouvinte”.

Em sua narrativa, noto a exaltação de alguns marcadores culturais como formas particulares de “viver a condição de ser surdo”.  orienta que devemos mostrar e apresentar esses “marcadores” nas aulas, pois “ajudam a esclarecer e apresentar a cultura visual” – ele sinaliza com a Configuração de mão (CM) – em 5, Movimento (M) - arco, Locação (L) - tocar na lateral da testa, Orientação da Mão - com a palma voltada para o corpo + CM - V, M - circular 2X e L- espaço neutro na frente da face.

Ele utiliza em sua sentença o sinal para “cultura visual”, que até então eu desconhecia, pois estava acostumado a observar e a utilizar os sinais equivalentes para “cultura surda” (CM - em 5, M - arco L- tocar a lateral da testa, OR- com a palma voltada para trás + CM - D, L - ouvido, M - deslizar até a boca). Tal motivação se deve ao fato deste “surdo” enfatizar sua postura consciente de uma identidade cultural atrelada a gramática corporal da Libras, além do fato de sua postura política frente a marcação da diferença existente entre a Libras, o Português falado e o “Português Sinalizado”⁵².

⁵² Quando se utiliza dos sinais da Libras substituindo as palavras por sinais dentro da sintaxe da língua Português, preservando sua lógica estrutural presente na construção das frases ou sentenças. Fenômeno

A consciência deste interlocutor assemelha-se a outras pautadas pelos movimentos surdos mais radicais, buscam demarcar distinções e desmistificar mitos e crenças envolvendo o fenômeno da surdez e a Libras. A substituição do sinal “surda” por “visual” no composto “cultura surda/cultura visual”, explicita o que muitos agentes tem apontado em relação ao mito da “mudez” expressado pela categoria “surdo-mudo” e preservado pela morfologia do sinal “surdo”.



Imagem 08: Desenho da representação do sinal referente a categoria “surdo”
Fonte: *google* imagem. Acessado em 09/10/2018 às 16:24.

Dito de outra forma, para muitos dos interlocutores do campo e membros de comunidades surdas, a palavra “mudo” não faz sentido pelo fato de a grande maioria dos “surdos” serem capazes de produzir sons através do aparelho fonador. O mito surgiu a partir de uma confusão criada no senso comum, uma vez que, pelo fato das “pessoas surdas” captarem os sons através do aparelho auditivo e não poderem codificá-los, naturalmente não eram copiados na memória de modo auditivo, nem mesmo ajustados imitativamente às técnicas apoiadas ao aparelho fonador. Ou ainda, através de um árduo treinamentos fonaudiológicos.


É claro que os sentidos atribuídos aos sinais e palavras mudam ao longo do tempo, e sofrem influências dos agentes sobre a língua, como é o caso da categoria “surdo” que de pejorativa passa a ser acionada como um arma política, reivindicatória de igualdade de direitos e dos reparos aos prejuízos historicamente causados ao “povo surdo”.

3.1.2. Evento: aula sobre “cultura surda” com


também conhecido como “interlínguas”, quando no processo de aprendizado da Libras, o falante do Português utiliza sua própria estrutura sintática para apreçoar sentido utilizando para isto sinais equivalentes na Libras. Este é um momento de transição de uma língua para outro, entretanto uma pessoa pode aderir o Português Sinalizado como modo de comunicação e de corporalidade.

Neste tópicos analiso, inspirado na Antropologia Linguística⁵³, as movimentações presentes na gramática corporal e no modo como um agente “surdo”, através da Libras, explica o que é “cultura surda” para um grupo de “ouvintes” durante uma aula do CELIB. Meu intuito não é mobilizar o conceito de *cultura* enquanto instrumento analítico com base numa ou noutra definição antropológica, mas sim “cultura” com aspas pelo fato desta ser mobilizada para si como arma política de um dado grupo social (CUNHA, 2009). Busco portanto compreender a ideia de “cultura surda” atribuída de um “ponto de vista nativo”, vista enquanto instrumento reivindicatório capaz de demarcar uma “diferença” identitária linguística-cultural.

Ao longo do trabalho de campo percebi que a “cultura surda” possuía uma relação direta com certa noção atribuída a uma identidade social – a “identidade surda”. Para muitos dos interlocutores deste estudo, o “ser surdo” é expressado pela Libras e pela “cultural surda”. Tal fato, também, foi apontado nos trabalhos de Gediel (2010), de Assis Silva (2012), e de Assênsio (2015). Nesse sentido, apresento e discuto alguns enunciados que destacam, de um ponto de vista gramatical e corporal nativo, os marcadores sociais instituídos por meio da correlação agente-instituição e de uma metalinguagem.

Sigo analisando a agência de *um tipo de corporalidade surda* durante a participação de  na aula do CELIB ministrada para a turma do nível III, ocorrida no final de agosto de 2017. Destaco, de modo mais geral, que as práticas linguísticas serão compreendidas como “efeitos” das “práticas sociais” (re)produzidas pelas pessoas nos espaços onde circulam e se relacionam – com base nos papéis, tipos de relações sociais, e, em especial, através das motivações intersubjetivas presentes no momento do *encontro social*, no caso um exposição com base no gênero discursivo aula.

3.1.2.1. Sobre a biografia de

 nasceu em uma família de “ouvintes”, seus pais de naturalidade também mineira, cresceram em uma família de “ouvintes” das classes populares na microrregião de Viçosa. Ele nasceu em Ponte Nova (MG) em 1997 (filho único). Segundo me contou, nasceu sem audição devido à sua mãe ter contraído rubéola durante sua gestação. Desde o seu nascimento a família passou a conviver e a buscar formas de socializá-lo através da

⁵³ Conforme Duranti (2001; 2003); Danesi (2001) e Gal (2010), por exemplo.

Língua Portuguesa. Seus pais buscaram por orientações médicas; sua mãe não mediou esforços para que ele pudesse ser uma criança “normal” (que pudesse ouvir e falar como ela), e que fosse capaz de comunicar com mais eficiência com ele, ensinar as coisas do mundo, conhecer seus anseios e construir experiências significativas para sua educação com base nos valores familiares.


Este interlocutor passou a frequentar sessões com uma médica fonoaudióloga. Foi estimulado a sentir a vibração dos sons nas cordas vocais tocando o pescoço para ajudar na percepção dos sons das palavras; aprendeu a fazer leitura labial e a ajustar uma compreensão linguística através da percepção, ainda que longe, de alguns sons (vocábulos linguísticos) amplificados por aparelhos auditivos. 🖐️ sinalizou que quando começou a frequentar a escola “foi muito difícil porque não entendia as atividades e o que a professora escrevia no quadro, quando ela ficava falando enquanto mexia muito a cabeça” e ele não conseguia entender o que ela falava; ele conseguia interagir com as outras crianças, mas pouco entendia o que elas diziam, captava certas impressões do que estava acontecendo pelo contexto visual em que os corpos e as ações atravessavam as interações naquele ambiente cheio de objetos e de pessoas.


Até os oito anos de idade este agente “surdo” frequentou sessões com fonoaudiólogos, período em que foi proibido pelos pais de aprender a língua de sinais devido à crença de que a Libras pudesse atrapalhar seu aprendizado do Português. 🖐️ já estava com nove anos de idade quando uma vizinha, que havia conhecido a Libras no contexto de uma igreja Batista, explicou a importância da Libras e convenceu sua mãe a deixá-lo aprender esta língua de sinais. Esta mesma vizinha, indicou um “surdo” adulto da cidade que sabia Libras e podia ensiná-lo. Ainda, nesta mesma época (2007) nosso interlocutor também entrou em contato com a Libras na escola, através de um “intérprete”. Daí em diante seguiu aprendendo a Libras, continuou usando o Português (através da leitura labial e da oralização) e ainda aprendeu a ler e a escrever.

Então, com nove para dez anos de idade ele se viu entre dois “mundos”: o dos “ouvintes” e o dos “surdos”, ambos mediados pela língua (gem). Ele aprendeu, a grande custo econômico e disciplinar/corporal, a compreender o Português fazendo leitura labial e a ajustar certos sons através de aparelhos auditivos⁵⁴. Além disto, na escola aprendeu a

⁵⁴ Ele usou desde de pequeno os Aparelhos Auditivos Bilaterais (dois ouvidos), estes lhe garantiam 30% de audição, equivalente ao barulho em decibéis de uma buzina de carro, latido de cachorro, etc.

ler e a escrever com a ajuda de um “intérprete” de Libras. Este interlocutor “surdo” tornou-se *bilíngue*, desenvolveu habilidades linguísticas e corporais para usar o Português falado, ainda que com sotaques na pronúncia dos vocábulos. Hoje ele consegue articular relativamente bem o Português escrito e o falado, além de ser muito fluente na Libras.

É possível verificar nesta história biográfica um choque de *corporalidades*. As re(l)ações sociais instituídas diante do *fenômeno da surdez*, estabelecidas de modo variado conforme os contextos de socialização; são muitos os casos, como o de , onde os pais “ouvintes” se vêem impotentes diante do desafio de interagir e o educar seu filho/a “surdo/a”. Os pais “ouvintes” de filhos “surdos” passam de início a sentir uma angústia mais relacionada com as dificuldades comunicativas do que com a *surdez* em si. Ainda, as primeiras orientações que recebem partem de contextos clínico-hospitalar (biomédico) e, quase naturalmente, a *surdez* passa a ser interpretada como “desvio” do padrão “normal” atribuído ao *corpo* pelos próprios “ouvintes”. Este fato acaba por acarretar, em muitos casos, um contato tardio com a língua de sinais; no limite, a criança atravessa a infância sem aquisição de língua, correndo o risco de chegar na idade adulta sem habilidades linguísticas necessárias à uma comunicação mais eficiente (QUADROS, 2006; BISOL, C.; SEPERB, T. M, 2010).

Um retrato do exposto acima pode ser observado na história biográfica do meu amigo “surdo”, em uma conversa de *whatsapp*, escreveu que aprendeu a Libras tardiamente “porque a fonoaudióloga disse para minha mãe que se eu aprender Libras eu não vou aprender a falar kkkkk e por isso não deixava”⁵⁵. Este excerto, mostra uma controvérsia discursiva existente em torno das construções (composições) de *corporalidades* ligadas tanto a *língua oral-auditiva* quanto a *língua viso-espacial*. No trecho “[...] se eu aprender Libras eu não vou aprender a falar kkkkk [...]”,  crítica sutilmente a crença cultivada no passado pelos pais, de que a Libras poderia atrapalhar no seu desenvolvimento da fala. Logo, não parecia fazer sentido para este agente a crença familiar (compartilhada por muitos “ouvintes”); na verdade, como me relatou, a Libras lhe ajudou a aprender a escrita do Português e a esclarecer alguns “fatos da vida e do mundo”.

A aquisição da língua de sinais não atrofiou suas habilidades corporais e linguísticas para com o Português. Este agente passou a expressar uma *corporalidade* que

⁵⁵ Trecho retirado de uma das caixas de diálogos do Aplicativo de celular.

transita entre o “mundo ouvinte” e o “mundo surdo”, entretanto ele de fato se identifica com o modo de “ser surdo” e com a Libras. Devido ao fato de ter sido submetido por anos ao treinamento e ao aprendizado da língua falada pelos seus pais, 🖐️ se adaptou com maior conforto linguístico e perceptível à comunicação via língua de sinais. É possível que tal fato tenha ocorrido devido a Libras exigir menor esforço cognitivo-motor-sensorial do corpo surdo (CAPOVILLA, 2004).

A interdição imposta inicialmente pela família deste interlocutor “surdo” em relação ao aprendizado/aquisição da Libras nos anos iniciais de sua vida, demonstra certo englobamento de processos envolvendo a composição de *corporalidades* centrada nos modos de “ser”, “estar”, “perceber e “significar” dos “ouvintes” – instituindo uma relação de oposição hierárquica englobante (DUARTE, L. 1995). Em outras palavras, o fato deste interlocutor ter nascido sem o sentido da audição, não o incapacitou de se desenvolver e adquirir uma língua de sinais, ainda a partir de uma rigorosa disciplina para o aprendizado do Português falado e escrito.

A história de 🖐️ evidência parte do processo de composição da língua oral em seu *corpo*: seu treinamento, o esforço necessário para ler os lábios e, mesmo sem poder ouvir a palavra, entender seu significado isolado e dentro de uma frase, e ainda, ser capaz de mobilizar seus sons através de técnicas vocais reproduzidas na/pela língua falada e transposta para sua escrita. Para ele, o uso do Português exige mais esforço corporal do que a Libras (diferente da opinião de muitos interlocutores “ouvintes” que diz o contrário). Embora seu encontro com esta língua de sinais ter se dado quando ele já estava com nove anos de idade, tal fato não prejudicou seu aprendizado da Libras que, automaticamente, o levou a se identificar com a “cultura e identidade surda” – criando nele um sentimento de pertença devido a aproximação de seus pares. A partir daí ele despertou uma curiosidade visual e uma forma também visual de se comunicar por meio de *técnicas corporais*, codificadas pelos sinais conformados socialmente por meio da gramática corporal da Libras – encarnada através da “remodelagem” e da “gestão rigorosa do corpo” (WACQUANT, L. 2002, p. 147).

Este interlocutor, tornou-se um estrangeiro naturalizado no “mundo ouvinte”, ao passo que eu me tornava um estrangeiro naturalizado no “mundo surdo” devido meu aprendizado da Libras e das questões relativas à “cultura surda”. Desse modo, o “vestir a Libras no corpo” possibilitou transformações modulares sensoriais, ou seja, uma

“remodelagem” do corpo para agenciar a língua de sinais e com ela o modo de “ser”, “estar”, “perceber” e “significar” o “mundo”.


3.1.2.2. Articulando a participação de 🖐️ numa aula do CELIB


Havia combinado de almoçar com este interlocutor para articularmos sua participação numa aula do CELIB. Com base no conteúdo programático o convidei para sinalizar sobre a temática “cultura surda”. Na época eu também trabalhava em Ponte Nova (MG) numa escola particular ministrando aulas de Sociologia e Ensino Religioso para o ensino médio. Eu viajava de Viçosa para esta cidade vizinha pelo menos dois dias na semana. Em um desses dias aproveitei para encontrar com meu amigo interlocutor.

Numa quarta-feira, dia 16 de agosto de 2017, sai da escola que trabalhava por volta das 12:20, atravessei o pátio, o jardim que acompanha a fachada da escola e caminhei em direção à praça das Palmeiras, que fica do outro lado da rua. Olhei atentamente, procurava por 🖐️, olhei por entre os grupos de jovens que saíam das escolas vizinhas, circulavam pela praça e/ou ali permaneciam papeando enquanto esperavam uma condução para ir para casa. Como de costume, foi ele quem me avistou primeiro. Enquanto caminhávamos um em direção ao outro, já íamos sinalizando à distância um “bom dia” e um “tudo bem?”. Nos cumprimentamos com um abraço e sinalizamos sobre onde iríamos almoçar.

Enquanto decidíamos, ele me pediu para que eu lhe acompanhasse até o outro lado da praça, onde um amigo o aguardava no estacionamento. Caminhamos até um carro estacionado na rua lateral a praça. Chegando lá, vi 🖐️ debruçar-se sob a janela do carro, apoiar os braços e cotovelos e, em seguida, falar oralmente alguma coisa para o condutor do veículo; Em seguida, voltou-se para mim e sinalizou perguntando onde iríamos almoçar. Cruzamos a praça na paralela até o outro lado, atravessamos a rua e seguimos em direção ao *self-service* chamado Hakuna Batata. Entramos no estabelecimento, subimos a escada de madeira que dava acesso ao segundo piso, escolhemos uma mesa, deixamos nossas mochilas e fomos nos servir. Enquanto almoçávamos, expliquei que “gostaria que ele participasse de uma aula na minha turma de nível III do CELIB”, ele sinalizou que “topava” e articulamos uma data para o *encontro/evento*.

Ainda, durante nosso almoço, em certo momento da interação, perguntei em Libras enquanto mastigava deliciosamente a comida: “percebi que você consegue falar,


fazer leitura labial, ler e escrever em Português, e também é fluente em Libras. Na sua opinião qual destas formas prefere para se comunicar?” Ele responde subitamente: – 

(L-I-B-R-A-S).  me explicou que quando está sentado próximo da pessoa fica bom para ver os movimentos da boca e entender mais ou menos o que diz, mas o problema é que algumas palavras têm sons parecidos e fica difícil de entender. Ainda, completa ele, que mesmo usando o aparelho auditivo as vezes não entendia o som de algumas palavras e ou não conhecia o significado delas; e, as vezes, não conseguia ouvir sons mais agudos.

Nesta conversa, enquanto almoçávamos, fica evidente sua auto identificação com a Libras e com o modo de ser “surdo”. Além do mais, revela a complexidade presente no modo como as *corporalidades* são compostas e dispostas durante os *eventos* e *situações sociais* acumuladas ao longo de sua história biográfica. Nesse sentido, os fatores que contribuem para a composição de diferentes *tipos de corporalidades*, como por exemplo, do tipo “surda”, do tipo “deficiente auditiva” e do tipo “ouvinte”, partem da pluralidade das experiências multissensoriais que cada indivíduo vivencia ao longo da vida, e através de uma história biográfica esculpida em seu *corpo* por meio das relações interpessoais. A trajetória corporal serve-nos aqui como exemplo elucidativo, ainda que sem esgotar suas possibilidades interpretativas.

3.1.2.3. Evento extraordinário: a aula

A aula aconteceu no dia 15 de setembro de 2017 no Pavilhão de Aulas da Universidade Federal de Viçosa. Esta aula, vinculada ao Curso de Extensão em Língua Brasileira de Sinais (CELIB), foi um *evento extraordinário* por ser um momento atípico na rotina das aulas, pois contou com a participação de um sinalizante “nativo” da Libras.

O momento da aula foi propício para , que além de se sentir à vontade para poder se expressar em língua de sinais, contou com a oportunidade de poder ensinar para um grupo de “ouvintes” o modo como ele percebia o mundo e os elementos presentes na “cultura surda”. Por meio de uma metalinguagem, este interlocutor agenciou a Libras para explicar o que significava “cultura surda”, explicitando um tipo de corporalidade vinculada as crenças envolvendo a surdez (enquanto diferença) e as técnicas corporais vinculadas à elaboração dos sinais da Libras durante sua exposição (acionando uma metalinguagem corporal).

Nos encontramos às 9 horas de uma ensolarada manhã de sábado. Entramos na salinha 382, reorganizamos as carteiras na sala, amontoamos algumas pois eram muitas, e dispusemos algumas em semicírculo. Liguei o *Notebook* e conectei-o no *Datashow* afixado ao teto e voltado sua projeção para a parede que separa a sala de aula do corredor. Em seguida, as cursistas (nove) começaram a chegar. Com todos a postos, iniciei a aula sinalizando sua organização conforme plano de aula. Apresentei e expliquei a presença de meu amigo “surdo”. Em seguida, todas as cursistas fizeram uma breve apresentação pessoal em Libras para 🖐️.

Após este primeiro momento, sinalizei e apresentei através dos slides projetados na parede o tema “cultura surda” – previsto no conteúdo programático do curso de Libras nível III (intermediário). Em seguida, 🖐️ assumiu o comando da aula (em seu formato expositiva dialogada). Ele informou que iria utilizar algumas charges e imagens nos slides para mostrar um pouco o que é a “cultura surda”. Posicionou-se na frente do grupo de “ouvintes” e de costas para a lousa. Seguiu sua apresentação guiada pela projeção. Atentas, as cursistas observavam os movimentos corporais que ele fazia, entretanto, pelo fato de ainda não serem fluentes o suficiente na Libras, elas não compreendiam todos os sinais e sentenças com eficácia, o que levava eu a fazer sua versão voz e, em certos momentos, quando ele percebia a dúvida dos interlocutores em relação a algum sinal, parava e fazia a datilologia vagarosamente ou aguardava enquanto eu fazia a interpretação consecutiva do que ele havia sinalizado.

Enquanto assistia à sua apresentação, pedi autorização para gravar sua sinalização. Ele a concedeu e filmei 20’11’’ de narrativa. Através da câmera do meu celular registrei os enunciados de 🖐️, e com isto, foi possível analisar algumas de suas sentenças e destacar a correlação destas dentro de um contexto discursivo mais geral, indiretamente agenciado no momento. Assisti ao vídeo várias vezes buscando traçar uma melhor tradução do que este interlocutor sinalizou. Após minhas primeiras anotações chamei um amigo intérprete (que também é interlocutor do campo), e pedi para que me ajudasse a fazer a “versão voz” da sinalização (uma dublagem), que foi gravada e depois realizada a transcrição de trechos equivalentes a uma sequência de *frames* retirados do próprio vídeo.

Para aprofundar algumas análises referentes ao uso gramatical dos sinais, as sentenças enunciadas através de técnicas para uma movimentação corporal englobada pela gramática da Libras, utilizei o *software Adobe After Effects* para importar o vídeo e

extrair seus *frames* à uma sequência de 30 quadros por segundo. Feito isso, marquei algumas sentenças em destaque dentro dos trechos transcritos e, depois de localizados no vídeo e na sequência de quadros, foram selecionadas algumas imagens do momento em que o sinal era realizado dentro de uma referida sentença, agregada pelas expressões faciais, corporais e pelo uso de “classificadores”. Por fim, após selecionadas as imagens, estabeleci a correspondência entre momentos específicos da realização de alguns sinais dentro dos enunciados. Busquei a partir desse exercício traçar, através das imagens, a *agência da língua de sinais* produzida pela sua gramática corporal desempenhada por 🖐️ durante sua explicação.

Ele começa sua sinalização dizendo: “Eu quero ser professor surdo de química para aluno surdos. Quero ser um modelo para eles [faz datilografia do sinal de “modelo”]. Sou surdo, e ‘ser surdo’ é ter uma percepção diferente do mundo”.



Imagem 09: *Frames* do momento em que o interlocutor sinaliza “eu quero ser professor surdo de química para aluno surdos. Quero ser um modelo para eles [...]”.

“Ser professor”, “ser surdo” e “possuir” a Libras para ele significa “vestir” uma particularidade que projeta para outros “surdos” um “modelo” de pessoa. Mostra que as pessoas sem audição, que se identificam com a Libras e com o “ser surdo”, são capazes de ter uma profissão e uma língua que as distinguem. Ele, enuncia logo de início a autoafirmação de um “modo de ser” diferente pautado pela *surdez*. Ainda, acrescento que o fato de ter acesso à língua de sinais permite ao indivíduo compartilhar memórias, conhecimentos, hábitos e desenvolver senso ético e moral para o convívio em um determinado grupo social. Neste sentido, “poder acessar a Libras”, na visão de 🖐️, significava a possibilidade em dar vazão à existência de outro modo de “ser”, “perceber”, “significar” e “estar” no “mundo” para os “surdos”.

Através de movimentos específicos 🖐️ inicia sua exposição enfatizando que possui uma “cultura” expressada pelo corpo e através das mãos. Afirma, que embora ele tenha sofrido forte influência da Língua Portuguesa, se identifica com a Libras e com a

“identidade surda”. Continuando, olha para a projeção de uma charge e, em seguida, para por um breve instante, olha para nós e pergunta: “o que vocês entenderam?”. Uma das cursistas arrisca a responder sinalizando, em seguida, 🖐️ complementa dizendo que a imagem e o texto “mostra um pouco sobre a cultura surda”, pois a charge apresenta, por exemplo, uma forma de “chamar a atenção do surdo à distância [...] não precisa gritar ou lhe tacar algum objeto, apenas movimentar os braços no ar, aproximar e tocar em seu ombro, e ou piscar as luzes do ambiente se for uma sala de aula” por exemplo.




Imagem 10: *Frames* dos sinais utilizando na sentença “mostra um pouco sobre a cultura surda”.

Uma mão aberta com a palma voltada para frente e a outra com a palma voltada para o peito, e dedo indicador levantado apoiado à parte inferior da palma da outra mão; ambas posicionadas um pouco à frente do dorso, movimenta-se os braços para frente e distancia as mãos do corpo (sinal para indicar “mostrar”); em seguida com a configuração de mão (CM) dedos indicador e médio curvados partindo do espaço na altura da cabeça, movimenta a mão em semiarco e toca com as pontas dos dois dedos semidobrados na lateral da cabeça na altura da testa (sinal para indicar “cultura”); na sequência, com a mão configurada com o dedo indicador levantado, toca o ouvido e movimenta a mão até a boca (sinal para indicar “surdo”).

Os sinais dissecados acima servem para elucidar os aspectos visíveis no corpo de um tipo de *corporalidade* estudada nesta dissertação, a saber: àquela que conta com a Libras enquanto meio comunicacional para afirmar a existência de uma “cultura surda” tomada para si como arma política do “povo surdo”, para reivindicar direitos através de sua particularidade “étnico-linguística” e do modo de “ser surdo”. O enunciado, que contextualiza os sinais fonologicamente descritos acima, reifica a metalinguagem que relaciona determinadas técnicas corporais com ideias, crenças, significados e hábitos arreigados no tempo e espaço. Enquanto 🖐️ ministra a aula, os participantes da aula aprendiam os sinais da Libras e concomitantemente eram expostos ao contexto

sociocultural de sua própria produção, significativo para os estudantes “ouvintes” presentes que percebiam tais movimentos a partir de um nativo da língua.

 mostra outro slide e aguarda alguns instantes para que os “ouvintes” façam a leitura e consigam absorver a imagem da charge projetada na parede. – “Viu? Então! eu por exemplo, eu sou surdo, minha característica própria [faz o sinal de olhando para si], tenho costume diferente” (ele faz dois sinais para costume, mudando apenas o tração da configuração de mão, um com a configuração de mão em c e o outro com a mão aberta).

Olhando para nós, com os braços semidobrados, configuração de mãos abertas voltadas para baixo, na altura do peito (“espaço neutro”) gira o braço e as palmas para cima; termina com as sobrancelhas levantadas e olhos esbugalhados para indicar uma exclamação (Sinal para indicar “Então!”). Uma outra pausa por alguns segundos, enquanto isto ele mantém o olhar nas imagens e no texto projetado.

Continua, com suas sobrancelhas cerradas para indicar uma indagação; a mão direita em configuração formato v faz um movimento em semicírculo na frente da face (sinal para indicar “viu?”), mantendo o outro braço e a mão parada, apoiada à barriga sem função linguística; em seguida, volta-se o braço direito em direção da orelha e com a configuração de mão em d, toca o ouvido e desliza em direção à boca (sinal para indicar “surdo”); rapidamente com as mãos em configuração de v (parecido com o sinal de “ver” e “perceber”), posicionadas na altura dos olhos na frente da face, movimenta em semiarco voltando-se para si e direcionando o olhar para o peito:

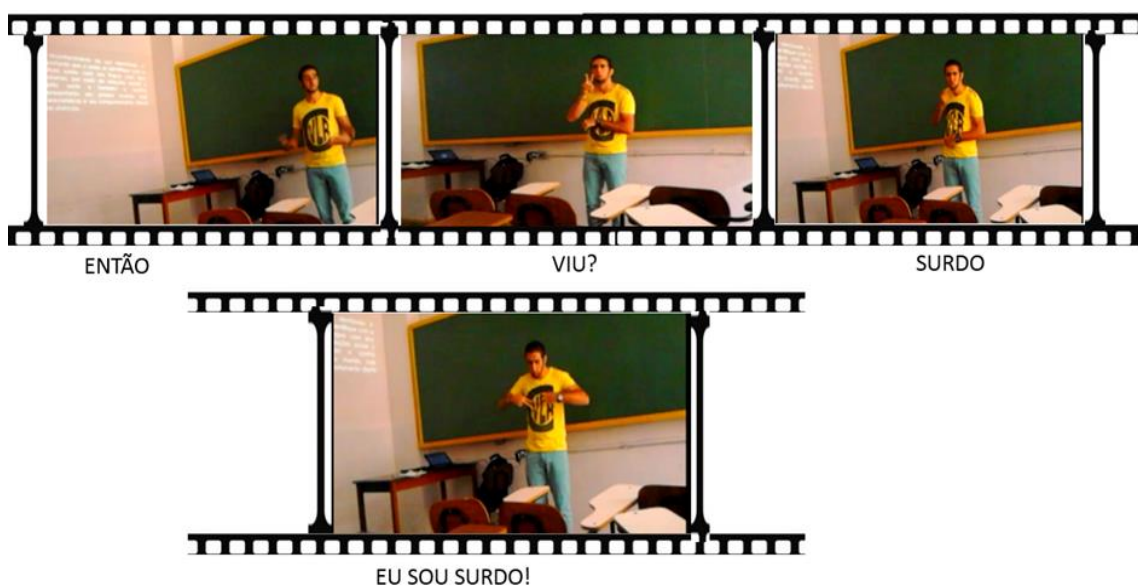


Imagem 11: *Frames* da sentença [...] “Então! eu por exemplo, eu sou surdo, minha característica própria [...]”.

Agora, com a mão esquerda configurada em c parada no espaço na frente do peito, enquanto a outra é configurada em s (punho fechado) e movimenta-se em direção da outra, encaixa-se dentro da palma curvada e movimenta-se para fora abrindo lentamente a mão, enquanto a outra mão permanece configurada em c e “boiando” no ar (sinal para indicar “característica”); e, quase no mesmo instante, ele finaliza a sentença com a mão configurada em p tocando a palma da outra uma vez (sinal para indicar “própria”), e logo depois com a palma da mão direita aberta toca o peito (sinal para indicar “minha”).



Imagem 12: Frames da sentença “[...] por exemplo, eu sou surdo, minha própria característica [...]”.

Este conjunto de movimentos retoma a sentença anterior e anuncia uma conclusão acerca de um sentimento de pertença, e ao mesmo tempo, expressa uma identidade de grupo percebida e significada de modo particular, demarcada pela pauta da “diferença”.

👊 explica que “possui uma característica própria pelo fato de ser surdo” (tradução minha da sinalização). Neste enunciado é possível identificar uma autoafirmação que não é só dele, mas compartilhada por uma grupo de “pessoas surdas” que passa a “vestir a Libras no corpo”. Logo, surge um senso de comunidade organizada pela língua de sinais, sendo ela dialógica e co-construída. O corpo comunica, e neste caso literalmente, sinaliza através da Libras a existência de um *modus operandi* e de uma identidade linguística-cultural construída em torno *da surdez* (ASSIS SILVA, 2012; GEDIEL, 2010).

Por exemplo o surdo sente o que? Então tem a luz lá, quando eu uso a Libras. Se estou em casa dormindo, está tudo escuro, aí tem o recurso do celular por exemplo, abro a tela e a luz do celular clareia e dá para usar a Libras e tal... é a cultura surda, então luz, qualquer contexto, está estudando em uma sala de aula, apagou a luz não tem como visualizar, por exemplo você está percebendo a visualização da cultura surda. Outro exemplo, é o uso do *whatsapp*; o ouvinte pega o telefone, disca o número e fala (usa incorporação de papéis para encenar uma pessoa falando ao telefone), já o surdo faz chamada de vídeo no *whatsapp* ou manda uma mensagem de texto [...] ter o contato com os surdos, é bom também participar da Associação de Surdos para ter contato, daí você vai adquirindo a cultura e a língua dos surdos ... é importante

(SAMUEL, 2017, tradução minha da sinalização gravada, trecho 17’22’’).

No escuro a Libras não pode acontecer, seu aspecto visual é contra a escuridão. A luz também, como já foi visto pode servir como campainha – piscando as luzes para avisar que têm visitas. A iluminação e as tecnologias de informação e comunicação potencializam a comunicação da Libras, ao passo que retira certos agentes “surdos” de um isolamento linguístico a nível local. Além disso, destaco do trecho mobilizado acima, a importância dada tanto por 🖐️ quanto por 🖐️ a necessidade de entrarmos em “contato com os surdos”: em “manifestações”, “associação de surdos”, “festas de aniversários”, e entre outras. Entrar em contato com o “mundo dos surdos” no sentido atribuído por esses interlocutores significa estar em contato com os “surdos” respeitando sua língua e ao mesmo tempo interagindo com eles através dela.

Mão suspensa no ar configuração em a, na altura da lateral da face faz o movimento circular no ar (sinal para indicar “associação”); depois leva o braço direito em direção da orelha e com a configuração de mão em d toca o ouvido e desliza em direção a boca (sinal para indicar “surdo”); por fim, com ambas as mãos configuradas com os dedos médios semidobrados e os demais levantados, aproxima as mãos e toca a ponta dos dedos médios (sinal para indicar “contato”).



Imagem 13: *Frames* da sentença “[...] participar da Associação de Surdos para ter contato [...]”.

A respeito disso, Liliane Brito-Dizen e Sueli Caporali (2005) argumentam que os processos de formação identitárias e culturais experimentado por “crianças surdas” dar-se-á a partir de sua inserção na “comunidade surda” (igrejas, associações, clubes, entre outras). Ainda, acrescenta que a partir do momento “que os surdos passaram a se reunir em escolas e associações e se constituíram em grupo por meio de uma língua, passaram [...] a refletir sobre um universo de discurso sobre si”. Segundo estas autoras todo esse processo de reconhecimento e afirmação levou a criação de espaços favoráveis “para o desenvolvimento ideológico da própria identidade de grupo” (idem, p. 593).

Com o braço direito levemente dobrado e com a mão configurada em d, movimenta em arco passando na frente do dorso e cabeça; faz com a mão direita parada no espaço na altura do ombro direito a configuração de mão 2 com o dedo polegar e indicador levantados, em seguida faz a configuração de mão 6 com o dedo polegar levantado e os demais fechados formando uma bolinha (sinal para indicar 26); logo na sequência com os braços semidobrados e as duas palmas para baixo faz um movimento subindo levemente e abaixando (como ondas), deslizando as mãos no ar (sinal para indicar “passeata”); para finalizar a sentença, faz uso de um classificador para enfatizar o caráter de manifestação referente às comemorações do dia do surdo e as passeatas organizadas com o objetivo de difundir e valorizar a “cultura e identidade surda”.

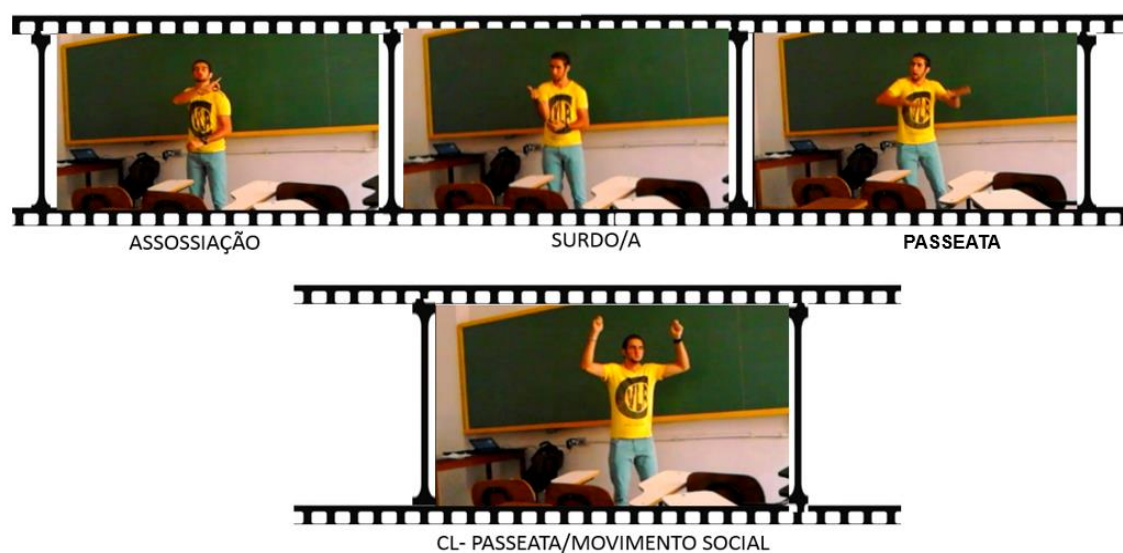



Imagem 14: *Frames* da sentença “[...] dia 26 de setembro tem a passeata para comemorar o dia dos surdos [...]”.

Com certa regularidade, uma vez por ano, principalmente em cidades de médio e grande porte, acontecem passeatas para comemorar o dia nacional dos surdos (26 de setembro)⁵⁶, com o objetivo principal de reafirmar as pautas surdas relativas ao acesso à direitos e sua inclusão na sociedade brasileira respeitando a língua e cultura do “provo surdo”.

 menciona o papel das associações e dos movimentos sociais em promover espaços propícios para termos contato e aprendizagem da língua e da “cultura surda”. Ele

⁵⁶ Esta data foi oficializada através do decreto de lei nº 11.796, de 29 de outubro de 2008. A escolha do 26 de setembro é uma homenagem à criação da primeira Escola de Surdos do Brasil, em 1857, na cidade do Rio de Janeiro, que atualmente é conhecida como INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos).

termina a sentença utilizando de um classificador para indicar a “passeata” como um “movimento social surdo” (analisado dentro do seu contexto de enunciação e significação).

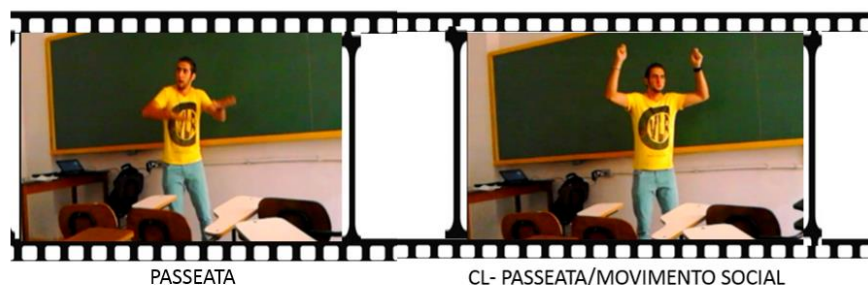



Imagem 15: *Frames* da sentença “[...] passeatas dos surdos [...]”.

 participou da primeira comissão formada para a criação da Associação de Surdos de Ponte Nova e região (ASPON), daí a ênfase dada em muitos momentos de seu discurso em relação às instituições ligadas aos pressupostos de uma possível “comunidade” que se constitui a partir do uso da Língua Brasileira de Sinais. Neste caso, percebemos a “agência” da língua em movimento influenciada por forças interna e externas à própria gramática corporal. Dito de outro modo, “considere duas dimensões relacionadas e ainda analiticamente distintas da agência: sua realização linguística (desempenho) e sua representação linguística - codificação gramatical⁵⁷” (DURANTI, 2003, p.451).

Meu amigo segue sua exposição na aula, neste momento (no vídeo 17’36’’) no enunciado “por exemplo em um telejornal”, ele usa o sinal de “exemplo” (CM-Y, L-dedão encostar no queixo, M- para frente distanciar da face); em seguida, sinaliza “jornal” (mão esquerda com a palma aberta encostada na direita com configuração de mão em I; em seguida distância as duas mãos, como se abrisse um jornal de papel); por fim, faz o sinal “televisão” (as duas mãos configuradas em I, dispostas no “espaço neutro” distante do corpo e na altura da cabeça à frente da cabeça, movimentam-se alternadamente para baixo e para cima no ar) . Neste momento, este agente critica o fato de quase todas as programações da televisão serem voltadas para os “ouvintes”, ele reclama a falta de legendas através da escrita do português e da sinalização da Libras ao canto da tela.

⁵⁷ [...] “consider two related and yet analytically distinct dimensions of agency: its linguistic realization (performance) and its linguistic representation - grammatical encoding” (DURANTI, 2003, p.451).

Quando 🖐️ menciona na sentença equivalente a “telejornal”, sua agência corporal, em consonância com seu bilinguismo, faz emergir uma adaptação linguística exibindo a mistura das línguas em determinadas sentenças e ou momentos de enunciação. Neste sentido, o agente da língua a mobiliza e a manipula a partir de um referente, as interferências que surgem no contexto dão vida às propriedades da língua, criando seus sotaques, suas variações e instituindo, propriamente dito, a composição para o uso da determinada língua, acordado socialmente. Este fenômeno pode ser observado também na sentença em que ele utiliza o sinal de “surdo” + “passeata”.

A particularidade linguística da Libras faz ele deslocar o elemento principal da mensagem para o início da frase, exaltando o que se quer comunicar. Os movimentos do corpo, combinando braços, mãos, cabeça e expressões faciais compõem uma gramática própria para o corpo no momento em que a Libras é acionada, orientada por um tipo de *corporalidade* que envolve esta língua de sinais em particular.

Por fim, cabe lembrar que neste tópico mobilizei dois *eventos*, a saber: a “reunião de orientação pedagógica com 🖐️ e 🖐️” e “aula sobre ‘cultura surda’ com 🖐️”. Qual a relação que podemos traçar entre estes *eventos extraordinários* e o processo de composição de um tipo de *corporalidade surda* na ZMM? Os dois eventos supracitados se relacionam entre si pelo fato de serem engajados pelo CELIB e motivados pelo ensino da Libras e os interesses que guiaram os agentes “surdos” da rede em enfatizar sua “diferença” atribuída à sua identidade cultural”. Ou seja, o nexo-causal entre esses dois *eventos* refere-se a possibilidade, inspirada na noção de “diferença” atribuída à *surdez*, da agência de técnicas corporais específicas agregadas à crenças e significados presentes no processo de composição de uma tipo de *corporalidade surda* evidenciada através da Língua Brasileira de Sinais.

No discurso de 🖐️, por exemplo, foi possível perceber a controvérsia das *corporalidades*, envolvendo a categoria “surdo” em oposição à categoria “ouvinte”, demarcando uma distinção nos modos de “ser”, “estar”, “perceber” e “significar” o próprio corpo e as inter-relações estabelecidas com o mundo exterior. Esta perspectiva nativa, explicita que a “diferença” atribuída à *surdez* é um vetor importante para a afirmação de que a “cultura surda contém a prática social dos surdos” (PERLIN, 2004, p. 77).

Especificamente, estudar a incorporação da Libras no corpo dos agentes no momento do encontro em uma situação de sala de aula e o agenciamento destes para com a língua, requer considerarmos a presença de elementos socioculturais. No caso analisado, o corpo que passa a vestir a Libras, em um contexto de interação em encontros sociais, ganha uma dimensão metalinguística em que “dizer algo é fazer algo” (AUSTIN, 1973). É, em síntese, neste mosaico em fluxo constante de movimentos ritmados, combinados e compartilhados pela memória-motora⁵⁸ coletiva, que os agentes instituem processos sociais através das interação e negociação para os usos do corpo, derivando em arranjos específicos para a criação de diferentes tipos de *corporalidades*, como a explicitada por esta etnografia.

3.2. A “passeata dos surdos” como um ritual político e a “cultura surda” como uma arma política mobilizada pelo “povo surdo”

Os rituais partilham traços formais e padronizados, [que] são fundamentais em constructos ideológicos particulares. Assim, o vínculo entre forma e conteúdo torna-se essencial à eficácia e as considerações culturais integram-se, implicados, na forma que o ritual assume [...] ação ritual assim compreendida consiste em uma manipulação de um objeto-símbolo com o propósito de uma transferência imperativa de suas propriedades para o recipiente.
(PEIRANO, 2002, p. 27)

Compartilho da noção atribuída por Mariza Peirano (2002) e Cristina Chaves (2000) à eficácia do “ritual” no sentido de uma ação coletiva direta, tomando como exemplo a “passeata dos surdos”⁵⁹. Assim, a potencialidade do uso da ação coletiva ritualizada se dá através de sua capacidade de enfatizar e de expressar certas crenças e sentidos simbólicos arreigados ao engajamento, às motivações culturais e à cosmológica manifestada pelos agentes pertencentes à um determinado grupo social. Para as autoras mencionadas “forma” e “conteúdo” devem ser compreendidos enquanto elementos indissociáveis entre si durante o processo que engloba a ação ritual. Dito de outro modo,

⁵⁸ Em todas as línguas há uma exigência de certo modo precisa de técnicas corporais para sua enunciação, no caso das línguas orais elas em tese exigem mais do aparelho fônico fonador. Já no caso das línguas de sinais as técnicas corporais exigidas envolve o corpo como um todo, ou mais especificamente a região que envolve a estrutura gramatical da libras, a saber um pouco abaixo do umbigo, esticando os braços no ar até onde eles podem ir, o dorso, as expressões faciais, mão e dedos especificamente manipulados e posições dos braços e do lugar onde se alocam os sinais (sintagmas) dessas línguas, como a Libras por exemplo.

⁵⁹ O termo está escrito “entre aspas” pelo fato de ser uma categoria nativa ao passo que *evento ritual político* em itálico é utilizada como categoria analítica.

está para além do individual e do coletivo, é propriamente o encontro enfático entre estas partes para a fabricação dos corpos/sociais, por onde os elementos linguísticos e culturais são elucidados.

Neste último tópico analiso a primeira “passeata dos surdos” ocorrida na região e articulada pelos agentes líderes da rede social diretamente ligados à Associação dos Surdos, sediada em Ponte Nova (MG). Interpreto-a como um *evento ritual político* devido ao seu caráter extraordinário. Focalizo as motivações e os engajamentos presentes na realização desse evento, levando em conta suas dimensões pré-ritual, ritual e pós-ritual. Tal *evento*, compreendido a partir de sua exclusividade e carga simbólica atribuída, busca destacar algumas práticas sociais envolvidas com a produção de uma língua de sinais através de técnicas corporais e um modo específico de se olhar para a *surdez*, pelo viés cultural da diferença. Destaco ainda, que meu intuito em mobilizar a “passeata” neste tópico fechamento foi para destacar a emersão das motivações individuais e sentidos simbólicos cultuados pelo/no coletivo.

O “ritual”, enquanto um momento extraordinário daquilo que está diluído e de difícil acesso na sociedade, ajuda-nos estrategicamente à verificar certas evidências, fornecendo-nos um substrato necessário para nossas análises. Assim, por meio desse “ritual político” é possível abstrair da realidade social os elementos presentes nas *corporalidades* em “jogo” no “contexto” da *surdez* (PEIRANO, 2002).

Nesse sentido, os “rituais” têm a capacidade de trazer e fazer coisas na/da realidade social encanadas nas pessoas, e não apenas representar e reproduzir o mundo simbólico. O “ritual” serve para identificar os mecanismos simbólicos e pragmáticos básicos da ação coletiva performática, permitindo perceber mudanças sociais, (re)significação dos símbolos, crenças, hábitos, ideologias e práticas sociais (DAMATTA, 1979; TAMBIAH, 1985; CHAVES, 2000).

Ainda, Mariza Peirano (2002), ao citar o livro “*A performative approach to Ritual*” de Stanley Tambiah (1985), ressalta que os rituais são “tipos especiais de eventos, mais formalizados e estereotipados, e mais suscetíveis à análise porque já recortados em termos nativos” (p.8). Ela reflete sobre a desnaturalizar a dicotomia que colocou ao longo da história clássica da antropologia, de um lado a “fala” e do outro a “ação” (ou ainda, o “mito” e o “rito”), pois considera que o “dito” também é “feito” e vice-versa. Assim, pensar a “passeata dos surdos” enquanto um “ritual” é compreender que há um tipo de *corporalidade* em evidência, ligada à uma noção de “diferença” através da Libras e demarcada através do uso da categoria “surdo” enquanto autoafirmação pessoal/coletiva.

O *evento* primeira “passeata dos surdos” ocorrido na ZMM será tratado como *ritual social* de cunho político, devido suas características, marcadores, regularidades e pelo fato de emergir no cotidiano das pessoas de modo extraordinário. Além do mais, observei em meu contexto etnográfico que os agentes líderes da rede social da Libras na região foram quem de algum modo articulou inicialmente a organização do evento. Os interlocutores que atuavam frente à Associação do Surdos estiveram engajado durante toda a organização antes e durante a realização da “passeata”.

As “passeatas dos surdos” surgiram nos E.U.A a partir da década de 70, sob forte impacto dos movimentos sociais, ativistas, religiosos e intelectuais imbuído no bojo das transformações internacionais em relação a consolidação de direitos sociais, civis e políticos. No Brasil registrou-se ocorrências desse tipo a partir da década de 1980, muitos desses movimentos, foram responsáveis pelo fortalecimento de um *ethos* de grupo e a própria difusão da Libras. O “orgulho em ser surdo”, a reivindicação e conquista de direitos, como por exemplo o de ter garantida a existência de escolas especiais para surdos. Nesse ponto chamo a atenção para o caráter macrossocial da ocorrência deste ritual, tomando como base as manifestações ocorridas em 26 setembro de 2009 e 26 setembro 2011 na cidade de São Paulo (ASSIS SILVA et al., 2009; ASSIS SILVA & ASSÊNSIO, 2011).

Em 2009, no cartão postal de São Paulo, a Avenida Paulista, em frente ao Museu de Arte de São Paulo (MASP) “surdos” e “ouvintes” se concentram e seguem em direção ao Parque Tronon. Os manifestantes caminharam ao longo da calçada reivindicando pela permanência das escolas especiais para surdos. A “passeata” contou com a articulação de agentes “surdo” e “ouvintes intérpretes” ligados à Associação de São Paulo (ASSP) e à Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS). A motivação principal da “manifestação era performatizar uma crítica a legislação em relação ao processo de inclusão dos surdos em escolas regulares, explicitando a defesa do direito [constitucional] dos surdos de estudar em escolas especiais” (ASSIS SILVA, et al., 2009, p. 3).

Outra movimentação da “passeata dos surdos” foi observada dois anos depois em São Paulo. A principal motivação foi a de que “ao longo de 2010 e 2011, o risco de fechamento do colégio de aplicação do Instituto Nacional de educação de Surdos (INES) foi intensificado, causou consternação e mobilização nacional em sua defesa” (ASSIS SILVA & ASSÊNSIO, 2011, p. 2).

Em 2011, a pauta sobre o reconhecimento da “diferença” linguística e cultural dos “surdos” é mobilizada novamente, através da pauta relacionada ao direito do surdo de estudar em escolas especiais, ambiente onde há professores “surdos” e “ouvintes” fluentes em Libras. Logo, no dia 26 de setembro, somada a outras programações e eventos ocorridos durante o “setembro azul”. Os manifestantes se encontraram na frente do prédio da Prefeitura e dela caminharam ao longo da avenida. Esta ação coletiva também foi articulada pela Associação de Surdos de São Paulo (ASSP) em reação direta à elaboração do Plano Nacional de Educação 2011-2020 pelo Conselho Nacional de Educação (CONAE). No documento, a controvérsia jurídica deixava dúvida e abria a possibilidade para o fechamento das escolas especiais, já que se pretendia a inclusão de alunos surdos nas escolas regulares de ensino junto com os “ouvintes” (dilema de certa forma retratado no poema “lamento oculto de um surdo” de Shirley Vilhalva).

Movimentos como estes constituíram-se num importante marco histórico e social das reivindicações por direitos dos “surdos” e dos apontamentos para a necessidade de uma educação bilíngue respeitando a língua de sinais como a primeira língua (L1) dos “surdos” e a escrita da língua portuguesa como sua segunda língua (L2). Ainda, estes movimentos sociais, foram os responsáveis pela ritualização do mês de setembro (batizado pela comunidade surda de “setembro azul”), onde se concentraram importantes datas comemorativas que rememoram o histórico de luta do “povo surdo” (LOPES & VIEGA-NETO, 2006; STROBEL, 2009). A principal data comemorada em setembro refere-se à inauguração da primeira escola bilíngue do Brasil, o atual Instituto Nacional de Ensino de Surdos (INES), inaugurado no 26 de setembro de 1857. Esta data foi convertida no “dia nacional do surdo” através da Lei nº 11.796/2008.

Os sentidos atribuídos ao “movimento surdo” e à “comunidade surda” foram estudados por Assis Silva (2012). Este autor reflete sobre variados sentidos atribuídos à *surdez* por diferentes grupos sociais (religiosos, intelectuais, familiares e os próprios surdos), entretanto ressalta que os movimentos sociais surdos, de modo geral, referem-se ao “processo político que demanda reconhecimento jurídico” (p. 173); em relação à categoria “comunidade surda” remetem “ao sentido de uma comunidade linguística, circuito complexo das instituições e lugares como escolas, igrejas, clubes, praças, clubes, pontos de ônibus, etc.” (p. 175). Para este antropólogo “o processo de consolidação da surdez” passou a ser afirmada como uma “particularidade étnico-linguística”, noção construída através do engajamento de múltiplos agentes e instituições sociais, nas palavras deste autor:

Identifiquei nas pesquisas realizadas em uma série de eventos políticos e acadêmicas a emergência de uma instituição representativa fundamental. Tanto em manifestações políticas públicas em grandes avenidas (geralmente na avenida Paulista ocorrem passeatas no Dia do Surdo, em 26/09) quanto em palestras em escolas especiais, instituições universitárias e eventos políticos, destacam-se ativistas vinculados à Feneis. Possui sede no Rio de Janeiro e regionais nas capitais de nove estados (RS, SC, PR, SP, MG, DF, CE, PE e AM). Essa instituição afirma a surdez como particularidade linguística em um discurso político, ocupando posição de mediação entre diversas instâncias, como igrejas, escolas, instituições universitárias, mídia, mercado e domínios do Estado (ASSIS, SILVA, 2012, p.183).

Trata-se do processo de composição de um novo “olhar” para a *surdez*, com base na experiência corporal e do “ser” e ou “tornar-se” “Surdo” com s maiúsculo (GEDIEL, 2010; BISOL & SEPERB, 2010). Do ponto de vista da “diferença” e da Libras vestida no corpo, a *surdez* é ressignificada através da categoria identitária “surdo” e das práticas sociais depositadas na língua de sinais, capaz de diferenciar “surdos”, “deficientes auditivos” e “ouvintes” por exemplo.

Os “movimentos surdos” reivindicam por escolas bilíngues, pelo uso da Libras, e por acesso à direitos equânimes a educação, saúde e mercado de trabalho. No bojo dessas movimentações, surgem várias instituições, como mencionado por Assis Silva (2012). Em nosso caso em particular, tomo como exemplo a criação do CELIB em 2011 (discutido no tópico anterior) e, o surgimento da Associação dos Surdos da Região (ASPON) em 2015.

Através dos engajamentos de alguns agentes líderes da/na *rede/comunidade de sinais corporificados* pela Libras na região da ZMM estudada, os “surdos associados” passaram a partir de então a ter um órgão de representação política, deliberativo e representativo. Passaram a contar com um polo de reafirmação identitária e cultural, além de poder contar com uma entidade capaz de reivindicar e auxiliar na manutenção dos direitos reservados à “pessoa surda”, como por exemplo, o direito de ter uma língua e poder utilizá-la livremente.

Sendo assim, a Associação dos Surdos da Região (ASPON) foi criada com o objetivo de fortalecer a identidade linguística-cultural local, possibilitar momentos de encontros entre os “surdos”, mesmo daqueles que ainda estavam aprendendo ou não sabiam direito a Libras. Além disso, motivar eventos comemorativos referentes ao “dia do surdo”, bem como também, servir como representante político dos surdos nas esferas

sociais e mediar questões burocráticas envolvendo esses mesmos direitos e acessos (à aposentadorias e transporte público, por exemplo). A ASPON passou a promover cursos de Libras, palestras sobre a temática da “cultura e identidade surda”, articular “passeatas surdas” e mobilizar importantes referendos como o aquele que propôs a mudança do sinal-próprio da cidade de Ponte Nova.

Em 2016, a Associação do Surdos, na época presidida por 🙋 (surda líder na/da rede social), mobilizou uma importante votação para a mudança do sinal da cidade de Ponte Nova. A justificativa se deu pelo fato de que o primeiro sinal da cidade remetia ao “Português Sinalizado” (onde literalmente usava a junção do sinal P-O-N-T-E e N-O-V-A), deste modo os “surdos” associados votaram pela mudança do sinal. Entre as sugestões, votaram pelo sinal que remetia ao pontilhão de ferro que sustenta os antigos trilhos da Linha Férrea Leopoldina. O sinal ficou sendo: configuração de uma mão em v, parada no ar, com a outra mão também configura em v, tocar as pontas dos dedos da outra, e afastar fazendo movimentos curtos para cima e para baixo três vezes.

Na reunião para a votação da mudança do nome da cidade, ficou evidente a demarcação da “diferença” requerida entre a Libras e o “Português Sinalizado”. Para muitos dos interlocutores consultados o uso dos sinais dentro das construções da língua portuguesa podem tornar o enunciado inteligível. Além disso, defendem a ideia de que a Libras possui seus próprios elementos e, deste modo, manter o sinal da cidade tal como no Português não preservaria a autonomia imagética (e sintática) da Libras. Tal fato foi observado também na indagação que fiz a 🙋 quando ganhei meu “sinal-próprio”. Na ocasião ele me disse que não podia utilizar antes do sinal a letra do meu nome do alfabeto manual porque a Libras é diferente do Português. De um ponto de vista analítico, a demarcação de “diferença” sinaliza formas diferentes de perceber e expressar *tipos de corporalidades*.

3.2.1. 🙋 como principal articuladora da primeira “passeata dos surdos” da região


Tomei a iniciativa diante da dificuldade de um encontro presencial e, aproveitando que já havia convidado 🙋 pessoalmente a participar da minha pesquisa, gravei um vídeo através do meu *smartphone* em que eu sinalizava pedindo-lhe algumas informações para completar minha história escrita nesta dissertação. No vídeo pedi para ela responder “quando, onde e como aprendeu a Libras”, e ainda, “comentar um pouco sobre a


Associação dos Surdos da região”. Enviei o vídeo para ela no *whatsapp*. Não demorou a responder, uma hora depois ela me enviou quatro pequenos vídeos explicando sobre minhas indagações. A partir deste material, visualizei sua sinalização e transcrevi para o Português uma tradução possível dos enunciados fornecidos por esta interlocutora.

Não me lembro bem a idade ao certo, mas foi entre 7 e 11 anos mais ou menos [que entrou em contato com a Libras]. Quando eu estudava na APAE, um homem surdo de BH veio para a cidade de Rio Casca. Ele distribuiu um santinho com o alfabeto manual. Daí um amigo surdo viu esse homem sinalizando e comentou comigo sobre as expressões faciais e os sinais, na época eu não sabia Libras. Eu vi este surdo sinalizando e fiquei curiosa. Eu peguei o santinho com o alfabeto e fiquei praticando junto com meu amigo surdo. Nós aprendemos juntos o alfabeto e ficávamos praticando, por exemplo: faz o sinal em Libras para “banheiro”. Via as palavras e fazia a datilologia B-A-N-H-E-I-R-O... Fui praticando só a datilologia, não tinha conhecimento dos sinais. Depois, muito tempo depois o fonoaudiólogo da APAE me proibiu de usar a datilologia, pegou, guardou o meu alfabeto e disse que era para treinar só a oralização.

Eu fiquei triste com o ocorrido, porque eu pensei, mas eu gosto da datilologia, é legal e tal... fiquei triste com a proibição, com isso aprendi a fazer leitura labial. Muito tempo depois já com a idade de 13 anos, encontrei meu primo surdo, mais velho, adulto. Eu não entendia direito, eu não sabia que ele era surdo e também usava dos sinais da Libras, eu achei fantástico, ele me ensinou alguns sinais. [...] Ele foi me ensinando os sinais das coisas e eu ficava admirada com aquilo tudo. Era mais fácil interagir e comunicar, coisa que com os “ouvintes” era mais difícil. Eu aprendi muito de Libras com esse meu primo na cidade de Timóteo, porque tenho muitos parentes lá e sempre eu ia para lá. Meu primo um dia, me chamou para ir passear, daí nos encontramos com um grupo de surdos, eu ficava olhando todos se comunicando em Libras, mesmo não entendendo alguns sinais eu achava perfeito, depois eu perguntava e ou procurava o significado de alguns sinais, daí fui aprendendo.

Muito tempo se passou, eu comecei a namorar com um surdo, ele me ensinava Libras também e também me ajudava com a escrita do português. Na associação de surdos lá de Timóteo eu fiz muitas amizades, e comunicava com eles através do *messenger*. Eu ia direto para lá, me sentia bem lá, porque em Rio Casca não tinha nada, eu ficava sozinha, não conhecia surdos (tinha surdos lá, mas não sabia a Libras e ficavam mais isolados). Como era um pouco longe, ficava difícil ficar indo direto para Timóteo; conversei com minha família que queria fazer um curso de Libras, aí mudei para Ponte Nova. Aprendi muito a Libras a partir de 2011. Nesta época eu conheci meu esposo (“ouvinte-intérprete), ele era fluente na Libras sabia mais do que eu, e eu fui aprendendo. Ele me estimulava a aprender, me incentivava a seguir estudando. Eu comecei a ir em palestras, participar de eventos. Eu ficava curiosa, pesquisava na internet, assistia vídeos no *youtube*. Em 2012, entrei em contato direto com outros “surdos” de Ponte Nova e passei a ter fluência na Libras.

O depoimento de  destaca novamente as controvérsias e disputas em torno do “corpo surdo”, posto na fronteira entre o “mundo ouvinte” e o “mundo surdo”, entre a

língua oral e a língua de sinais. Assim como ilustrado na experiência de , esta “surda” também experimentou em sua biografia opressões advindas dos falantes da língua Portuguesa, tencionando a construção de uma *corporalidade* próxima da experimentada e significada pelos “ouvintes” através de sua condição audiológica.

Tais realidades, tencionam o contexto político, histórico e social envolvendo as “pessoas surdas”. Assim sendo, é possível considerar que o contexto macro de significação relativa às questões de “identidade linguística-cultural” dos “surdos”, reverbera no microcosmo que habita o contexto de ocorrência da primeira “passeata dos surdos”, ocorrida na cidade de Ponte Nova (MG) no ano de 2016. É possível dizer, que este *evento*, entendido como um tipo de ritual, mobilizou símbolos e elementos de significações, que de alguma maneira, estavam relacionados com o contexto legal brasileiro e com uma herança histórica narrada pelos “surdos” e pela literatura. Além disso, outros fatores e variáveis estiveram presentes nas motivações individuais mobilizadas durante a performance coletiva dessa “passeata dos surdos”, como por exemplo, a possibilidade do simples encontro com seus pares no espaço público e o uso da Libras.

O núcleo motivacional que dá forma e conteúdo ao evento abordado neste tópico se ancora ao pano de fundo social presente no contexto nacional (de modo geral). Busco, discutir a partir das evidências reverberadas nesse *evento extraordinário* local. O exercício é pensar sobre: como a “passeata dos surdos” apresenta elementos, ordenamentos, sequencias, formalidade e sazonalidade capaz de caracterizá-la como um tipo de ritual capaz de promover a “cultura e identidade surda” vinculada à Libras?

3.2.2. O simbolismo atribuído ao mês de setembro

No Brasil, a criação do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, marca o reconhecimento institucional e governamental de muitas reivindicações advindas de comunidades surdas, de redes de surdos/as, de intérpretes, de segmentos religiosos, dos meios acadêmicos e de parentes de surdos/as. O foco principal de muitos dos movimentos reivindicatórios se deu no sentido de assegurar os direitos dos “surdos”, o uso da Língua Brasileira de Sinais como sua primeira língua e do Português-escrito como sendo sua segunda língua (BRASIL, 2002).

O INES, localizado na cidade do Rio de Janeiro, no bairro das Laranjeiras, foi a primeira instituição voltada ao atendimento especializado para a educação de “surdos” e

“surdas” no Brasil. O Instituto foi fundado por Ernest Huet (um educador surdo Francês) em 1857, passando a funcionar como um importante centro nacional de referência na área da *surdez*, posteriormente vinculado ao Ministério da Educação. Entre seus objetivos institucionais estão: a produção, o desenvolvimento e a divulgação de conhecimentos científicos e tecnológicos na área da *surdez* para todo o Brasil, além de subsidiar a Política Nacional de Educação⁶⁰.

Oficialmente a data de inauguração do INES (considerada a primeira escola bilíngue do Brasil) é definida, a partir de arquivos históricos, como sendo o dia 26 de setembro de 1857. Esta data, passou a marcar simbolicamente uma conquista histórica de lutas que defendiam uma educação diferenciada para as “pessoas surdas”, por meio de recursos visuais e da Língua de Sinais. Assis Silva (2012) menciona, no livro “Cultura Surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade”, que muitas pessoas inseridas nas “comunidades surdas” narram que o “mito de origem” da Libras remete ao próprio surgimento do INES. Segundo aponta este autor, quando o INES foi criado, muitos “surdo/as” vieram de diferentes regiões do país para nele estudar. No Instituto, os estudantes “surdos/as” aprendiam a se comunicar com os professores e com os colegas utilizando-se de sinais codificados por uma língua de sinais criada na própria instituição. Sendo assim, quando os alunos terminavam os estudos levavam consigo além do diploma o aprendizado de uma língua, que posteriormente ficaria conhecida como Língua Brasileira de Sinais.

Como dito páginas atrás, o mês de setembro têm um significado especial para as comunidades surdas. Este mês rememora a data de fundação do INES, ao passo que faz um resgate histórico de lutas envolvendo o “povo surdo” e a conquista de direitos civis e sociais. Sendo assim, o dia 26 de setembro foi definido como sendo o Dia Nacional do Surdos. Além desse fato, a escolha pelo mês de setembro vincula-se também a outros eventos e conjuntos de significações simbólicas que dão toque especial às comemorações realizadas neste mês, como por exemplo: a Conferência Internacional de Educadores de Surdos (Congresso de Milão) ocorrida entre 7 e 11 de setembro de 1880 (data marcada pela proibição do uso das línguas de sinais nas escolas), o Dia Mundial das Línguas de Sinais (dia 10) e o Dia do Tradutor-Intérprete da LIBRAS (dia 30).

Em comemoração ao Dia Nacional do Surdos, as pessoas vão às ruas, param o trânsito e atravessam o cotidiano com suas mãos em evidência, gritando suas

⁶⁰ Ver em: <http://portal.mec.gov.br/ines> Acessado 19/12/2017.

reivindicações e, ao mesmo tempo, construindo e afirmando sua identidade linguística-cultural. Eles demarcam por meio da ação coletiva, denominada de “passeata dos surdos/as”, uma distinção social (BOURDIEU, 2006).

Setembro ganha uma cor própria e uma junção de palavras que formam um sinal específico na Libras através de equivalente na língua Portuguesa à “Setembro Azul”. Esta junção de palavras forma uma sentença específica, mobilizada enquanto “força ilocucionária”⁶¹ (AUSTIN, 1962). Com base na narrativa de alguns nativos, o motivo do “azul” ser eleita como “cor-símbolo” do mês comemorativo, refere-se ao contexto histórico dos “surdos” marcado por sofrimento e exclusão, servindo-lhes no presente, como inspiração para a luta contra as opressões vivenciadas ao longo da história. A cor azul, lembra o preconceito e a discriminação sofrida por muitas pessoas surdas durante a Segunda Guerra Mundial: onde os nazistas identificavam as “pessoas surdas” atando-lhes uma faixa azul em um dos braços, demarcando sua “inferioridade”.

Entretanto, na ressignificação do presente, a “cor azul” toma um sentido diferente, passando a remeter a memória coletiva construída ao longo da história, memória resgatada para o enfrentamento das opressões ainda sofridas pelos “surdos” no presente. Na contemporaneidade, o sentido atribuído ao mês, juntamente com a cor, visa problematizar e desnaturalizar o estigma da “doença” (ou incapacidade) atribuídos a marca da *surdez*, reivindicada agora como “diferença” pelos movimentos sociais dos surdos.

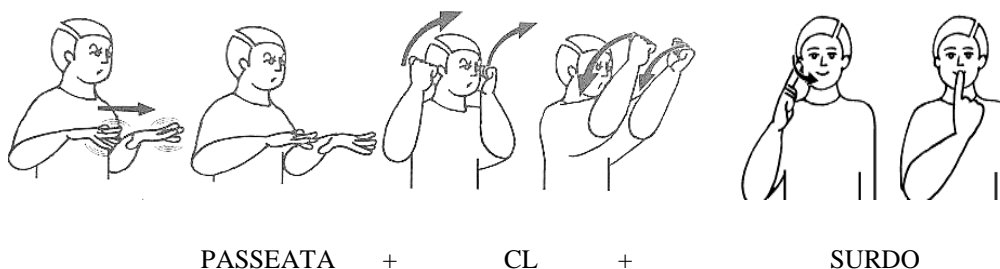
Nesse sentido, a cada ano ou esporadicamente no mês de setembro, milhares de surdos/as, intérpretes, familiares, educadores e simpatizantes “ouvintes” fluentes ou não na Libras, saem às ruas das cidades em passeata para comemorar o Dia do Surdo e reivindicar direitos. Tendo como símbolo a cor, as pessoas saem as ruas vestidos de camisetas azuis, carregam balões azuis, cartazes e faixas decoradas com mãos desenhadas, onde muitas vezes escrevem sentenças que exaltam Libras, a “cultura surda” e o “orgulho de ser surdo”.

⁶¹A força ilocucionária é algo bem diferente do significado puro e simples da frase, pois ela está diretamente ligada às interações sociais que se estabelecem entre os falantes, relações que podem ser de autoridade, cooperação etc.... - Veja mais em <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/filosofia-da-linguagem-6-austin-e-searle-e-os-atos-de-fala.htm?cmpid=copiaecola> . (Acessado em 03/02/2018 às 16:00)



Imagem 16: Fotografia do momento que os “surdos” caminham na primeira passeata da região ocorrida na cidade de Ponte Nova (MG).

Como já mencionado, o “setembro azul” fabrica uma releitura histórica (re)apropriada a cada ano no dia 26 ou um ou dois dias antes ou depois dele, sempre em setembro é comum acontecer as “passeatas dos surdos”:



PASSEATA + CL + SURDO

Imagem 17: Imagem de sinais da Libras arranjados para formar o sentido de “passeata dos surdos”. Fonte: Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos/ Fernando César Capovilla et al, São Paulo. Ed. da USP, 2017.

A primeira “passeata dos surdos/as” da região foi realizada no dia 24 de setembro de 2016, data ajustada no calendário pelo fato de este dia ser um sábado, assim muitos “surdos” e “ouvintes” da rede social da Libras que trabalhassem durante a semana pudessem participar da manifestação. Além do mais, sábado foi escolhido como um dia estratégico por ter a característica de concentrar uma maior movimentação de pessoas no centro da cidade (por onde a “passeata” percorreu). A mudança no dia, antecipando-o em relação à data oficial, pode ser entendido à luz da literatura que explica a própria

atualização dos “rituais”⁶² conforme os interesses dos agentes engajados diretamente com ele.

Fiquei sabendo que iria acontecer a “passeata” duas semanas antes, através de um casal de amigos (surda e ouvinte) que articularam sua organização (ambos faziam parte da administração da ASPON). Sou amigo de 🙌 no *Facebook*, e foi através deste meio de comunicação que ela me convidou a participar da “passeata dos surdos/as” e a fotografá-la.

Como combinado, no sábado, dia 24 de setembro, acordei às seis da manhã, me arrumei e caminhei em direção à rodoviária de Viçosa para embarcar no ônibus que me levaria até a cidade onde aconteceria o *evento*. Chegando na rodoviária encontrei 🙌 que também aguardava o *bus* chegar, fiquei ali sinalizando alguma coisa com ele enquanto esperávamos o horário da partida. Às 7:00 embarcamos com destino a Ponte Nova. Chegamos lá por volta das 8:00 da manhã. Descemos no “Gavetão” (um pontilhão de ferro que canaliza uns dos braços d’água que deságua no Rio Piranga, pertencente a bacia do Rio Doce), seguimos em direção ao centro. Caminhamos pela calçada, subimos a Av. Francisco Viêira Martins, passamos pela lateral do Colégio Dom Bosco (Salesiano) e seguimos até chegar na “Praça das Palmeiras” (lugar marcado para concentração e largada da “passeata”).

Já na praça, percebi que havia a movimentação de uma feira artesanal organizada por professores e alunos de uma escola pública, que realizavam uma exposição sobre africanidades; mais abaixo, em uma das esquinas da praça, pessoas balançavam bandeiras de candidatos às eleições municipais. Enquanto isso, os “surdos/as”, “intérpretes”, “familiares” e “simpatizantes” da causa “surda” chegavam. Os organizadores da “passeata” distribuíram cartazes, balões e mãozinhas azuis recortadas em cartolinas e coladas em uma palito de madeira. O cenário, tanto da praça quanto do seu entorno, formava um mosaico diversificado, e ainda, nos bastidores do *ritual*, antes da largada da “passeata dos surdos/as”, era possível observar muita agitação dos agentes da Libras, que aproveitavam para interagir através desta língua de sinais, vestida nos corpos, enquanto aguardavam a tão esperada *caminhada ritual* (SANCHIS, Pierre, 1983).

Perto das 9:00, partimos da Praça Dr. Martins Soares (vulgo Praça das Palmeiras), descemos em caminhada pela Avenida Francisco Viêira Martins, sentido Hospital

⁶² Ver em: TAMBIAH, Stanley J. “A Performative Approach to Ritual” In: _____. Culture, Thought, and Social Action. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 123-166, 1985.

Arnaldo Gavazza Filho Geral. No caminho, diferente do que muitos possam imaginar, os “surdos” faziam barulhos com apitos, gritavam sons desordenados, além de fazerem a maior algazarra visual, com bexigas azuis, bandeirolas, cartazes, mãozinhas recortadas de cartolinas e com fitas azuis atadas nos pulsos ou na testa.


Na comissão de frente, alguns “surdos” carregavam os cartazes: da Associação de Surdos, outro indicando o dia 26 de Setembro como Dia Nacional do Surdo; e, outros, mais atrás, contendo dizeres que remetiam as palavras “surdo”, “LIBRAS” e “Setembro”, destacadas sob o fundo azul do cartaz, neste a seguir, em específico, estava desenhado uma mão aberta e outra com o polegar, indicador e mindinho levantados enquanto os dedos médio e anelar abaixados – indicando o sinal de “love” () emprestado da *American Sign Language*.



Imagem 18: Fotografia do momento que um “surdo” segura um cartaz sintetizando os significados do “setembro azul”.

Seguimos caminhando pela Avenida, ocupando os dois lados da via, o que chamava ainda mais a atenção dos que passavam por ali. Os participantes extravasavam o uso da Libras, bem como também, davam visibilidade para a identidade e cultural surda. A performance da “Passeata” apresentava sua forma e conteúdo próprio, com sequências de certo modo invariantes, estereotipadas e contendo regras de etiqueta, como por exemplo, a de não utilizar o “português-sinalizado” e nem a categoria “deficiente auditivo” durante a caminhada ritualizada.

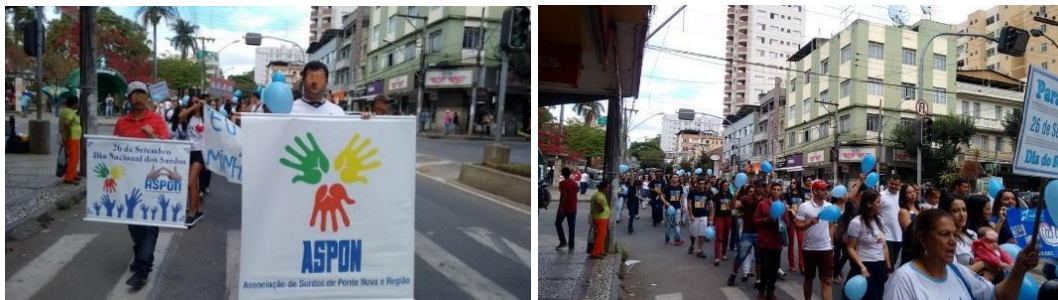


Imagem 19: Fotografia do momento que a passeata acontece, interditam um trecho da rua e atravessam o cotidiano com mãos, cartazes e balões azuis no suspensos e em movimento.

Continuamos andando pela Avenida Francisco Viêira Martins, uma importante via arterial que liga o centro da cidade ao setor industrial e que dá vazão para a entrada e saída do centro urbano. Neste sábado atípico, o tráfego de veículos na avenida foi interrompido pela secretaria de trânsito, abrindo passagem para os “surdos”. Depois de uma caminhada por cerca de 1500 m, mais ou menos, viramos na rotatória que fica em frente ao Hospital, e voltamos pela mesma Avenida em sentido contrário rumo à Praça de onde partimos. Chegando no local de onde partimos, passamos pela frente da Padaria Popular, viramos à esquerda na Av. Dr. José Mariano, dobramos a esquina do outro lado da Praça.

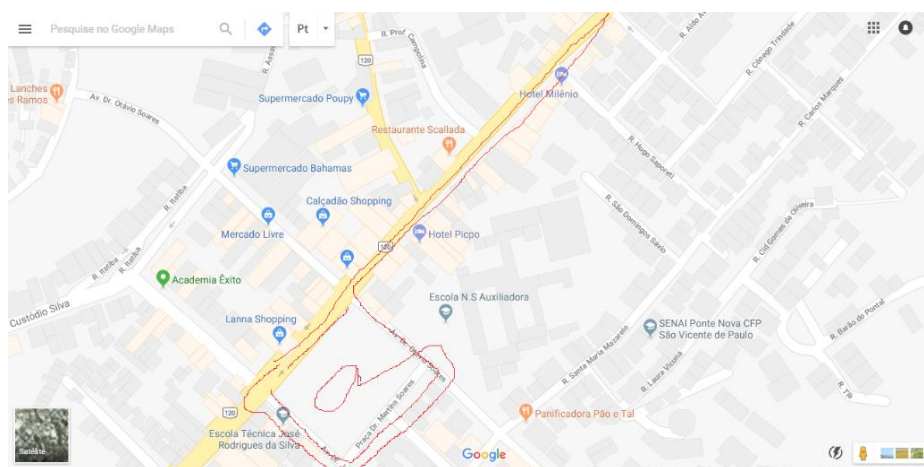




Imagem 20: Representação geográfica do trajeto realizado pela primeira “passeata dos surdos” da região, capitada via *google maps*.

Feito o percurso, de volta a Praça, fomos saudados por uma professora que coordenava as atividades da feira escolar acima mencionada. No microfone, de pé em frente a uma tenda montada pela escola, a professora chamou atenção de todos que ali estavam, em seguida convidou 🙋 para apresentar o movimento e sua importância.

🙋 foi à frente da multidão, a professora passou o microfone para um intérprete que a acompanhou. Enquanto ela ia sinalizando em Libras, o intérprete fazia tradução

simultânea (versão voz). A presidente da Associação dos Surdos, grande idealizadora e organizadora da “Passeata”, sinalizou com muita emoção a importância do evento. Explicou ela, que o motivo de acontecer a “Passeata” é para comemorar o Dia Nacional do Surdo, e remete a história de luta dos surdos/as, chama atenção para a importância do movimento em divulgar a LIBRAS e aspectos culturais dos/as surdos/as. Nas palavras delas, traduzidas para o texto. – *“A Passeata dos surdos chama atenção da sociedade para essas questões para que possa abrir a cabeça e perceber os surdos/as”*⁶³.

Consegui, em outro momento do discurso da presidenta, captar através da função de vídeo da câmera fotográfica, uma performance corporal-linguística enfatizada por  durante sua narrativa enunciando sobre “a importância da Passeata dos Surdos/as”. O sinal de importante em sua forma é feito com a configuração de mão em i, no espaço neutro na altura da face e com movimento espiral circular três arcos subindo, entretanto, quando esta interlocutora agenciou o sinal naquele momento ela flexionou os joelhos trouxe o dorso mais pra baixo e foi subindo-o conforme fazia o movimento espiral do sinal de “importante” subindo com ele até bem acima da cabeça e esticando o braço. O sinal sofreu uma intensificação em seu movimento e alteração no seu espaço de ocorrência, em relação ao padrão do sinal definido gramaticalmente.

A o agenciamento e o modo como  utilizou o sinal para indicar “importante” sofre uma mudança morfológica em seu movimento devido a carga simbólica atribuída por ela à realização da “Passeata dos Surdos” nesse dia histórico para todos os surdos da região.

Após esse caloroso momento, todos os surdos e ouvintes, como é de costume em todas as passeatas como as relatadas de São Paulo, juntarem-se todos os surdos para tirar uma foto final. Deixando registrando esse acontecimento memorável:

⁶³ Minha tradução/interpretação do discurso enunciado em LIBRAS e captado em vídeo e, com sua permissão, analisado.



Imagem 21: Fotografia do momento encerramento da passeata, como de costume parada para a “foto do grupo” de manifestantes surdos.

Por fim, a primeira “Passeata” pode ser entendida como um tipo de ritual que promove por meio da Libras uma “diferença” pautada na noção de “cultura surda” mobilizada pela categoria política “surdo/a”.

Ressalto, que a “Passeata”, diverge em grau e não em gênero da “Marcha”, estudada por Cristina Chaves (2000) enquanto forma de “fabricar o social” a partir de um tipo de ação política específica. Então, qual seria a eficácia presente nos “atos performativos” que compõe a “Passeata dos Surdos/as”? A “Passeata” amplia o modo e a forma como os Surdos fazem política através do simbólico presente na ação coletiva. Neste caso em específico, o *ritual-político* articulado pelos agentes líderes na/da ASPON agregou ações no tocante processo de produção de um tipo de *corporalidade surda* marcada pela Libras.

Considerações Finais

Para estudar o processo de composição da Libras, da “cultura surda” e dos sentidos atribuídos ao uso da categoria “surdo”, passei a aprender a Libras após me inserir em um grupo de pessoas que formavam um rede social de agentes ligados às instituições sociais locais, tais como: igrejas batista e presbiteriana, ASPON, CELIB-UFV. Ao longo desses anos em que estive envolvido com o campo, em projetos de ensino, pesquisa e extensão, meu aprendizado da língua nativa me fez perceber algumas formas de “ser” e “estar” dos agentes do/no campo. Dessa maneira, me apropriei enquanto estratégia de investigação do meu próprio corpo para estudar as corporalidades em jogo no contexto de interações e situações sociais que vivenciei. Assim, o corpo foi interpretado como mediador e importante vetor para produção de conhecimentos e de significações para as práticas sociais.

Ao longo do trabalho foi necessário distanciar e aproximar de alguns valores, buscando uma vigilância epistemológica capaz de me fornecer uma postura etnográfica adequada para compreender, até certo ponto, através do meu tema, problema e objeto de estudo uma determinada realidade social. Busquei ao longo da dissertação responder a minha principal pergunta de pesquisa: de que maneira as formas coletivas são expressadas para a produção de um tipo de corporalidade surda ligada à Libras, ao uso da categoria “surdo” e à noção de “cultura surda” enquanto instrumental político para demarcação de uma “diferença” na ZMM?

Para respondê-la, analisei três eventos extraordinários, sendo o terceiro considerado um *ritual político*, para extrair alguns excertos capazes de embasar possíveis respostas para minha indagação principal. Assim, analisando os eventos a partir de seus agentes e inserindo-os em um contexto micro e macro social busquei entender a relação entre o uso do corpo e a percepção sobre ele mesmo, demarcada por técnicas corporais específicas exigidas pela sintaxe da Libras. Ainda, refleti sobre a produção de uma identidade coletiva arranjada por meio da categoria nativa auto atribuída “surdo/a”, ou através da afirmação de que a “Libras é a língua de sinais do povo surdo”. É neste sentido que busquei compreender como alguns agentes da rede social da Libras numa microrregião da ZMM produziam os discursos e práticas que demarcavam “diferença” requerida para um grupo de pessoas que se identificavam como “surdos/as”.

A Libras vestida no corpo surdo é capaz de mediar a construção de uma identidade coletiva e individual usada para reivindicar direitos e reconhecimentos de igualdade de acesso e de oportunidades através da afirmação de sua “diferença cultural”. Tal realidade pode ser observada nos eventos extraordinários dessecados e analisados nesta etnografia polifônica. Desse modo é correto afira a relação metalinguística existente entre a Libras a categoria “surdo” e a noção de “cultura surda” enquanto elementos constitutivos de um tipo de *corporalidade surda*, diferente daqueles que conformam *a corporalidade ouvinte* (ligada a língua Portuguesa falada no Brasil, e que se identificam como brasileiros).

Com base nisso, a metáfora nativa emprestada para compor parte do título desta dissertação “vestir a Libras no corpo” ajuda a ilustrar o que foi considerado até aqui. Tal metáfora pode significar, entre outras coisas, transpondo-a da língua nativa, que o “vestir” está associado ao uso dos traços e parâmetros linguísticos e culturais requeridos pelo grupo, significa demarcar certas particularidades expressadas através de *técnicas corporais* específicas, tanto em relação às línguas orais quanto referente à outras línguas de sinais, como por exemplo: a ASL (E.U.A), a LSF (França) e a Urubus-Kaapor (Brasil).

As demarcações linguísticas corporais que constatei durante o trabalho de campo, explicitaram variações no modo de compor a língua no corpo através do corpo – como por exemplo, entre o uso da Libras e do Português (falado) –; e, algumas demarcações linguísticas corporais mais híbridas, como é o caso do “Português Sinalizado”.

Neste contexto etnográfico, “vestir Libras no corpo” refere-se, do ponto de vista nativo, e entre outras coisas, à naturalização da categoria “surdo/a” vinculada ao corpo que não tem o sentido da audição (profunda ou severa), bem como também, ao aprendizado e uso da Língua Brasileira de Sinais no cotidiano. No bojo dessas evidências, soma-se um entendimento socioantropológico de que a *surdez* não limita o desenvolvimento linguístico do indivíduo, logo a “limitação” ou “deficiência” partiria de uma construção social imposta pelos “ouvintes” e não pelo fenômeno biológico em si.

Essas (de)marcações foram observadas em narrativas de controvérsias presentes nos usos e técnicas corporais normatizadas no/para o corpo sem audição; marcações estas, possivelmente expressadas por meio de categorias que demarcam diferentes *corporalidades*, como por exemplo: “surdo-oralizado”, “surdo-implantado”, “deficiente auditivo”, “ouvinte” entre outras.

Em questão, é possível afirmar que as categorias nativas “surdo”, “deficiente auditivo” e “ouvinte” demarcam também diferentes experiências corporais. Voltando a pergunta inicial, é possível dizer que o processo de composição da “diferença” pela

“cultura surda”, tomada para si, se dá através de agentes sociais líderes engajados através de instituições sociais capazes de se entrelaçar e se emaranhar em redes de sinais corporificadas pela Libras.

Por fim, compreender a *corporalidade* em evidência nos *eventos* “reunião”, “aula” e “passeata” equivale considerar que em tais *eventos* se destacou no processo em que se emerge um *tipo de corporalidade* ligada a “diferença” gestada pela categoria “surdo” e pela noção de “cultura e identidade surda”. Através dos agentes da *rede da Libras*, pulsante na microrregião da ZMM, foi possível perceber nas narrativas dos interlocutores em algumas práticas sociais o uso das categorias “surdo” para demarcar o modo como estas pessoas vivenciam e significam a *surdez*.

BIBLIOGRAFIAS

ASSÊNSIO, Cibele B. Comunidade surda: Notas etnográficas sobre categorias, lideranças e tensões. Dissertação (Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p.191. 2015.

ASSIS SILVA, César Augusto. Cultura Surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade. In: César Augusto de Assis Silva. São Paulo: Terceiro nome, 2012.

_____. Deficiência e surdez: pragmática de categorias, aproximações e tensões. In: Seminário do Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, 2013.

AUSTIN, John Langshaw. *How to do things with words*. Cambridge: Harvard: Univ. Press, 1974.

ARAÚJO, Magali Nicolau de Oliveira de. Os espaços na Libras. 2016. 142 f., il. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

BARNES, J. A. Redes Sociais e Processo Político. In: FELDMAN-BIANCO, BELA (org). *A Antropologia das Sociedades Contemporâneas—Métodos*. São Paulo: Global, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fones, 2000.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Huicetec, 2002.

BERGER, L. PETER; LUCKMANN, THOMAS. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Tradução: Floriano de Souza Fernandes. Petropolis, Vozes, 2004.

BRAH, Avtar. “Diferença, diversidade, diferenciação”. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26, 2006, p. 239-276.

BISOL, C.; SEPERB, T. M. Discursos sobre a Surdez: Deficiência, Diferença, Singularidade e Construção de Sentido. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 26, n. 1, p. 7-3, 2010.

BOURDIEU, Pierre. "A linguagem autorizada: as condições sociais da eficácia do discurso ritual." In: _____. *A Economia das trocas Linguísticas: O que Falar Quer Dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996: pp 85-96.

_____. *A Distinção*, Porto Alegre: Zouk, 2006.

_____. *L'économie des échanges linguistiques*. *Langue Française*, Traduzido por Paula Montero, 1977.

BRASIL. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência; Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Brasília: Corde, 2007.

_____. Decreto n. o 5296, de 02 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis n.os 10.048, de 8 de novembro de 2000 e 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] União, Brasília, DF, 3 dez. 2004.

_____. Decreto n. o 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n.o 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18

da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] União, Brasília, DF, 23 dez. 2005.

_____. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. 2. ed. Brasília, DF: Corde, 1997.

_____. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

_____. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 2005.

BRITO, L. F. et. al. Língua Brasileira de Sinais-Libras. In:_____. (Org.) BRASIL, Secretaria de Educação especial. Brasília: SEESP, 1998.

BRITO-DIZEN & CAPORALI. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 583-597, Maio/Ago. 2005 Disponível em <[http://www.cedes.unicamp.br/](https://www.cedes.unicamp.br/)>

CANGUILHEM, G. (2012) *O normal e o patológico*. Trad. Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 7ª ed.

CAPOVILLA, F. C.; CAPOVILLA, A. G. S. Educação da criança surda: o bilinguismo e o desafio da descontinuidade entre a língua de sinais e a escrita alfabética. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v.8, n.2, p.127-156, maio, 2004.

CAPOVILLA, F. C. Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. In: Revista brasileira de educação especial, In: revista@abpee.net, São Paulo, v. 6. 2000, 99-113p.

CARSTEN, Janet. Introduction: cultures of relatedness. In Carsten, Janet (org.) Cultures of Relatedness. New approaches to the study of kinship. Cambridge University Press. 2000.

CHAVES, Christine Alencar. « Introdução ». In : _____. *A Marcha Nacional dos Sem Terra*. Rio de Janeiro : NuAP, Relime-Dumará, (disponível em : <http://nuap.etc.br/colecao-nuap/a-marcha-nacional-dos-sem-terra/>), pp. 13-31.

CLIFFORD, James. Introduction: partial truths. In: CLIFFORD, James e MARCUS, George. Writing culture: the poetics and politics of ethnography. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1986.

_____. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XXX. Organizado por José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011 (2008).

CSORDAS, Thomas. Corpo/Significa/Cura. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2008.

CUNHA, Manuela C. Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac & Naify, 2009, p. 368-382.

DA MATTA, Roberto. "Carnavais, paradas e procissões: reflexões sobre o mundo dos ritos". In: _____. *Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 35-66.

DANESI, Marcel. Linguistic Anthropology. International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences, 2nd edition, Volume 14, 2015.

DECLARAÇÃO mundial sobre educação para todos e plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. UNESCO, 1990. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>>.

DINIZ, D. Modelo social da deficiência: a crítica feminista. In: revista *Sérieanis*, n. 28, p.1-8, Ed: LetrasLivres, Brasília, 2003.

DUARTE, Luiz D. F. Horizontes do indivíduo e da ética no crepúsculo da família. In. *Famílias em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*, vol. 10. São Paulo: Edições Loyola, 1995, pp. 27-41.

DURANTI, Alessandro. Linguistic Anthropology. New York: Cambridge University Press, 2003. pp. 13-21.

FELIPE, T. A. O processo de formação de palavra na Libras. *Educação Temática Digital*, Campinas, v.7, n.2, p.200-217, jun. 2006.

_____. *Libras em contexto: Curso básico. Manual do professor/instrutor*. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC, SEESP, 2001.

FERREIRA BRITO, Lucinda. *Por uma Gramática de Língua de Sinais*. Tempo Brasileiro UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

_____. *História da loucura*. Tradução Jose Teixeira Coelho Neto. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

_____. *Microfísica do poder*. Tradução Roberto Machado 15 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *O nascimento da clínica*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 6ª ed, 2008.

FAVRET-SAADA, Jeanne. 2005. "Ser afetado". *Cadernos de Campo*, v. 13, n. 13, Pp. 155-161.

FAVRET-SAADA, Jeanne. "Être affecté". *Gradhiva: Revue d'Histoire et d'Archives de l'Anthropologie*, Paris, n. 8, p. 3 - 9, 1990.

GAL, Susan. Linguistic Anthropology. In: SILVERSTEIN, M. (org). *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. 2o edition., Elsevier Publishers: Oxford, 2006.

GEDIEL, A. L. *Falar com as Mãos e Ouvir com os Olhos? A corporificação dos Sinais e os significados dos corpos para os Surdos de Porto Alegre*. (Tese de Doutorado em Antropologia Social). Porto Alegre: UFRGS, 2010.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GESUELI, Zilda Maria. *Lingua(gem) e identidade: a surdez em questão*. Educ. Soc.

[online]. 2006, vol.27, n.94, pp.277-292.

GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana. 16ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. “A Elaboração da Face”. In: FIGUEIRA, Sérvulo A (org.). *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Francisco Alves Editora S.A, 1980.

_____. “Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada”. 4ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____. “A Situação Negligenciada”. In: RIBEIRO, Branca Telles. *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: AGE, 1998

_____. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª. Ed: LTC, Rio de Janeiro. p. 7-151, 1988.

HOFFMANN-DILLOWAY, Erika. Writing the smile: Language ideologies in, and through, sign language scripts. *Language & Communication*, vol. 31, 2001. pp. 345-355.

HUMPHRIES, Carol T. *Deaf in America: voices from a culture*. Cambridge: Harvard University Press, [1988] 1998.

HYMES, Dell. (1972) *Models of Interaction of Language and Social Life*. . In J. Gumperz and D. Hymes. *Directions in sociolinguistics*. Holt, Rinehart and Winston. pp. 35-71.

INGOLD, T. *The Perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2001a.

_____, 2001b. *Culture, perception and cognition*. p. 157-171.

_____, 2001c. ‘*People like us*’: *the concept of the anatomically modern human*. p. 373-391.

_____, 1996. Ingold, Tim (org.). *General Introduction. Key Debates in Anthropology*. Londres: Routledge. [pp. 1-14][dig.] 5 Ingold, Tim 1996. *Culture, Perception and Cognition*. In: *The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill*. Londres: Routledge. [pp. 157-171].

_____, 2008. Ingold, Tim. Pare, Olhe, escute! Visão, audição e movimento humano. Ponto. Urbe – Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP. Ano 2, versão 3.0, Julho de 2008.

JAKOBSON, Ronan. *Essais de linguage générale*. Paris: Editions de Minuit, 1963.

KUPER, Adam. “Cultura, diferença, identidade”. In: _____. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Bauru, SP: EDUSC, 2002, p.287-311.

KUSTER, Annelies. *Language ideologies in the shared signing community of Adamorobe*. *Language in Society*, vol. 43, Cambridge University Press, 2014. pp. 139-158.

LOMNITZ, Larissa & Perez-Lizaur, Marisol 1987. *A Mexican Elite Family 1820-1980. Kinship, Class and Culture*. New Jersey: Princeton University Press [Pref., Introd., 1, 4, 5, 7].

LOPES, Maura Corcini. *Cultura Surda & Libras*. 1. ed. São Leopoldo: UNISINOS,. v. 1. 156p. 2012.

MALINOWSKI, Bronislaw. "O problema do significado em linguagens primitivas". In: C. K. Ogden; I. A. Richards. *O significado de Significado: um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre ciência do simbolismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972, p. 295-330.

_____. "A Performative Approach to Ritual" In: _____. *Culture, Thought, and Social Action*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 123-166, 1985.

MAGNANI, José G. Cantor. "Vai ter música?": para uma antropologia das festas juninas dos surdos da cidade de São Paulo. *Revista Eletrônica de Núcleo de antropologia Urbana da USP – Ponto Urbe*, Ano I, versão, 2007.

MARTELOTTA, M. E.; WILSON, V. Arbitrariedade e Iconicidade. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2010 (pp. 71-86).

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MEINERZ, Nádia E. Corpo e outras (de)limitações sexuais: uma análise antropológica da revista *Sexuality and Disability* entre os anos de 1996 e 2006. In: *REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 25 N° 72*. RBCS, 2010.

MENEZES, Renata de Castro. « Santos, vadias e fetos », *Ponto Urbe* [En línea], 20 | 2017, Publicado el 30 junio 2017, consultado el 05 agosto 2017. URL : <http://pontourbe.revues.org/3486> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3486

MCRUER, R. *Composing Bodies; or, De-Composition: Queer Theory, Disability Studies, and Alternative Corporealities*. jac 24.1 (2004).

MOSCOSO, Melania. La 'normalidad' y sus territorios liberados. In: *Revista Dilemata, Gobierno Vasco*, año 1, nº. 1, 57-70. 2009.

NONAKA, Angela M. *Estimating size, scope, and membership of the speech/sign communities of undocumented indigenous/village sign languages: The Ban Khor case study*. *Language & Communication*, volume 29, 2009. pp. 210- 229.

ONU. Assembleia Geral das Nações Unidas. Declaração Universal dos Direitos Humanos. 1948. Disponível em. Acessado em 10.08.2018.

PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. "Viçosa – mudanças socioculturais; evolução histórica e tendências. Viçosa, MG: UFV, 1990. 300p.

PEIRANO, Mariza. « Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica » ; "A análise antropológica dos rituais". In : _____. *O dito e o feito. Ensaios de Antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro : Relume Dumará, 2001, pp. 7-40. Disponível em : <http://nuap.etc.br/livros/>

PADDEN & HUMPHRIES. *Inside Deaf Culture*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, p. 320. 2006.

PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003.

PERLIN, T.T. Gladis. O ser e o estar sendo surdo: alteridade, diferença e identidade. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, p.451, 2003.

QUADROS, Ronice M. DE.; KARNOPP, Lodenir B. Língua de Sinais Brasileira: Estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. O bi do bilingüismo na educação de surdos In: Surdez e bilingüismo. 1 ed. Porto Alegre : Editora Mediação, 2006, v.1, p. 26-36.

SACKS, OLIVER. Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Ed. Cia de bolso, p. 215, 2015.

ASSIS SILVA & ASSÊNSIO. Setembro Azul: mobilizações nacional a favor das escolas bilíngues para surdos, Ponto Urbe (Online], vol. 9, 2011. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/1966>>. Acessado 10/10/2018.

ASSIS SILVA, et al. Dia do Surdo na Avenida Paulista: etnografando a mobilização política pelas escola especiais, Ponto Urbe (Online], vol. 5, 2009. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/1602>> Acessado 10/10/2018

SILVA ASSIS, César Augusto. Cultura Surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade. In: César Augusto de Assis Silva. São Paulo: Terceiro nome, 2012.

_____. Deficiência e surdez: pragmática de categorias, aproximações e tensões. In: Seminário do Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, 2013.

SOUZA & GEDIEL, Os sinais dos surdos: Uma análise a partir de uma perspectiva cultural. Em: Revista Trab. Ling. Aplic., Campinas, n(56.1): 163-185, jan./abr. 2017) <http://www.scielo.br/pdf/tla/v56n1/0103-1813-tla-56-01-00163.pdf>

STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. 2ª.ed. ver. Ed.: UFSC, Florianópolis, 2009. 133p.

STOKOE. W. C. *Sign Language Structure*. Silver Spring: Linstok Press, 1960.

SANCHIS, Pierre. "A caminhada ritual". *Religião e Sociedade*, (9), 1983, pp. 15-26, junho.

SCHECHNER, Richard. 2006. "What is performance". In: _____. *Performance studies: an introduction*, second edition. New York & London: Routledge, 2006, p. 28-51. (Há tradução em português)

SOUSA, Socorro C. T. & AFONSO, Lília A. Políticas Linguísticas sobre a Libras: As crenças dos estudantes de Letras. *Revista de Letras*, v. 2, n. 35, p. 38-55, 2016.

SOUZA, A. L. S. D.; JÚNIOR, J. T. 2016. O uso de tecnologias (TIC) na produção de material didático bilíngue libras/português na Universidade Federal de Viçosa. *Revista Fórum (INES)*, v. 33, p. 92-109, 2016.

STRATHERN, Marilyn. Out of context: the persuasive fictions of anthropology. In Manganaro, Marc (org.) *Modernist Anthropology: fieldwork to text*. Princeton: Princeton U. P. [pp. 80-122], 1987.

STRATHERN, Marilyn. "The Limits of Auto-Anthropology". In. A. Jackson (ed). *Anthropology at Home*: 16-37. London: Tavistock Publications. In: *O Efeito Etnográfico*: 133-159. São Paulo: Cosac & Naify, [1987] 2014.

TAMBIAH, Stanley. "The Magical Power of Words". *Man (New Series)*, 1968 3(2): 175-208.

VELHO, G. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas (3a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

WACQUANT, Loïc. Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe/ tradução Angela Ramalho – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. 271p.

XAVIER, André Nogueira. De que forma a disciplina “Libras” pode contribuir com a formação de professores para a educação inclusiva? Revista Sinalizar, Goiânia, vol. 3, .2, p. 3-24, jul./dez., 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/55188/26934>>.